



FEITIÇO DO CARIBE

Under the woodoo moon



Laura Leone

Para eles, amar era a única forma de enfrentar o futuro!

Ele estava todo encharcado, quase morto... e não conseguia lembrar-se de nada! Então abriu os olhos e descobriu-se deitado numa praia, olhando para uma linda e exuberante mulher que disse chamar-se Cherish Love. Se não tivesse tão apavorado e confuso, teria tentado seduzi-la ali mesmo...

Cherish custou a acreditar no que estava vendo e nas reações do próprio corpo... Um homem bonito e seminu, deitado na areia, agarrado a um coelho de pelúcia! A gravação na pulseira do relógio dizia que seu nome era Ziggy. Mas como chegara até ali? E quando recuperasse a memória, ele a abandonaria para sempre, deixando-a sozinha de novo?





Digitalização: Tinna
Revisão e Formatação: Ana Ribeiro



Copyright © 1994 by Laura Resnick

Originalmente publicado em 1994 pela Silhouette Books

Divisão da Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato com a Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá.

Silhouette, Silhouette Desire e o colofão são marcas registradas da Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: **UNDER THE WOODOO MOON**

Tradução: Débora da Silva Guimarães

Copyright para a língua portuguesa: 1994 CÍRCULO DO LIVRO LTDA.

EDITORA NOVA CULTURAL uma divisão do Círculo do Livro Ltda.
Alameda Ministro Rocha Azevedo, 346 - 9a ANDAR
CEP 01410-901 - São Paulo – Brasil
Fotocomposição: Círculo do Livro
Impressão e acabamento: Gráfica Círculo.

CAPÍTULO I

Ela o encontrou ao amanhecer, deitado de braços na areia macia, tão perto da água que as ondas lavavam suas pernas a cada movimento rítmico. Caminhava distraída, fascinada pelo brilho do mar caribenho após a noite de tempestade, e só o percebeu quando tropeçou no corpo inanimado.

— Oh! — assustou-se ao cair sobre ele.

— Ei, doutora! — Luke Martinez gritou a cinqüenta metros de distância, a voz perdendo-se no vento forte. Como sempre, não conseguira acompanhar o ritmo de seus passos longos e, portanto, ficara para trás.

— Que diabos...?

— Doutora! — Luke insistiu, correndo para alcançá-la.

— Oh, meu Deus! — ela gemeu, sentindo os primeiros sinais de pânico ao identificar o obstáculo.

— Doutora, você está bem? — Luke gritou, ajoelhando-se a seu lado.

— Meu Deus! — ela repetiu, olhando para o homem inconsciente com expressão horrorizada. O rosto pálido estava voltado em sua direção, e os olhos permaneciam fechados.

— Santa Maria! — Luke apavorou-se. Em seguida censurou-a: — Já disse que não deve andar sozinha antes do amanhecer.

Aos dez anos de idade, Luke insistia em acompanhá-la a todos os lugares para protegê-la dos horrores da ilha, coisas como fantasmas de piratas e monstros marinhos, borboletas negras, duendes e serpentes venenosas. Mas isso era algo que ele não havia imaginado nem mesmo em seus sonhos mais terríveis. Especialmente porque Vodu Caye raramente recebia a visita de algum estranho.

— Ele está morto? — Luke sussurrou.

— Não sei. — A necessidade instintiva de ajudar alguém em apuros

contrastava com o pavor primitivo de tocar um homem morto. Seu diploma não a qualificava para lidar com uma situação como essa.

— O que vamos fazer?

Apavorada, mordeu o lábio e verificou o pulso do homem inconsciente, pousando os dedos sobre seu pescoço. Aliviada, sentiu a pulsação forte do sangue correndo pelas veias e artérias.

— Ele está vivo! — exclamou com euforia.

— E quem é ele? Como chegou aqui?

— Não sei. — O estranho usava um salva-vidas em torno do pescoço, o que obrigava a parte superior de seu corpo a permanecer num ângulo estranho e pouco natural. Estava segurando algo sob o braço esquerdo, mas o que quer que fosse, mantinha-se oculto sob o corpo inerte. — Deve ter vindo parar na praia durante a tempestade. Ele tem sorte por estar vivo.

— Não pode ser muito esperto — Luke criticou. — Nadar ou navegar durante uma tempestade como aquela...

— Duvido que ele tenha planejado enfrentar a tempestade. Venha, ajude-me a virá-lo.

Seguraram o desconhecido pelos ombros e viraram seu corpo castigado, uma ação que produziu um gemido surpreendentemente alto para alguém que não parecia sequer estar respirando há alguns instantes. Com algum esforço, conseguiram remover o salva-vidas e apoiá-lo sobre as costas.

— Doutora! — Luke exclamou.

Estava chocada demais para dizer alguma coisa, embora não soubesse qual revelação a deixava mais perplexa; o coelho de pelúcia que o desconhecido mantinha sob um aperto mortal, ou a mancha de sangue em seu ombro esquerdo que, se não estivesse enganada, havia sido provocada por uma faca.

— Isso não foi mordida de tubarão! — Luke garantiu.

— Não — e afastou o tecido encharcado da camisa, tentando examinar a ferida. O movimento deve ter provocado uma dor intensa, porque ele agitou-se e gemeu novamente.

De repente as pálpebras se abriram, revelando olhos tão cinzentos quanto as nuvens que encobriam o céu. Percebendo seu desconforto, ela murmurou:

— Calma. Está tudo bem.

O alívio amenizou sua expressão por alguns instantes e, em seguida, com grande esforço, ele disse alguma coisa. Sua voz era tão fraca, que ela teve de inclinar-se para ouvi-lo. Os cabelos vermelhos caíram sobre o rosto exausto e seus seios tocaram o ombro direito.

— O que disse?

Ele engoliu com dificuldade e tentou novamente, desta vez mais alto:

— Quem é você?

— Meu nome é Cherish Love.

Ele a fitou por alguns segundos e, para sua surpresa, sorriu com ar divertido e sensual.

— Com toda a certeza — murmurou, antes de desmaiar novamente.

Cherish mandou Luke ao vilarejo e ele retornou minutos mais tarde com dois parentes, pescadores altos e fortes com a pele morena dos ancestrais africanos. Cherish teve a impressão de que eles encaravam a aparição do estranho na ilha como mais uma de suas pequenas excentricidades. Ergueram o corpo inanimado com facilidade e o levaram para a casa que ela havia alugado do pai de Luke.

— Ele vai dar trabalho — Cherish comentou com Luke, assim que os dois homens partiram. — Vou precisar da ajuda de sua avó.

— Vou buscá-la — o garoto prometeu, saindo apressado.

Sozinha com o desconhecido, Cherish examinou-o deitado em sua cama, notando que as roupas molhadas e cheias de areia arruinavam seu único jogo de lençóis. Seguindo os Martinez, que carregaram o corpo forte como se fosse um boneco dê pano, ela havia levado o salva-vidas e o coelho de pelúcia, que ainda segurava pela orelha, a única parte inteira. A tinta rosa do material escorria e manchava sua blusa branca, e ela o depositou sobre uma pilha de jornais velhos que havia juntado durante um mês. O salva-vidas havia sido colocado junto à parede. De acordo com as letras apagadas do material impermeável, o estranho havia viajado num barco chamado Garota Luxúria.

— Aposto que não é um navio do exército — murmurou com ironia, deixando o quarto e dirigindo-se à sala.

O que seria o Garota Luxúria? Uma lancha? Um iate? Um navio de cruzeiros?

Embora não houvesse energia elétrica em Vodu Caye, a casa de Cherish possuía água encanada. Água quente, inclusive, graças ao sistema de tanques de gás substituídos a cada semana. Como o estranho precisava de uma boa limpeza, Cherish começou a encher um balde com água quente e procurou alguns panos limpos. Depois levou os acessórios para o quarto e parou ao lado da cama, estudando o hóspede inesperado.

Além da ferida no ombro, o corpo sofrerá com a prolongada exposição à água salgada. Havia um grande arranhão do lado direito de seu rosto, o olho esquerdo estava cercado por uma grande mancha roxa e o queixo estava ferido. No entanto, nem mesmo os ferimentos podiam diminuir sua beleza.

O rosto era forte e aristocrático, com um nariz reto e uma boca ampla e sensual. A sombra negra no queixo indicava que não barbeava-se há dias, mas todo o resto sugeria um homem vaidoso e bem cuidado. Os cabelos castanhos era curtos, as mãos de dedos longos e unhas bem tratadas, e a camisa e o short eram de boa qualidade. Ao remover seu relógio de pulso, Cherish notou tratar-se de uma jóia cara. Preocupada, viu a pele manchada sob a pulseira de metal e percebeu que o pulso direito possuía vergões semelhantes.

O que poderia tê-los causado? Curiosa, verificou o interior da pulseira do relógio em busca de alguma inscrição, qualquer coisa que fornecesse uma pista sobre sua identidade.

Em voz alta, leu a gravação:

— Para Ziggy, com amor. Catherine. — Olhou para o homem forte deitado em sua cama e repetiu: — Ziggy?

Talvez fosse apenas um apelido. Com um suspiro, deixou o relógio de lado e sentou-se na cama, usando uma tesoura para remover o que ainda restava de sua camisa. Assim que terminou a primeira etapa da tarefa, ensopou um pano limpo em água quente e começou a limpá-lo.

Quem quer que fosse, os músculos desenvolvidos e as mãos fortes indicavam o hábito de trabalhar duro. Ao passar o pano pelos dedos, encontrou pequenos cortes sob a fina camada de areia e compreendeu que o machucara, porque ele murmurou alguma coisa e moveu-se. Mas os cortes tinham de ser limpos e, por isso, não permitiu que ele afastasse a mão da dela.

Ao sentir a pressão mais forte, o estranho abriu os olhos e, confuso,

virou a cabeça para fitá-la.

— Estou machucando você? — Cherish perguntou, percebendo um tom nervoso na própria voz.

— Tudo dói — ele sussurrou com dificuldade.

— Você está muito ferido. — E se houvesse alguma lesão interna? O pensamento não lhe ocorrera até aquele momento. Tentando conter o pânico, consciente do perigo que ele estaria correndo nesse caso, prometeu: — Vou ajudá-lo.

O desconhecido fitou-a, estudando seus cabelos vermelhos, os olhos verdes e a pele pálida. Em seguida baixou os olhos e ela sentiu os seios subitamente comprimidos dentro do sutiã. O estranho seguiu em sua inspeção até encontrar as pernas longas e bem torneadas, visíveis sob o short curto e velho.

Quando finalmente voltou a fitá-la nos olhos, havia uma expressão confusa e atordoada em seu rosto.

— Estou... no céu?

— Não — ela riu. — Você está em Vodu Caye.

— Ah... E você é Cherish Love.

— Isso mesmo.

— Por acaso é uma deusa do Vodu?

— Não — Cherish sorriu. — Nem mesmo uma sacerdotisa. O desconhecido respirou fundo, traindo uma nova onda de dor:

— Estou me sentindo um lixo.

— Posso imaginar. Tente dormir novamente, enquanto eu...

— Ei, doutora! Vovó disse que está vindo agora mesmo! — Luke gritou, invadindo o chalé como um furacão e correndo para perto da cama.

O estranho fitou-o com interesse e ergueu a sobrancelha, notando a pintura azul na testa do garoto.

Cherish também permaneceu em silêncio durante alguns segundos, estranhando o desenho recém-pintado.

— Estou morrendo? — o ferido perguntou.

— Não. Isso é apenas para protegê-lo.

— Do quê?

— De você? — Luke respondeu com a sinceridade cruel das

crianças. — Vovó disse que pode estar cheio de maus espíritos.

— Mas ela ainda nem me conhece!

— Você está deixando o enfermo agitado, Luke — Cherish o censurou. — Vá lá para fora e guarde a porta da frente.

O garoto obedeceu de imediato e, ao virar-se para retomar o trabalho, ela notou que o estranho havia dormido novamente. Ou desmaiado. Não sabia como perceber a diferença. Esperando pelo melhor, continuou cuidando dos ferimentos como podia.

Os dedos mantinham-se fechados em torno dos dela, mesmo no estado de inconsciência, e um calor começava a invadi-los, expulsando o frio assustador que até então dominara seu corpo. Em resposta ao pedido silencioso e inconsciente de ajuda, Cherish segurou a mão dele entre as suas, tentando transferir um pouco de conforto ao pobre homem.

Ele suspirou, virando a cabeça sobre o travesseiro. Sem perceber, Cherish afastou os cabelos que caíam sobre sua testa e aproveitou para verificar os batimentos cardíacos, pousando os dedos na região de seu pescoço. Era delicioso sentir a pele macia em contraste com as calosidades da mão forte e áspera.

Assustada com os estranhos pensamentos, soltou a mão que agarrava-se à dela e levantou-se, retrocedendo dois passos. Em seguida balançou a cabeça e sorriu. Não sabia que seu instinto maternal era tão forte. Sim, porque aquele calor em suas veias não era provocado por desejo, mas por uma necessidade intensa de proteger e cuidar de alguém ferido, sozinho e indefeso.

Mais calma, mergulhou novamente o pano na água quente e foi limpar seus braços, tomando cuidado para não provocar dor ao tocar os pulsos. As marcas lembravam ferimentos provocados por cordas. Teria sido amarrado?

Os bíceps delineados convidavam ao toque e, irritada Cherish sentiu novamente uma onda de calor envolver seu corpo.

Forçou-se a pensar em outras coisas enquanto cuidava do paciente. A julgar pelo sotaque, devia ser americano. Pronunciava as palavras com cuidado, corretamente, o que indicava que também era bem educado. Talvez houvesse freqüentado uma universidade da Costa Leste. Ou, talvez, gostasse de criar aquela impressão aristocrata e, por isso, habituara-se a falar daquela maneira. Já conhecera os dois tipos de

homens, e nunca havia sido capaz de distinguir entre eles.

O peito era forte e amplo, e ela percebeu que não conseguiria limpar suas costas sem ajuda. Sempre que tentava lavar a área em torno de algum ferimento, ele agitava-se e ela interrompia o trabalho, temendo provocar maior sofrimento. Felizmente vovó Martinez chegou depressa.

— O que temos aqui? — perguntou em sua voz melodiosa de Garifuna, os negros caribenhos que haviam levado para a América Central ò seu idioma e sua forma peculiar de falar inglês.

— Oh, vovó! — Cherish gemeu, estendendo a mão para a velha negra e levando-a para perto da cama. Nem os cabelos grisalhos, nem o excesso de peso e a profusão de rugas na pele cor de chocolate podiam diminuir a beleza daquela mulher. A juventude a abandonara há décadas, mas a força espiritual que enchia seus olhos de brilho era cada vez mais intensa. Compreendia coisas que Cherish julgava-se incapaz de entender, e era bom poder contar com sua ajuda. — Ele está ferido no ombro, e o corpo todo está coberto por cortes e arranhões. Talvez haja alguma lesão interna. Não sei como ajudá-lo!

— Relaxe, doutora, ou vou ter de cuidar de dois doentes.

— Posso ver? — Luke perguntou ansioso, seguindo a avó. Como sempre, vovó Martinez encorajou a sede de conhecimentos do neto, e permitiu que Luke ficasse para assisti-la.

— Vamos ter de terminar de despi-lo — disse. — Quem sabe o que pode haver sob esse short?

— Mas... Ele pode não... — Cherish apontou para o rosto adormecido, enquanto a matriarca esperava pacientemente por uma sentença coerente.

Notando que esperava em vão, sorriu e empurrou-a para o lado, dispondo-se a remover o que restava das roupas do desconhecido.

Cherish desviou os olhos, fingindo estar ocupada com os panos úmidos e imaginando de onde viera aquela modéstia estúpida sem propósito. Era óbvio que o short molhado e sujo teria de ser removido! Talvez fosse porque ele a fitara nos olhos e falara com ela. Agora era uma pessoa, e não apenas um corpo ferido. Ou, talvez, relutasse em olhar para qualquer coisa abaixo da cintura do sujeito porque ainda lembrava o calor que havia experimentado ao estudar sua metade superior.

— Bem, nada que não devesse estar aqui — Vovó Martinez

comentou com bom humor. — E muito do que devia estar aqui!

— Vovó! — Cherish censurou-a. — Ele ficaria embaraçado se acordasse agora!

— Os homens gostam de ser admirados, doutora.

— Eu não gosto — Luke protestou.

— Vamos ver se dirá o mesmo daqui a dez anos. Apesar de si mesma, Cherish olhou para a cama. Embora sentisse vergonha por estar admirando o corpo nu de um homem adormecido, não podia conter-se. As coxas eram longas e fortes, e pareciam rígidas e potentes. Conforme vovó Martinez comentara, o sujeito possuía um equipamento admirável, mesmo relaxado. Chocada por estar olhando para algo tão particular, piscou e desviou os olhos rapidamente, encontrando os de vovó.

— Está ficando quente aqui — riu a mais velha. — Acho que não devemos cobri-lo.

— Cubra-o — Cherish disse com firmeza, morta de vergonha.

Para seu alívio, a matriarca jogou o lençol sobre a região mais íntima do corpo inerte e examinou-o com cuidado, assumindo um ar sério e compenetrado.

— Ele foi muito ferido, mas acho que não há nenhum ferimento interno. Estou surpresa por não ter sangrado até a morte! O ferimento no ombro é profundo, mas deve ter começado a coagular assim que ele chegou a índigo Beach — e apanhou um pano embebido em água quente. — Também há um calombo em sua cabeça, mas não há nada que possamos fazer. Está vendo o tornozelo? Ele vai ter de passar alguns dias sem andar. O ombro também precisa ser limpo e tratado imediatamente.

O desconhecido gemeu quando vovó Martinez começou a limpar o ferimento. Quando a dor tomou-se mais intensa, ele recuperou a consciência e olhou para a matriarca inclinada sobre seu ombro. Depois de um momento, respirou fundo e disse com lucidez surpreendente:

— Precisa mesmo fazer isso?

— Sim.

— Não diga. Sonhei com a outra mulher. Ela era uma fantasia, certo?

— Quem? A doutora?

— Ela disse que seu nome era Cherish Love. Acho que estava

delirando.

— Não. Cherish é a doutora — e moveu o corpo para que ele pudesse vê-la. — Está em sua cama, e é ela quem vai cuidar de você.

— Então estou mesmo no céu.

— E o que vamos ver — vovó sorriu, retomando o trabalho de limpeza do ferimento.

Apesar de todo o cuidado, a dor intensa o fez agitar-se e ela instruiu Cherish e Luke para que o segurassem. Foi um alívio para todos quando o desconhecido desmaiou novamente. Satisfeita com a limpeza, vovó suturou o corte com linha fina e agulha esterilizada com álcool e fogo. Por um momento Cherish teve a impressão de que o café da manhã lutava para libertar-se das cadeias de seu estômago, mas a determinação de não parecer fraca diante de uma mulher tão forte venceu o impulso natural.

Mais tarde, sozinha novamente com o estranho, Cherish ouviu sua respiração lenta e lembrou-se do aviso de vovó Martinez sobre uma possível febre alta ao entardecer. Antes de partir, havia conversado com ela durante algum tempo, enquanto queimava folhas secas e fazia um amuleto que prendera ao pé da cama. Também havia deixado poções e instruções, e agora estava em sua casa preparando diversos tipos de chá, que serviriam para aliviar a dor e afastar a possibilidade de infecção e febre.

Agora que ele estava limpo e tratado, o homem já não parecia tão impressionante, embora a sombra em seu rosto o fizesse parecer selvagem e sensual.

Cherish franziu a testa ao tomar consciência do pensamento impróprio. Teria odiado qualquer pessoa que houvesse aproveitado seus momentos de inconsciência para espioná-la, especialmente se soubesse que, durante o processo de espionagem, essa pessoa havia alimentado idéias poucos confessáveis. E mesmo assim, não conseguia desviar os olhos daquele peito forte e amplo, dos músculos firmes de seu estômago ou dos ombros largos e poderosos. Preocupada, puxou o lençol sobre suas pernas e estudou-o durante mais alguns instantes.

Esperava que ele acordasse em breve, e que dissesse quem era e o que fazia no mar durante uma tempestade como a da noite anterior.

A dor e o terror misturavam-se em sua mente, consumindo-o. O mar, normalmente calmo e benevolente, batia contra os flancos do barco

como se quisesse Destruí-lo com sua fúria.

Meu Deus, o que estava fazendo na água?

Preciso sair daqui, preciso sair daqui

Água fria e escura enchendo seus pulmões, envolvendo-o, empurrando-o para o fundo. O mar o mataria, e agora não precisavam mais ter o trabalho de acabar com ele.

Oh, Deus! A dor! A cabeça, a dor...

Sabiam que ainda estava ali? Ou haviam desistido de procurar? Homem ao mar, homem ao mar Ninguém sobrevivia naquela região.

Nadar até escapar, ou fingir que estava morto!

Não podia soltar o coelho. E a outra mão agarrava o salva-vidas. Era sua única chance. Não podia perdê-la!

Oh, a dor! A qualquer instante, não teria mais de fingir-se de morto. Mais uma golfada de água salgada, mais uma batida contra o casco do bote, mais uma gota de sangue perdida no oceano escuro...

Mais medo. Estava apavorado! O mar era repleto de predadores. Com ou sem tempestade, quanto tempo até que um deles sentisse o cheiro do sangue e viesse para atacá-lo?

Deus, sei que errei muito e peço perdão, mas tinha de ser assim? Afogado ou devorado vivo, ou... Ai! Esmagado contra os pedaços do casco de um barco.

E então, com a cabeça prestes a explodir e o ombro doendo com uma intensidade que jamais julgara possível, empurrou o salva-vidas na direção de uma onda e bateu os pés com toda a força que ainda lhe restava. Uma vez, duas, dez... Lutando contra a inconsciência, contra o ardor nos pulmões e a dor no corpo. Quando os músculos começaram a desistir da batalha, obrigou-os a buscar força no sofrimento e continuou. Talvez morresse naquela noite, uma morte horrível e lenta, mas não daria a eles a imensa satisfação de matá-lo.

Quanto ainda faltava para chegar à praia? Pendurou o salva-vidas no pescoço e continuou batendo os pés, agarrando o coelho como se ele representasse a própria vida.

Onda após onda, escuridão, frio... o carinho gelado da morte. Então o corpo desistiu, e nem mesmo sua força de vontade foi capaz de mantê-lo lutando. O que seria? Afogamento, ou tubarão? — Não!

Precisava continuar. Mas o corpo já não podia mais responder à

violenta vontade de sobreviver.

Não!

— Está tudo bem.

— Não! Está tudo perdido!

— Shhh! Acabou. Você está seguro.

— Não, não, não...

— Acorde. Você está salvo.

Mãos frias. Uma voz feminina, suave e macia,

— Não! — Abriu os olhos e um gemido longo e apavorado escapou de seus lábios, segundos antes de reconhecer o rosto inclinado sobre o dele. Estava suando, quente, respirando como se houvesse acabado de ter o sexo mais selvagem de toda sua vida. A dor no ombro era insuportável, e as pontadas na cabeça e no tornozelo ameaçavam enlouquecê-lo. Na verdade, não havia uma única parte do corpo livre da dor. — Cherish — gemeu, esperando confirmar sua presença e agarrar-se à realidade para fugir ao terrível pesadelo.

— Sim, sou eu... Foi só um pesadelo.

A preocupação aumentava o brilho intenso de seus olhos verdes, tornando-a ainda mais linda.

Teria visto uma mulher mais bonita em toda sua vida? Não sabia.

Mulheres bonitas. Outras mulheres. Ah, vamos lá! Qualquer uma. Tinha de conhecer ao menos uma mulher em alguma parte do mundo!

— Você está bem? — Cherish perguntou.

Possuía um halo, como os anjos. Mas já havia dito que aquele lugar não era o céu! Notando a existência de uma penteadeira simples às suas costas, percebeu que havia uma lamparina sobre ela, lançando uma luz dourada sobre sua pele e emprestando o brilho dos rubis aos cabelos vermelhos e sedosos. Umedecendo os lábios com a língua, tentou responder:

— Eu? Bem? Não... Não sei. Sinto dores no corpo todo.

— Vovó Martinez disse que não há nenhuma lesão interna. Estava esperando que acordasse para lhe dar o chá que ela preparou.

— Ela... — e piscou, confuso. — Mas ela disse que você era a médica!

Cherish sorriu:

— E apenas um apelido que os nativos me deram quando cheguei aqui. Sou doutora em antropologia, não em medicina. Não sou capaz sequer de colocar um esparadrapo sobre um corte.

— Oh! — e estudou-a atentamente, notando os seios fartos e as pernas longas e bem torneadas. — Cherish...

— Você precisa descansar.

— Eu sei. Só queria agradecê-la por ter salvo minha vida.

— Não precisa agradecer. Qual é o seu nome?

Ele engoliu em seco, sentindo o estômago contrair-se diante da compreensão súbita dos fatos.

— Eu... eu,.. Eu não sei.

CAPÍTULO II

— A febre chegou — vovó anunciou, examinando o paciente inquieto à luz do sol poente.

— Um homem que não sabe o próprio nome não pode ser muito esperto — Luke comentou com desdém, atento a cada movimento da avó.

— Não devia estar se preparando para ir para a cama? — Cherish indicou, cansada de explicar a amnésia temporária ao garoto.

— Quando ele começou a ficar agitado? — vovó perguntou de olhos fechados, a mão espalmada sobre a testa do desconhecido.

— Há três horas. Quando não conseguiu lembrar o próprio nome, ficou terrivelmente aflito e tentou levantar-se. Foi quando a ferida começou a sangrar novamente. Fiz com que ele bebesse um pouco daquele chá sedativo, e estava tão fraco que adormeceu em seguida. O que isso significa?

— Pode significar muitas coisas. Muitas...

— Eu acho que isso quer dizer que ele não é muito esperto — Luke repetiu. — Navegar no meio de uma tempestade... Esquecer o próprio nome...

— Chega — Cherish censurou-o. — O que devo fazer com ele, vovó?

— Sua cabeça pode estar fraca, mas o sangue é forte e saudável. Ele só precisa de nossa ajuda para começar a recuperar-se. — Depois de alguns exercícios para direcionar energia positiva dos espíritos sobre o doente, instruiu Cherish para passar esponjas com água fria sobre seu

corpo a cada meia hora, até que a febre cedesse. Também devia fazê-lo ingerir uma variedade de líquidos que ela havia preparado em sua casa.

— Será uma longa noite, doutora — Luke preveniu.

— Sim, mas prometo que voltarei amanhã bem cedo — vovó sorriu.

O calor era terrível, os pesadelos, ferozes e a confirmação ocasional de que ainda estava vivo, uma bênção duvidosa. O ombro queimava, e a dor no tornozelo só não o enlouquecia porque as pontadas na cabeça o faziam esquecê-la.

Sonhava com água novamente, água fria e escura atacando-o sem misericórdia, ondas violentas alimentadas pelo vento. O céu abria-se em relâmpagos assustadores, e os trovões ecoavam como se o mundo estivesse chegando ao fim. A chuva caía com tanta força, que perdia o senso de direção. Mais que tudo, temia tubarões e barracudas. Sabia que seriam atraídos pelo cheiro, e quando sentiu algo frio e macio em contato com o corpo, pensou que sua hora havia chegado.

— Não!

E então ela estava lá outra vez. A mulher de carnes macias e rosto rosado como uma ninfa de Rubens, de olhos verdes como os de um gato e seios redondos como um travesseiro aconchegante. Os cabelos vermelhos tocavam seu rosto quando inclinava-se, espalhando uma fragrância doce e suave que agia como um bálsamo sobre seus sentidos aturdidos.

Ela puxou o lençol e uma brisa fria o fez perceber que estava nu. E ela o tocava, banhando sua pele quente com um pano frio e úmido.

— Você tem o toque de um anjo — ele murmurou com voz fraca. A garganta seca doía, e a língua pastosa recusava-se a obedecer as ordens do cérebro.

Ela piscou e fitou-o com evidente surpresa.

— Está acordado. Você dormiu durante cinco horas...

— E está fazendo isso durante todo esse tempo? — surpreendeu-se, olhando para o pano em sua mão.

— De vez em quando.

— Não posso acreditar que perdi essa oportunidade. Por favor, continue.

Ela hesitou, mas acabou molhando o pano novamente e colocando-o sobre seu peito quente.

— O que estava sonhando?

— Por quê? Está querendo dizer que isto não é um sonho? — Uma linda mulher banhando seu corpo nu, massageando sua pele com mãos de fada, e ainda dizia que não era um sonho? O sorriso provocou uma dor intensa que o fez gemer.

— Está doendo? — Cherish perguntou, referindo-se aos movimentos leves que fazia com o pano.

— Não — respondeu apressado, temendo que ela parasse.

— Ótimo! Pelo menos sabemos que não quebrou nenhuma costela.

Incansável, Cherish banhava cada centímetro de pele e virava-se para molhar o pano em água fria.

— Você... — encarou-o e desviou os olhos depressa, encabulada. — Você estava agitado, gritando, como se tivesse pesadelos terríveis. O que estava sonhando?

— Isso — ele riu.

— Isso... o quê?

— Hummm? — Estaria usando sutiã? Não conseguia descobrir.

— Perguntei que tipo de sonho o deixou tão agitado. Reunindo os pensamentos desordenados, ele franziu a testa e tentou lembrar-se.

— Não tenho certeza, Meus sonhos eram sobre... morte, tubarões, uma tempestade... — e parou, tentando transformar as imagens vagas em idéias claras e coerentes. A cabeça começou a doer. Quanto mais tentava recordar o sonho, mais forte tornava-se a dor. — Ohhh... — gemeu, fechando os olhos e pressionando a palma da mão contra a testa.

— Shhhh... Está tudo bem. Não pense mais nisso.

— Por que eu não...? — e silenciou, obrigando-se a recuperar a calma. Respirou fundo e tentou ignorar a dor física, buscando compreender as coisas estranhas que ocorriam em sua mente. Finalmente abriu os olhos e, ao afastar a mão da testa, notou as marcas vermelhas no pulso. Um olhar para o outro braço foi o suficiente para confirmar a existência dos mesmos vergões.

— De onde veio isso? — perguntou.

— Não se lembra?

— Não. Eu... — e olhou para o pulso com ar estupefato. — Isso aqui parece...

— Marcas provocadas por cordas? — Cherish sugeriu. Ele suspirou:

— Queimaduras por fricção.

— Vovó Martinez disse que esses ferimentos cicatrizam depressa.

— Vovó Martinez? Aquela que esteve aqui queimando folhas e cantando coisas estranhas?

— Sim. Ela é uma buye.

— Uma... o quê?

— Uma espécie de feiticeira.

— Está brincando!

— Não.

— Não sabia que essas coisas ainda existiam. Como se consegue um emprego desses?

— Ela foi escolhida, mas não conheço todos os detalhes. Essa é uma das coisas que estou estudando — e acrescentou, notando seu ar confuso: — Sou uma antropóloga, e estou estudando os Garifuna.

— Garifuna? Nunca ouvi falar nisso.

— Eles são...

— Tenho certeza de que são fascinantes, mas onde diabos estamos?

— Vodu Caye.

— Em que país?

— Belize.

— Belize?

— Sim. Entre o México e a Guatemala, no litoral. América Central.

— Eu sei onde fica Belize — ele respondeu, deixando-se cair no travesseiro e olhando para o teto. — Mas o que estou fazendo aqui?

— Onde esperava estar?

— Eu... não sei. Belize? — insistiu, mais confuso que nunca. — Eu nasci aqui?

— Não. Acho que você é americano.

— Graças a Deus! Nenhuma ofensa aos habitantes locais, mas acho que já tenho problemas demais. Não gostaria de acordar e descobrir que faço parte da república das bananas.

— O termo não é apropriado... — e mordeu o lábio, mergulhando o pano na água molhada. — Ainda não conseguiu lembrar seu nome?

— Não. Não é estranho? Está na ponta da língua — e fechou os olhos, tentando convencer-se de que dizia a verdade. — Vou me lembrar a qualquer minuto.

— Lembra-se de alguma coisa? Sua família? De onde veio? Qual é sua profissão? O que estava fazendo no mar numa noite como a de ontem?

As pontadas na cabeça voltaram a incomodá-lo, brutais e insistentes. Embaraçado com o tom rouco da voz, ele respondeu:

— Não. Nada.

Cherish levantou-se, virou-se de costas para o hóspede e caminhou até a penteadeira. O corpo perfeito o fez imaginar por que uma mulher destinada a dar prazer aos homens estava vivendo num lugar tão distante, numa Cabana espartana, dormindo numa cama onde mal podia acomodar os ombros.

Então ela aproximou-se e, mostrando um relógio de pulso, anunciou:

— Você estava usando isto. Ele apanhou a jóia e exclamou:

— Essa coisa deve valer doze ou treze mil dólares!

— Sabe qual é o valor do relógio?

— E claro que sim! Eu estava usando isto? É meu?

— Há uma inscrição gravada na pulseira.

Ele examinou-a e, franzindo a testa, estranhou:

— Ziggy?

— Parece familiar? É o seu nome?

— Ziggy? Acha que tenho cara de... Ziggy?

— Bem, até recuperar sua memória, é assim que terei de chamá-lo.

— Ziggy...

— E o outro nome? Catherine. Lembra-se de alguém com esse nome?

— Não, mas deve ser alguém que me ama muito. Este relógio vale uma fortuna!

— Se ela o ama, então deve estar atrás de você. A menos que tenha morrido na tempestade da noite passada.

Confuso, ele a encarou durante alguns segundos e perguntou:

— Como podemos descobrir? Não pode entrar em contato com a Embaixada americana, a guarda costeira ou outra entidade qualquer?

— Não temos sequer um rádio em Vodu Caye. Os ventos ainda são fortes mas, assim que o tempo melhorar, pedirei a um dos pescadores que me leve até Rum Point, no continente. Então poderei usar o telefone para descobrir alguma coisa.

— Ótimo. Obrigado, Cherish.

— Por nada, Ziggy.

— Ziggy...

Fitaram-se por alguns instantes e ele perguntou-se se não devia estar sentindo culpa pelas idéias que o assaltavam naquele momento. Haveria realmente uma mulher apaixonada por ele em algum lugar? E estaria viva? Ficaria magoada ao tomar conhecimento das coisas que sentia quando Cherish tocava seu corpo dolorido?

— Você parece cansado — ela comentou, pousando a mão sobre sua testa. — E ainda tem febre. Acho que devia beber mais um pouco do chá de vovó Martinez e depois dormir.

Ziggy suspeitava de que aquele chá continha substâncias proibidas em países mais civilizados, mas não estava em condições de discutir as leis de repressão a entorpecentes com seu anjo salvador. Antes de adormecer novamente, imaginou se já existiria outra mulher com o poder de envolvê-lo com um simples toque.

Cherish cochilou na cadeira incômoda, atenta ao enfermo que, inquieto, virava-se e gemia num sono agitado. Murmurava coisas sem sentido e fazia ameaças furiosas, mas o medo sempre contorcia seu rosto suado e o obrigava a calar. As pernas debatiam-se com violência sob o lençol que cobria seu corpo nu.

Depois de duas horas, Cherish foi subitamente surpreendida por um grito aflito. Ziggy estava tentando sair da cama novamente, mas desta vez não parecia totalmente consciente.

— Ziggy! — chamou em voz alta, imaginando se ele reconheceria o nome. — Acalme-se! Volte para a cama.

Suando e murmurando coisas estranhas, ele sentou-se e colocou os pés no chão, emitindo um grito angustiado ao tentar apoiar o peso do corpo sobre o tornozelo ferido.

— Ziggy! — ela o segurou pelos ombros, tentando sacudi-lo. Era como sacudir um tanque de guerra.

— O coelho! O coelho!

— Que coelho? — e em seguida lembrou-se, surpreendendo-se com o absurdo do pedido. — Vou buscar o seu coelho. Deite-se e trate de ficar quieto.

— Eu preciso ir buscar... Tenho de sair daqui...

— Ziggy...

— Não! — e empurrou-a, jogando-a contra a penteadeira.

— Agora chega! Pare com isso!

Seria capaz de obrigá-lo a deitar-se, ou devia assumir o risco de deixá-lo sozinho por alguns instantes, enquanto ia buscar socorro na casa dos Martinez?

A decisão foi tirada de suas mãos. Ziggy ficou em pé, tentou dar um passo, mas tropeçou no lençol enroscado em suas pernas. Pressentindo o desastre, Cherish reagiu instintivamente e atirou-se na direção dele, tentando ampará-lo antes que novos ferimentos fossem acrescentados aos primeiros. Infelizmente ele era muito maior, e os dois caíram no chão de madeira sem brilho.

— Saia de cima de mim! Está me sufocando! — ela gemeu. O ataque de nervos parecia ter esgotado o que ainda lhe restava de forças, porque ele permaneceu imóvel e ofegante, o rosto enterrado em seu pescoço.

— Oh, Deus — murmurava. — Oh, Deus...

Não sabia se ele estava acordado, mas o terror em sua voz era impressionante. O que havia acontecido na noite passada? Dominada novamente pelo instinto maternal, abraçou-o e usou uma das mãos para afagar seus cabelos molhados de suor. Se pudesse acalmá-lo, talvez ele dormisse novamente e, então, pensaria numa forma de colocá-lo na cama.

— Shhh — sussurrou, os dedos massageando o couro cabeludo. — Está tudo bem. Você está seguro.

Os corpos estavam tão perfeitamente alinhados, que a blusa e o short não ofereciam proteção para o suor que molhava o peito musculoso, e que a atingia como se ambos estivessem nus.

— Oh, Deus, não posso fazer isso! — ele suspirou, a voz rouca e profunda.

Cherish abraçou-o com mais força, tentando tranqüilizá-lo:

— É claro que pode...

Tentou imaginar as imagens terríveis que dançavam em sua mente, a dor, o medo, o horrível e violento confronto com a morte numa noite de tempestade.

— Agora está seguro — murmurou em seu ouvido, afagando seus cabelos com ternura. Era uma mulher sentindo-se aliviada, feliz e agradecida por ter salvo a vida de um homem, apesar de todas as dificuldades.

Sentiu que a respiração dele mudava de ritmo, tornando-se mais lenta e profunda, expandindo seu peito e relaxando os ombros. Ele moveu a cabeça, e a barba por fazer provocou uma estranha sensação na pele delicada de seu pescoço. Agora ele parecia mais calmo e consciente, e à mão que antes cerrara-se num gesto ameaçador abriu-se sobre sua cintura. A princípio ele apenas a afagou rapidamente, como se quisesse pedir desculpas por tê-la assustado, e depois deixou-a quieta sobre sua pele, irradiando o calor da febre.

— Você está bem? — Cherish perguntou.

Não houve nenhuma resposta, mas ele esticou as pernas e um dos braços, de forma a remover parte do peso de cima dela. Apesar da fraqueza, recobrara o controle sobre si mesmo. E, a medida que ele conseguia controlar seus sentidos, Cherish sentia que a sensação de alívio evaporava.

— Ziggy? — murmurou, sentindo-se vulnerável sob o corpo de um estranho. — Ziggy?

— Hummm?

Quando os lábios quentes tocaram a ponta de sua orelha, Cherish teve a impressão de que ia desmaiar. Um arrepio intenso sacudiu seu corpo, como se uma descarga elétrica houvesse sido aplicada sobre sua pele.

— Ziggy? Não... Não... — Se pelo menos pudesse obrigar o ar a voltar aos pulmões, diria a ele que parasse. Certamente diria! i

Ele afagou seus cabelos e murmurou alguma coisa incompreensível em seu ouvido, movendo as mãos lentamente sobre seu corpo até que uma deles encontrou um obstáculo natural. A curva dos quadris. Enquanto beijava seu pescoço, Ziggy voltou a acariciar seu corpo até alcançar um dos seios, tocando-o como se quisesse gravar seu formato na memória.

Estava perdida! Perdida na força daqueles ombros nus e nas

carícias deliciosas daquela mão, no mistério doce e úmido do sabor do primeiro beijo. Incapaz de conter a reação violenta, ofereceu os lábios e retribuiu com ardor.

As coisas aconteceram muito depressa. Ele gemeu e beijou-a mais profundamente, e seu corpo respondeu ao estimulo de imediato. Cherish sentiu a presença rígida e repentina entre eles, a pulsação acelerada e a tensão dos músculos, e reagiu como se um incêndio a queimasse por dentro. Sem saber como havia acontecido, descobriu-se apoiada contra a parede, tentando equilibrar-se e olhando com absoluta perplexidade para o companheiro nu.

Ele estava deitado no chão, a parte inferior das pernas enroscada no lençol e o peito ofegante.

Os olhos se encontraram. Cherish abriu a boca para dizer alguma coisa, mas descobriu que não seria capaz de romper o silêncio. Além do mais, não sabia o que dizer. Depois dos instantes mais embaraçosos de seus vinte e nove anos de vida, notou que a compreensão surgia lentamente em seu rosto, banindo a sensualidade e substituindo-a por um ar... divertido!

Ziggy resmungou alguma coisa e moveu-se devagar, removendo o peso do ombro ferido. Nu, coberto por uma fina camada de suor, o corpo ferido e a barba por fazer, parecia um soldado que acabara de satisfazer-se em algum bordel dos tempos da guerra.

— Meu Deus! — ela exclamou.

Devia ter pensado nisso antes. Havia presumido tratar-se de um turista americano inofensivo, ou um navegador que perdera-se durante a tempestade, mas agora percebia que ele podia ser um daqueles homens violentos e cruéis que habitavam a América Central, mais perigosos que os nativos selvagens.

— Não se preocupe — ele disse, sorrindo de maneira absolutamente impertinente. — Sabia que era você. Mesmo antes de começarmos...

— Nessas circunstâncias, duvido que isso sirva como consolo. — Notou que a ferida no ombro havia sido novamente aberta pelos movimentos descuidados e, com tom frio, indicou: — Você está sangrando.

— Vou sobreviver. — A falta de cuidado com a própria saúde reforçou a idéia de que podia ser um aventureiro sem escrúpulos. Todos

os homens que conhecia ficariam assustados e solicitariam ajuda em suas condições. E no entanto, ele ignorava o ferimento, preferindo manter os olhos fixos em seu rosto. Devia estar acostumado a ferir-se. Ziggy suspirou com uma ponta de remorso e disse: — Bem, acho que vou ter de voltar para a cama sem a sua ajuda, não é?

— Acho que pode chegar lá sozinho.

— E eu acho que prefere me deixar dormindo no chão a ter de tocar meu corpo novamente. Sei que não está interessada em minha opinião a seu respeito, mas você beija como ninguém.

— Por favor, não...

— É verdade — ele insistiu, incapaz de esconder o quanto divertia-se com a situação. — Normalmente não costumo me entregar depois de um ou dois beijos.

O comentário a fez erguer o corpo com tanta rapidez, que as costas chocaram-se contra a penteadeira.

— Lembra-se de alguma coisa? — perguntou, o rosto quente e vermelho. — Lembra-se... Bem, lembra-se de ter feito...? Ah, você sabe! E então? Lembra, ou não?

— Ei... — ele ergueu o corpo sobre o cotovelo menos dolorido e encarou-a com ar sério. A concentração evidente, a disposição de invocar lembranças, cenas, qualquer tipo de memória, a fez ver um novo lado do homem a quem chamava de Ziggy.

Agora parecia inteligente, muito mais do que ousaria imaginar. Em sua experiência, os homens dividiam-se em dois grupos: intelectuais que nunca davam atenção ao corpo, e atletas que preferiam suportar a tortura física a enfrentar um minuto de reflexão. Considerando o bronzeado de Ziggy, esperava que ele fizesse parte da segunda categoria. Mas agora o via concentrado, pensativo, e reconhecia o próprio engano.

— Por um momento cheguei a ter um... Não sei, uma espécie de sentimento familiar. Tocar uma mulher, fazer amor... Senti que já havia feito isso antes. E muito! Como se tivesse bastante... experiência. — Encarou-a, e o ar sério desapareceu novamente sob o sorriso divertido. — Qual foi sua impressão, doutora? Acha que eu sabia o que estava fazendo?

— Talvez sua memória retorne com um pouco mais de repouso.

— Não sei... Acho que o movimento foi mais estimulante que o

descanso. Por que não tentamos mais um pouco?

— Acho que já movimentou-se demais. Volte para a cama, enquanto vou esquentar mais um pouco daquele chá. Você ainda tem febre.

— Bem, se não quer me ajudar...

Cherish afastou-se com passos firmes e dirigiu-se à cozinha. Esquentou o chá enquanto ele resmungava, gemia e praguejava no quarto ao lado, arrastando-se até a cama de maneira muito mais teatral do que era necessário.

Observando a infusão ferver na pequena chaleira, Cherish só conseguia concentrar-se em um pensamento. Quem era Ziggy, e o que faria com ele?

CAPÍTULO III

Ziggy bebeu o chá e adormeceu em seguida, enquanto Cherish permanecia atenta e vigilante. Agora dormia mais tranqüilo, o que significava que a febre podia ter cedido. Podia... mas não o tocaria para descobrir.

Não era cega, e notara como ele a olhara durante os breves instantes de consciência.

Não tinha culpa de sua aparência, mas sabia o que os homens viam quando olhavam para seu corpo. Os seios fartos, a cintura fina, os quadris arredondados, as pernas longas, os cabelos vermelhos e os olhos verdes. Graças a uma combinação rara de cromossomos, havia sido perseguida pelos homens desde os quatorze anos de idade, e isso a fazia sentir raiva de todo o gênero.

Sua mãe, uma romântica incorrigível, costumava dizer que a vida não valia nada sem um grande amor, e que precisava encontrar um homem capaz de amá-la de verdade para diminuir o peso das lutas diárias.

Só não lhe ensinara como poderia reconhecer o amor verdadeiro, se todos os rapazes que conhecia pareciam ansiosos para jogá-la no banco traseiro do carro.

Quando o homem certo aparecer, você saberá. Essa era a opinião de seu pai.

— Como, papai? — havia finalmente perguntado, incapaz de suportar as frustrações contínuas. Aos dezenove anos, começara a perder a esperança de conhecer algo mais terno que mãos rápidas é

indecentes. — Como posso olhar nos olhos de um rapaz e saber se é sincero, se todos eles insistem em manter os olhos nos meus seios?

Não havia sido a pergunta mais adequada para se formular a um pai. Normalmente tomava o cuidado de não mencionar suas experiências com o sexo oposto com os membros da família, porque não queria ver o pai na cadeia por ter assassinado metade dos rapazes da universidade.

— Seu pai também olhava para mim desse jeito quando éramos jovens — dissera a mãe. Nessa época, Cherish completara vinte e um anos, e já estava cansada de ser o alvo de todos os olhares lascivos do campus.

— E você se casou com ele?

— Era tão romântico!

— Mas... mamãe, todos olham para mim desse jeito!

Deixara de reclamar sobre os comentários e as piadas picantes, pois julgara-se crescida demais para ser confortada pelo colo materno. Além do mais, uma, mulher que batizara a filha com o nome de Cherish Love, certamente acreditava que todas, as uniões eram motivadas por intenções românticas, e não por hormônios descontrolados.

A solução para o seu problema havia sido a academia. Homens eram homens, quaisquer que fossem suas profissões, mas alguns eram tão intelectuais, tão divorciados de seus sentidos, que a reação que tinham diante dela era quase imperceptível. E claro que tivera de suportar alguma descriminação. O primeiro dia numa nova sala de aula do mestrado era sempre igual. O professor a confundia com uma chefe de torcida e a mandava para o ginásio. Também soubera que não havia recebido uma bolsa de estudos, embora suas notas fossem excelentes, porque os professores haviam decidido que uma mulher com aquele corpo jamais poderia ser uma antropóloga séria.

Outras lembranças, mais amargas e tristes, surgiram em sua mente. A posição de professora em Barrington College, um cargo que deveria ter sido seu. Furiosa, jogou a panela na pia da pequena cozinha com violência desnecessária.

Como sentia-se feliz por estar em Vodu Caye. Experimentava uma gratidão renovada por Grimly Corridor, seu supervisor e diretor do Instituto de Pesquisa da Cidade de Belize. Excêntrico e idoso, cheio de lembranças sobre a época da escravidão, Corridor sempre a tratara

apenas como uma jovem antropóloga. Era obstinado, obcecado, exigente e rude, mas jamais a desrespeitara ou tentara seduzi-la, e nem insinuara que era bonita demais para ter alguma inteligência.

É claro que possuía todas as necessidades de um ser humano comum. Além do mais, sua mãe vivia exaltando o amor, um sentimento glorioso e indispensável à vida.

— Eu me casei com um homem chamado Love, Cherish — ela dizia. — Encontre alguém, e será muito mais feliz.

— Sim, mamãe. Pode me passar as batatas, por favor?

Depois de tanta insistência, Cherish tivera um amante durante o último ano do curso de mestrado. Escolhera com cuidado, e acabara nos braços de um estudante de arqueologia tímido e distraído, que jamais ficava excitado diante de uma mulher, a menos que ela fosse muito mais velha. Velha como uma múmia egípcia.

A escolha havia sido segura. Ele era delicado, gentil e discreto. Se era aborrecido, se esquecera sua existência um mês depois do rompimento, pelo menos jamais a fizera sentir-se como um objeto sexual, um animal caçado ou uma... uma garota de capa de revista. Não tentara jogá-la no chão vinte e quatro horas depois de conhecê-la, e nem a beijara como se quisesse devorá-la.

Decididamente, precisava mostrar a Ziggy quem dava as ordens naquela casa! Era verdade que havia conseguido algo que nenhum homem jamais conseguira. Apesar de estranho, a fizera abraçá-lo como se houvesse espalhado cola nas mãos, Mas isso não tinha importância. Estava cansada, despreparada, e ele empregara certas técnicas que não conhecia. Mas agora estava prevenida, e isso não voltaria a acontecer. E se ele tinha alguma esperança de repetir a dose... Possuía quinze anos de experiência no trato com o sexo masculino, e certamente podia lidar com uma vítima de amnésia.

Ao lembrar-se da perda de memória de Ziggy, seus pensamentos tomaram outro rumo. Quem era ele? Por que não conseguia lembrar-se de nada? Quem era Catherine? O que era o Garota Luxúria?

O que fariam se ele não conseguisse recordar quem era e de onde viera?

— Onde está meu coelho?

Assustada, Cherish derrubou o bule que estava segurando e virou-se, encontrando seu paciente em pé na porta do banheiro. O lençol

estava enrolado em torno de sua cintura, e ele encostara-se no batente para não apoiar o peso do corpo no tornozelo lesado. Era a primeira vez que o via em pé, e impressionou-se com seu porte físico. O corpo era uma escultura viva de músculos e pele bronzeada, apesar das feridas e arranhões; a presença, a postura, as maneiras, tudo indicava um homem confiante e seguro, habituado a conquistar tudo o que desejava.

— Está acordado — Cherish comentou, sentindo-se tola por não ter dito algo mais inteligente.

— Depois do barulho que fez com essas panelas, a ilha inteira deve estar acordada.

— Parece que estamos um pouco irritados, não é?

— Onde está meu coelho?

— Coelho?

— Sim, coelho. O meu coelho! — ele repetiu com impaciência. — Sei que ainda o tinha quando me encontrou na praia. Onde ele está?

— Eu... — e hesitou, tentando lembrar-se de onde havia colocado aquela coisa horrorosa.

— Não jogou meu coelho fora, jogou?

— Não, eu... Ah! Já sei! — e foi buscá-lo sobre a pilha de jornais velhos onde o deixara. Segurando-o pela orelha, suspendeu-o e comentou: — Ainda está ensopado.

— Dê isso aqui! Não acredito que tenha tirado o coelho de mim!

— Um homem da sua idade, carregando um coelho de pelúcia!

— Você não sabe qual é minha idade — respondeu, tomando o coelho das mãos dela e estudando-o com ar crítico.

— Trinta? Trinta e dois?

— Responderei assim que me lembrar.

— Nenhum sinal da memória?

— Lembro-me nitidamente de coisas que aconteceram nesta casa.

Os olhos encontraram-se e Cherish sentiu-se mergulhar na profundidade daquelas pupilas cinzentas. Incapaz de ocultar um tremor, desviou o rosto e disse:

— O que há de tão importante, nesse coelho, Ziggy? Ele é horrível!

— Eu sei.

Era um boneco gordo e cor de rosa, desbotado depois do longo

mergulho no mar caribenho. O rosto era branco, e uma mancha vermelha fazia o papel de boca. Os olhos eram representados por um botões, e um deles perdera-se em algum momento da aventura no mar.

— Guatemala;— Cherish comentou, lendo a etiqueta presa ao pescoço do brinquedo. — Você quase morreu. Ficar agarrado a essa coisa podia ter lhe custado a vida, Ziggy. Por que o coelho é tão importante?

— Não sei — e estudou o coelho atentamente, sem sequer perceber que o lençol havia escorregado da cintura até os quadris.

Cherish não foi capaz de desviar os olhos do ventre plano e musculoso, da cintura proporcional e do peito amplo e forte.

— O quê? — Ziggy perguntou com ar confuso.

— Hummm?

— Você fez um ruído estranho. Disse alguma coisa, ou foi só um barulho?

— Talvez deva sentar-se. Seu tornozelo ainda está inchado, e não deve sobrecarregá-lo.

— Pode me ajudar a ir até a mesa? — e piscou várias vezes, notando que ela hesitava. — Prometo que será apenas um ato de caridade.

— Muito bem. Vamos lá.

Ele apoiou o braço direito sobre seus ombros. Cherish passou o braço em torno de sua cintura nua e sentiu o calor da pele sob os dedos. Ziggy possuía um cheiro bom demais para alguém que passara horas mergulhado em água salgada, e que suara com abundância durante duas noites seguidas. Era bom demais para um homem que a tratara como um objeto sexual na noite anterior. A medida certa... Para quê?

Ziggy acomodou-se em uma das cadeiras da cozinha e ajeitou-se com cuidado.

— Não há nenhuma peça de mobília confortável nesta casa? — perguntou. — Uma cama de pregos seria mais aconchegante que a sua, e essas cadeiras parecem ter saído de uma sala de ensaios de Nova York. O tipo de lugar onde atores magros e desempregados sentam-se e fingem serem importantes.

— Já esteve em Nova York? — Cherish perguntou depressa, sentando-se diante dele.

— Eu... Sim! — e fitou-a com alegria, os olhos alertas e intensos. — Sim, conheço Nova York!

— Mora lá?

— Não sei. Posso ver as ruas em minha mente. Conheço todos os pontos mais importantes... O Empire State Building, o prédio das Nações Unidas, o World Trade Center, o Lincoln Center, Times Square, o Plaza Hotel... Há uma loja no centro da cidade que só vende preservativos.

Cherish piscou, confusa:

— Não consegue lembrar de nada mais pessoal? Lugares onde tenha se hospedado, comido, comprado... Além da loja de preservativos, quero dizer. Alguém que o conheça? Catherine, por exemplo?

Ele franziu a testa e, depois de alguns instantes, levou a mão à cabeça e gemeu de dor.

— Por que sinto tanta dor quando tento me lembrar de alguma coisa?

— Fique calmo. Já li a respeito disso, e acho que o nome é amnésia psicogênica.

— Gostaria que não houvesse dito a palavra amnésia. Parece sério demais...

— É apenas uma perda de memória temporária. O material esquecido ainda está em sua cabeça, abaixo do nível de consciência. Vai conseguir recuperá-lo eventualmente.

— E por que não posso recuperá-lo agora?

— Não sei.

— Cherish!

— Eu apenas li a respeito do assunto, e entendi muito pouco do material que...

— Cherish!

— Você deve estar sofrendo de uma desordem dissociativa.

— O que aconteceu com a amnésia?

— Amnésia é uma desordem dissociativa. A vítima...

— Precisa usar a palavra vítima?

— Bem, o paciente passa por uma experiência tão severa e traumática, que precisa dissociar-se dela para... continuar vivendo. Pode ser um desastre natural, um sofrimento físico ou a ameaça de um

ferimento, morte ou tragédia.

Ziggy olhou para o ombro, que já precisava ser limpo novamente.

— Parece que andei suportando várias das coisas que mencionou.

— Isso mesmo. E sua mente bloqueou tudo o que aconteceu. Facada, tempestade, afogamento... Quem sabe o que mais? Ás informações ainda estão todas em sua cabeça, e por isso tem pesadelos. O problema é que, ao suprimir os horrores daquela noite, você também suprimiu todas as informações pessoais a respeito de si mesmo.

Depois de alguns instantes de silêncio, ele sorriu e perguntou:

— E quanto tempo isso pode durar, doutora?

— Bem... É possível que seu subconsciente tenha decidido nunca mais recordar os eventos daquela noite.

— E o resto da minha vida?

— Não sei, Ziggy. Acho que, na maioria dos casos, a memória acaba voltando eventualmente. Se estivesse num ambiente conhecido, cercado por amigos ou familiares, tudo seria muito mais fácil. Infelizmente você não tinha um único documento nos bolsos. Hoje irei ao continente e usarei o telefone para tentar descobrir alguma coisa. Ei! O que significa o nome Garota Luxúria?

— Garota Luxúria? — e sorriu novamente. — Posso me atrever a dizer a verdade? Você, às três horas da madrugada...

— Ziggy! De acordo com o salva-vidas que estava pendurado em seu pescoço, você estava num barco chamado Garota Luxúria. Se conseguirmos encontrar alguma pista da embarcação, talvez possamos descobrir quem é você.

— Uma idéia animadora.

— E sua memória pode retornar a qualquer momento, também.

— Mas... por que sei tantas outras coisas? Sou capaz de dizer o nome de todos os estados dos Estados Unidos e suas capitais. Conheço a obra de Shakespeare e recitei alguns trechos hoje de manhã, quando acordei. Sei que a penicilina é originária do bolor, que o muro de Berlim foi derrubado e que George Bush não conseguiu reeleger-se. Como posso saber todas essas coisas e ignorar meu nome? Por que não consigo recordar quem sou, ou quem é Catherine, ou o que é o Garota Luxúria?

Sua frustração a fez sentir uma enorme necessidade de ajudá-lo. Era óbvio que não estava habituado a sentir-se indefeso.

— E o coelho? Não consegue fazer nenhum tipo de ligação com o brinquedo?

Deus não permitisse que o boneco houvesse pertencido a alguma criança perdida naquela terrível tempestade.

— Não sei — ele respondeu, girando o animal de pelúcia entre as mãos. — Acordei pensando nesse coelho, certo de que precisava saber onde ele estava e tê-lo comigo, seguro e protegido. Por que eu me importaria em manter essa coisa horrível segura e protegida?

— Não... Não pode ter pertencido a alguém importante? — Cherish, eu jamais teria dado algo tão horrível a alguém querido. Sei o que está pensando. Se eu tivesse um filho, compraria seus brinquedos em FAO Schwartz.

— Talvez não possa pagar pelos brinquedos de FAO Schwartz.

— Nesse caso, eu não teria lutado tanto para escapar da morte. Não, Cherish. Não sei quem sou, mas tenho certeza de que sou rico.

— Se você acha... — ela respondeu, lutando para conter o riso que talvez o ofendesse.

— Eu estava usando um relógio de doze mil dólares!

— Que talvez nem seja seu.

— Está dizendo que posso ter roubado o relógio?

A pergunta provocou um imenso desconforto, e Cherish tentou evitar uma resposta.

— Preciso ir ver se alguém pode me levar a Rum Point ainda esta manhã!

— Você não respondeu.

— E você devia ir tomar um banho.

Tentou passar por ele, mas Ziggy a segurou pelo braço com força surpreendente para alguém tão profundamente ferido.

— Responda!

Os olhos, antes tão expressivos, tornaram-se frios como o aço, e o arranhão na face direita, aliado à mancha roxa em torno do olho, o faziam parecer um pirata cruel e perigoso. Cherish agitou-se, mas respirou fundo e conseguiu conter a ansiedade.

— Não sei o que pensar — disse. — Você pode ser um americano

rico, atacado por piratas do Golfo ou traficantes de drogas. Ou... — e encolheu os ombros. — Realmente não sei.

— Mas está imaginando que tipo de homem aparece numa praia, quase morto, com um ferimento de faca no ombro e sem nenhum documento pessoal.

— Não havia nada nos bolsos de seu short. Encararam-se por um longo instante de tensão. A mão em seu braço foi relaxando gradualmente, e a ameaça transformou-se numa carícia. Os dedos eram quentes e firmes, e Cherish tornou-se intensamente consciente do lençol em torno de sua cintura, insuficiente para cobrir todas as partes que devia esconder. Ele irradiava energia, calor, e uma sexualidade tão potente e declarada, que a envolvia por completo, a ponto de não permitir que se afastasse.

Mais uma daquelas súbitas mudanças de expressão, e seus olhos brilharam com um surpreendente toque de humor:

— Nada? Revistou meu short e não encontrou nada? Se ainda estiver interessada, doutora, posso provar que está enganada.

Cherish sentia-se paralisada pelo olhar intenso e pela promessa silenciosa das mãos que a tocavam. Ofegante, sussurrou:

— Como pode pensar em... em sexo, numa hora como esta? Ele encolheu o ombro e inclinou-se em sua direção, abraçando-a e umedecendo os lábios para um beijo.

— Talvez eu seja sempre assim. Mas, para dizer a verdade, tenho uma forte impressão de que a culpa é sua, doutora.

Chocada, Cherish afastou-se e percebeu que ele rangia os dentes para conter a dor provocada pelo esforço de segurá-la. Mais cuidadosa, deu dois passos à frente e encarou-o com ar de censura, sentindo-se ofendida e magoada... e mais tentada do que podia admitir.

— Eu não quero ser culpada.

— Eu sei — ele comentou, sentando-se novamente. — Mas você tem uma qualidade, doutora Love, que me faz esquecer que estou doente e ferido. E tem um jeito de me olhar, que as vezes chego a imaginar que também esqueceu meu estado... debilitado.

Felizmente não teve de pensar numa resposta razoável, porque vovó Martinez e Luke chegaram nesse momento e entraram sem bater, cheios de energia e carregando uma grande cesta de comida.

— Vovó fez mingau de aveia — Luke anunciou, baixando a voz para

dizer a Ziggy: — Aposto que não ia querer a comida da doutora.

— É bom vê-lo acordado — vovó sorriu para o paciente.

— Como está se sentindo?

— Muito melhor — Ziggy admitiu. — E sei que devo minha recuperação a você, vovó.

— Este é meu neto, Luke.

— Já conseguiu lembrar seu nome? — o garoto perguntou.

— Nós achamos que é Ziggy — ele respondeu.

— Ah! — Luke exclamou entusiasmado, como se acabasse de descobrir que o sujeito não era tão estúpido quanto imaginara. — É um bonito nome.

— Não sei se é bonito, mas é o único que tenho no momento.

— Lembrou-se de mais alguma coisa? — vovó quis saber.

— Não — e olhou para Luke. — É por isso que o menino ainda tem a cruz azul pintada na testa? Acha que algum mau espírito roubou minha memória?

— Talvez — a mais velha admitiu, abrindo a cesta de comida. — Ou, talvez, os tenha encontrado frente a frente e jogado as lembranças no mar para esquecer o que viu.

— Não posso ficar para o café, vovó — Cherish anunciou. — Tenho de encontrar alguém para me levar a Rum Point. Quero usar o telefone para falar com o escritório do doutor Corridor e com a Embaixada americana em Belize.

— Ziggy não poderá viajar durante algum tempo — vovó avisou.

Talvez, mas estava disposta a livrar-se dele na primeira oportunidade. E pelo brilho que ele tinha nos olhos, já havia notado suas intenções. Evitou encará-lo novamente e recolheu vários itens que podia precisar na viagem, partindo em seguida.

Ziggy estava faminto, e não sabia quando havia comido pela última vez. Elogiou a comida de vovó Martinez e devorou-a com suco fresco e café forte, enquanto conversava com a criança negra que o observava com fascínio evidente.

Esperto, Ziggy fez o possível para discutir o assunto que mais lhe interessava,

— A doutora? Ela está aqui há seis meses — Luke contou. — E deve ficar no mínimo dois anos.

— Ela tem um namorado?

— É claro que não! Ela é uma garota séria. Nada de homens, exceto o doutor Corridor, para quem ela sempre escreve e telefona. Parece que é o chefe dela.

— Vamos ver esses ferimentos — vovó comunicou com tom firme. — Diga a doutora que limpe novamente esses curativos esta noite, antes de colocá-lo na cama — e sorriu, fingindo-se inocente. — Ela precisa de um homem para animar sua vida.

— Por que está tão interessado na doutora? — Luke quis saber.

— Porque não tenho tido muito em que pensar. Não consigo me lembrar de nada!

— Luke ficará aqui com você o dia todo. Cherish deve demorar, e não pode ficar sozinho. Ele vai lavar as roupas de cama e pendurá-las para secar, de forma que estejam limpas quando for se deitar novamente.

— Eu gostaria de fazer jus aos lençóis limpos. A doutora disse alguma coisa sobre um chuveiro...

— Fica atrás da casa — Luke indicou. — Vou ajudá-lo.

— Garoto, não posso afirmar nada com absoluta certeza, mas acho que tomo banho sozinho há anos.

— Ah, mas este chuveiro não é como os do continente. Tenho de mostrar como deve usá-lo.

— E depois vou ler todos aqueles jornais — Ziggy decidiu, olhando para a pilha no canto do quarto. — Talvez encontre alguma coisa capaz de despertar minha memória.

No entanto, tinha a estranha sensação de que as pistas para as coisas que realmente precisava saber não estavam nos jornais, e sim enterradas no fundo de seu subconsciente.

CAPÍTULO IV

A noite já havia caído quando Cherish retornou do continente, confusa, exausta e irritada. Dadas as condições de Ziggy quando partira, esperava encontrá-lo descansando tranqüilamente. Na verdade, esperava que ele dormisse profundamente, de forma que não tivesse de encará-lo antes da manhã seguinte. Não tinha a menor idéia do que fazer com as poucas informações que conseguira através dos telefonemas do dia.

Conseqüentemente, não só surpreendeu-se ao aproximar-se do chalé e encontrá-lo totalmente iluminado com lanternas de gás, como também ficou bastante aborrecida ao ouvir um coro de risadas masculinas no interior. Quando abriu a porta e entrou, deparou-se com metade da população masculina de Vodu Caye.

— É a doutora! — Luke gritou entusiasmado, como se ela fosse uma convidada esperada com ansiedade.

— Entre, doutora! — convidou Peter Sacqui, um pescador jovem, bonito e bastante agradável. Todas as garotas solteiras de Vodu Caye estavam interessadas nele.

A sugestão de Peter foi reforçada por meia dúzia de convites parecidos, todos para que Cherish entrasse em sua própria casa e participasse da festa. O ar estava carregado de fumaça pois, como todos os habitantes do país, os Garifuna fumavam demais. Antes de perguntar o que estava acontecendo, Cherish respirou fundo e, imediatamente, teve um ataque de tosse.

Daniel Nicholas, um respeitável membro da comunidade, aproximou-se, expulsou o cachorro de Peter Sacqui e bateu nas costas da dona da casa. Depois de alguns momentos desagradáveis, durante os quais a falta de ar de Cherish foi o foco de todas as atenções, Daniel perguntou:

— Você está bem, doutora?

Ela piscou e afirmou com a cabeça. Algumas golfadas de ar indicaram que podia voltar a respirar sem medo, desde que não tentasse aspirar profundamente. E as primeiras golfadas também a fizeram perceber mais alguma coisa. Daniel Nicholas cheirava a rum, como todos os outros.

— O que está acontecendo aqui?

— Ei, camaradas! Onde estão seus modos? — Ziggy provocou. — A doutora teve um dia duro, e acabou de enfrentar um violento ataque de tosse. Providenciem uma cadeira para ela!

Quando meia dúzia de homens pularam de suas cadeiras para oferecê-las à dona da casa, Cherish finalmente cravou os olhos em Ziggy. Usava apenas um par de short, que por sinal lhe pertencia, e que só podia ter pego na gaveta de seu armário, sem permissão, e estava reclinado numa rede que, inexplicavelmente, materializara-se em sua cozinha. As cordas que a suportavam desapareciam além das janelas, e estavam amarradas às árvores do fundo do terreno. A inclinação da rede

o deixava numa posição bastante conveniente, de onde podia alcançar a mesa coberta de cartas, dinheiro e copos sujos.

— De onde veio essa rede? — Cherish perguntou, confusa e irritada.

— É minha velha rede de pescaria — Daniel Nicholas explicou.

— Mas o que ela está fazendo na minha cozinha? E bem no meio do caminho!

— O tornozelo de Ziggy ainda dói muito, e a febre o deixa tonto. Ele precisava ficar deitado — Luke esclareceu com ar sério, embora exuberante.

Desconfiada, Cherish imaginou se o garoto também teria partilhado das diversas garrafas de rum.

— Há uma cama no quarto — disse, olhando diretamente para o rosto inocente de Ziggy e resistindo ao desejo de tocá-lo. Não só porque ele não merecia suas atenções, mas porque a cozinha estava cheia de testemunhas.

— Ziggy não gosta daquela cama, doutora — Peter avisou.

— Não devia obrigá-lo a dormir ali.

— Obrigá-lo? Ele estava quase morto quando o encontrei em índigo Beach! Eu lhe dei minha cama, e tenho dormido na cadeira desde que o trouxe para cá!

— Então deve estar feliz com a rede — Peter sorriu satisfeito. — Ele pode alcançar a mesa de jogo, e você pode voltar a dormir em sua cama. Está vendo? A combinação perfeita.

Cherish levou a mão à testa, sentindo-se tonta com a confusão.

— Mesa de jogo? Essa é a mesa da minha cozinha! O que está acontecendo aqui?

— Ziggy leu todos os seus jornais velhos — Luke explicou.

— Tomou banho, almoçou e dormiu. Depois ficou aborrecido. Ninguém pode culpá-lo.

Ziggy mantinha o ar inocente, e Daniel Nicholas tomou a palavra:

— Quando terminamos o trabalho do dia, Ziggy nos convidou para uma visita. Ele nos ensinou algumas maneiras novas de se jogar pôquer.

— Trapaças! Foi isso que ele ensinou a vocês, não foi?

— Doutora — Ziggy interferiu, movendo-se na rede —, acho que está transformando um jogo inocente entre amigos num ato quase

criminoso.

— Quanto ganhou?

— Cherish...

— Quanto? — ela insistiu, mais irritada que nunca.

— Não sei. Eles me pagaram em moeda local — Ziggy admitiu.

Cherish atravessou o grupo e aproximou-se da mesa para examinar a pilha de dinheiro diante de Ziggy.

— Parece que conseguiu ganhar cerca de cinqüenta dólares locais.

— E isso é muito? — ele interessou-se.

— Devolva esse dinheiro!

Ziggy suspirou, encolheu os ombros e apanhou as notas sobre a mesa. Entretanto, o restante do grupo protestou imediatamente. Queriam saber qual era o problema com a doutora, e por que achava que um sujeito bom e honesto como Ziggy teria a ousadia de tentar enganá-los. Pensava que precisavam dela para protegê-los? Achava que eram incapazes de ganhar aquele dinheiro de volta de forma justa e correta? E o pior, pensava que Ziggy era o único bom jogador entre eles?

— Doutora, eu ganhei sessenta dólares — Peter avisou.

— E Ziggy me deu cinco dólares para afastar os insetos da mesa — Luke anunciou com orgulho. — E me deixou ver suas cartas e ouvir as apostas. Disse que assim eu também aprenderia o jogo.

— Agora chega! — Cherish explodiu, erguendo as duas mãos num gesto imperioso que silenciou a todos. Sem saber o que fazer a respeito do episódio, decidiu que a melhor medida temporária seria tirar todos os pescadores de seu chalé, de forma que pudesse ter uma boa conversa com Ziggy. — Sinto muito por interromper a festa, mas Ziggy está certo. Tive um dia difícil, e a única coisa que quero é ir para a cama.

— É claro. Boa noite, doutora — Peter despediu-se, voltando à cadeira que ocupava anteriormente e retomando as cartas de baralho.

Todos o imitaram, e Ziggy decidiu interferir:

— Companheiros, acho que a doutora Love quis dizer que gostaria que todos fossem para suas casas.

— Oh! — Peter exclamou, levantando-se de imediato. — Desculpe, doutora — e chamou o cão que sempre o acompanhava, partindo sem olhar para trás.

Cherish sorriu com o que ainda lhe restava de educação e acenou

para os pescadores.

— Você também — disse com tom mais severo, notando que Luke sentava-se perto da rede de Ziggy.

— Mas vovó disse que eu devia ficar e dar o jantar ao paciente. Por isso eu voltei. Para trazer a comida.

— Vejo que ele já comeu. Agradeça sua avó por mim, está bem?

— Os ferimentos precisam de uma nova limpeza.

— Eu cuido disso. Boa noite, Luke.

— E ele precisa barbear-se. Você mesma pode ver que ele precisa barbear-se!

— Boa noite, Luke! Eu cuido de tudo — e empurrou-o até a porta, fechando-a as suas costas.

Em seguida voltou para perto de Ziggy e os dois encararam-se durante alguns segundos. Ele foi o primeiro a falar.

— Acha que vou deixá-la chegar perto de mim com uma navalha, doutora? — e passou a mão pelo rosto áspero, onde a barba crescia rapidamente.

— Se dá algum valor à sua vida, aposto que não.

— Sinto que está um pouco aborrecida com alguma coisa... Cherish não pôde mais conter-se:

— Como teve coragem?

— Coragem... para fazer o quê?

A expressão inocente a enfureceu ainda mais.

— Como pôde contaminar uma cultura tradicional?

— Como?

— Grimly vai ficar furioso quando souber disso.

— Grimly?

— Meu chefe. Grimly Corridor.

— Grimly? — Ziggy repetiu, contendo a vontade de rir.

— Quem sabe como tudo isso pode afetar o estudo que estou fazendo sobre a comunidade?

— Ah, vamos lá, Cherish! Até onde vai sua ingenuidade? Acha mesmo que nenhum desses homens havia jogado pôquer antes desta noite? Peter não ganhou sessenta dólares apenas com sorte. Eles só não conheciam a modalidade Montana Red, mas eu mostrei a eles!

— Não tem graça nenhuma!

— Por favor, doutora! Até uma antropóloga séria é capaz de entender um inocente e amistoso jogo de possibilidades.

Cherish fechou a boca para evitar a resposta ríspida e tentou organizar as idéias. Estava permitindo que os eventos daquela noite os desviassem do assunto mais importante, e decidiu que precisava acalmar-se antes de abordar a questão de forma intempestiva. Sendo assim, aproximou-se do forno, onde Luke deixara o caldo de vovô Martinez, e perguntou por cima do ombro:

— Já conseguiu lembrar alguma coisa?

— Nada de útil — ele respondeu, subitamente desanimado. — Mas quando pus as mãos nesse baralho... Veja.

Cherish virou-se e o viu levantar da rede para sentar-se em uma das cadeiras, onde podia manusear as cartas melhor. Rápido, embaralhou-as com os floreios e a elegância de um mágico... ou de um crupiê de cassino. Com um único movimento, virou todo o maço de cartas ao contrário, com as figuras para cima, e o fez com tanta facilidade que Cherish teve certeza de que fazia esse tipo de coisa o tempo todo.

O novo dado combinava com as coisas que descobrira durante o dia. Notando a evidente experiência com o baralho, ela perguntou:

— Você trapaceou?

Ele sequer mostrou-se ofendido; estava ocupado demais com as cartas que manobrava.

— Não. Não foi necessário — respondeu. — Não sei como ou onde aprendi, mas sou um excelente jogador de pôquer. Até perdi algumas rodadas de propósito. De qualquer maneira, não teria mesmo onde gastar o dinheiro. E não roubaria um grupo de pescadores honestos e trabalhadores que me trataram tão bem! Eu teria de ser um canalha para fazer algo tão horrível.

— Mas você... — apesar do embaraço, Cherish decidiu prosseguir: — Acha que é um jogador profissional?

Ele encolheu os ombros, assumindo uma expressão pensativa.

— Acho que não, mas... quem pode ter certeza? Eu... consigo ver um cassino... O crupiê falando em francês... Mesdames e messieurs, faltes vos jeux! Lês jeus sont faits... — e fechou os olhos, tentando lembrar mais detalhes.

— Onde você estava? — Cherish perguntou em voz baixa, esperando que a memória pudesse sugerir algo conclusivo sobre seu hóspede misterioso.

Ziggy deixou as cartas sobre a mesa e ergueu as duas mãos, levando-as à cabeça. Agora seus cabelos pareciam macios e saudáveis.

— Em algum lugar elegante — ele sussurrou com voz profunda, concentrado. — Estrangeiro... Todos falavam em francês...

— Você também falava nesse idioma?

— Français? Oúi, je lê parle assez bien — e ergueu a cabeça, piscando como se algo o houvesse assustado. — Meu Deus, eu falo francês! Onde aprendi outro idioma?

— Acha que conhece outras línguas? Espanhol, por exemplo.

— Não sei. Diga alguma coisa em espanhol.

— Tienes hambrel

Ele a fitou com ar confuso.

— Perguntei se está com fome — Cherish explicou.

— Oh, não! Acho que não falo espanhol. Só francês, e um pouco de alemão e italiano. O suficiente para conversar com belas garotas.

— Sabe onde aprendeu francês para jogar e as outras duas línguas para assediar as mulheres? — ela perguntou com um sorriso sarcástico.

Ziggy fechou os olhos, tentando lembrar mais alguma coisa. A luz da lanterna iluminava seu rosto coberto pela barba, fazendo-o parecer sombrio e perigoso. Mas quando voltou a fitar um ponto distante, os olhos cinzentos cheios de incerteza e frustração, parecia tão sozinho, perdido e desprotegido, que era como se houvesse chegado ao mundo há algumas horas. Cherish, que até alguns instantes antes sentia-se pronta a estrangulá-lo, foi invadida por uma imensa onda de compaixão ao vê-lo esforçar-se tanto para recuperar alguma coisa do passado.

A raiva diminuiu, desaparecendo como uma onda que, seguindo a maré, afasta-se da praia. Percebeu que, depois de passar o dia todo em companhia de um garoto de dez anos de idade, o lapso de memória podia ter se tornado algo pesado demais para suportar sozinho. A súbita necessidade de escapar do vazio do passado o influenciara a organizar aquele jogo de pôquer em sua casa. Seus comentários irreverentes e a libido ativa a provocavam tanto, que era fácil esquecer o quanto Ziggy devia estar assustado e temeroso. Desconfiava que ele preferia que ela

esquecesse tudo; um homem como Ziggy odiaria saber que uma mulher ocupara um lugar na primeira fileira do teatro de seus pesadelos.

Surpresa, notou que a fúria diminuiu enquanto limpava a cozinha, eliminando as evidências da festa. O lugar ainda cheirava a cigarro, e ela tentava empurrar a fumaça em direção às janelas usando um pano. Felizmente Ziggy não fumava... ou havia esquecido o vício. Empilhou xícaras e copos sujos na pia e tirou ò copo de rum da frente de Ziggy, notando que, depois de admitir que era incapaz de lembrar mais alguma coisa, ele pretendia reforçar a dose e beber ainda mais.

— Ei — protestou, estendendo a mão para tentar recuperar o copo que ela já havia levado. O ombro ferido protestou contra o movimento súbito, e ele abaixou o braço com um gemido.

— Um homem em seu estado não devia estar bebendo — Cherish censurou-o, sem deixar-se abalar pelo olhar irritado que ele lançava em sua direção.

— E como pode saber, doutora?

— Vovó disse que devia beber chá, não rum. Vamos, tome um pouco do caldo que ela deixou.

— Não estou com fome. Apenas duas coisas me fariam sentir melhor neste momento, e você já disse que não posso ter uma delas.

— E qual é a outra?

Ele a fitou com ar malicioso, e um calor intenso a fez encolher-se subitamente. Jamais imaginara que um homem pudesse ser capaz de inflamar uma mulher com um simples olhar, mas seu coração batia como um tambor, ecoando em seus ouvidos. Os olhos cinzentos de Ziggy tornaram-se opacos e mais escuros, cheios de segredos e promessas veladas, e um sorriso provocante encurvou seus lábios carnudos e atraentes. Cherish retrocedeu alguns passos, respirando com dificuldade.

— Não, eu... — a voz rouca a fez parar para respirar, antes de tentar novamente. — Nada de...

— Nada de jogos deliciosos? — ele provocou.

— Isso mesmo. Nós já havíamos concordado.

— Não me lembro de ter concordado.

— Você é um hóspede em minha casa. Um hóspede que não foi convidado — ela observou.

— Cherish...

A voz era como uma carícia em seus ouvidos. Os lábios entreabriram-se e uma das mãos estendeu-se em sua direção, desafiando-a com um convite silencioso. Cherish permaneceu onde estava e Ziggy suspirou, relaxando depois do momento de tensão.

— Passei o dia com um garoto de dez anos, sem nenhuma lembrança. Pensei em você o tempo todo. Por que uma mulher tão linda vive no fim do mundo? Por que uma mulher capaz de beijar como se estivesse faminta dorme sozinha numa cama de pregos?

Envergonhada, Cherish admitiu que realmente sentira-se faminta ao beijá-lo.

— Você não pode criticar meus hábitos sem conhecê-los.

— Eu perguntei. Num lugar como este, todos sabem tudo a respeito da vida de todos. Seis meses aqui, e jamais teve um amante. Por quê? Muitos homens em Vodu Caye a consideram atraente.

— Os Garifuna de Vodu Caye são meu grupo de estudo! Não posso me envolver sexualmente com eles! Minhas descobertas seriam questionáveis e minha reputação profissional seria irremediavelmente...

— E também não escreve para nenhum namorado americano — Ziggy continuou. — Qualquer homem seria capaz de esperar por uma mulher como você e, no entanto, não há ninguém. Não entendo, Cherish! Qual é a sua história?

— Não acredito que esteja fazendo perguntas tão pessoais!

— Ah, vamos lá! Estou ferido, entediado...

— Devia jogá-lo de volta aos peixes!

— Por que está vivendo como uma freira?

— Quem é Catherine? — ela devolveu, tentando irritá-lo. Ziggy fitou-a com ar surpreso. Em seguida sorriu e abriu os braços num gesto de rendição:

— Touché.

— Tome o seu caldo.

Ziggy provou a comida que ela havia deixado à sua frente, numa tigela de madeira, e comentou:

— Vovó é uma grande cozinheira. Cherish concordou com a cabeça:

— Ela é boa numa infinidade de coisas. Toda a comida que preparou para você contém remédios e poções que vão ajudá-lo a melhorar.

— Caldo de galinha. O remédio internacional.

— Isso não é galinha — Cherish respondeu com tom casual. Ziggy provou mais algumas porções e insistiu:

— Mas tem sabor de galinha.

— Gostou?

— Sim, é bastante saboroso. Que carne é essa?

— Wowla — e foi levar mais alguns copos sujos para a pia.

— O que é isso? Algum pássaro local?

— Não — e empurrou mais um pouco da fumaça de cigarros em direção à porta, divertindo-se com o jogo.

— Cherish, o que é isso?

— Jibóia.

Ziggy tossiu tanto, que Cherish teve a impressão de que teria de ajudá-lo.

— Estou comendo uma cobra? — perguntou espantado, depois de vencer o ataque de tosse.

— Uma criatura de sangue frio... Para baixar a febre — ela explicou com inocência.

— Devia ter me avisado — e empurrou a tigela para longe.

— E você não devia sair por aí fazendo perguntas sobre minha vida pessoal.

Ele a fitou por alguns instantes, perplexo. Em seguida suspirou e propôs:

— Podemos fazer uma trégua pelo resto da noite? Estou exausto.

— Eu já imaginava. Devia tentar se comportar como uma pessoa doente.

— Não consigo me lembrar de como é esse tipo de comportamento.

— Não precisa comer o resto da carne de Wowla, mas devia tomar o caldo.

— De jeito nenhum! Também foi feito de cobra, e eu odeio esses animais nojentos e gelados.

— Como pode saber? Lembra-se de alguma coisa, ou está apenas supondo?

— Eu sei, e isso é o bastante. Da mesma maneira que sei que odeio ópera, política e impostos. Como sei que gosto de suéteres de

cashmere, carros esportivos, reggae, comida,chinesa e jogos de basquete.

— Todas as coisas boas da vida — ela completou com sarcasmo.

— Por favor, tire essa coisa de perto de mim.

— Como quiser, senhor.

— Espere! — exclamou, segurando-a pelo braço quando ela retirava a tigela de caldo.

— O que foi?

— Algo familiar...

— O quê?

— Não sei. Algo sobre como retirou as tigelas da mesa. Um restaurante.

— Qual? Pode lembrar o nome?

— Não sei. Mas vejo toalhas de linho branco, talheres de prata... Há alguém comigo!

— Homem, ou mulher?

Depois de alguns segundos de hesitação, ele respondeu:

— Mulher.

— Como ela é?

— Elegante e discreta. Usa diamantes... caros... de primeira grandeza.

— Consegue ver o rosto dessa mulher? Ele balançou a cabeça.

— Não. Eu...

— Não pode ser Catherine?

— Ela... Ela desapareceu — e soltou-a, levando a mão à testa.

— Um restaurante requintado, uma mulher elegante usando diamantes... Tem certeza de tudo isso? — e removeu a tigela, levando-a para a pia.

— É claro que não tenho certeza — ele respondeu irritado. — Como posso ter certeza de alguma coisa? Não sei nem o meu nome!

— Estava me referindo a esses flashs de memória... Bem, eles podem ser apenas fantasias, e não lembranças de verdade. Lugares elegantes, mulheres bonitas, um crupiê francês... É claro que podem ser recordações verdadeiras, mas existe uma grande possibilidade de...

— Ficaria mais feliz se eu me lembrasse de um cortiço sem água

encanada e vales de alimentação do governo?

— Não. Só quis dizer que será muito difícil lembrar de seu passado enquanto estiver aqui, num ambiente desconhecido. Todos têm fantasias sobre luxo e riqueza. Só não quero que suas fantasias prejudiquem o processo de recuperação da memória.

Ziggy não parecia impressionado com a explicação lógica e racional.

— Você disse que, quando me encontrou, eu usava roupas caras e de boa qualidade. E ainda há o relógio — e ergueu o pulso esquerdo, onde a jóia repousava entre os ferimentos. — Qualquer homem de renda normal teria de pagar um quarto de seu salário anual por este relógio.

Pode ser uma imitação. Além do mais, o relógio foi um presente de Catherine. E quanto às roupas...

— Ótimo, vamos tentar à sua maneira, está bem? — ele interrompeu impaciente. — Sou um marinheiro miserável, com uma paixão doentia por coelhos de pelúcia, cópias de roupas caras e imitações de relógios elegantes. Está satisfeita?

— Acha mais razoável acreditar que um estrangeiro encontrado numa praia de Belize, com uma facada no ombro, é um milionário do jetset internacional, com uma amante coberta de diamantes à sua espera em algum hotel de primeira classe, ou num cassino da Riviera francesa?

— Pensei que havíamos decidido estabelecer uma trégua. Cherish abaixou a cabeça e murmurou alguma coisa em sinal de acordo. Ziggy parecia realmente exausto, e precisava descansar! Se pelo menos não fosse tão irritante! Com voz cansada, ele perguntou:

— Conseguiu descobrir alguma coisa com a Embaixada? Cherish sentou-se diante dele e apoiou os cotovelos na mesa.

— Não muito — admitiu. — Levei vinte minutos para conseguiu completar a chamada, e mais vinte para que alguém viesse falar comigo.

— Há algo de reconfortante a respeito da burocracia. Ela permanece a mesma, mesmo quando um homem esquece todo o resto.

Cherish sorriu, embora não houvesse nada de divertido na situação. A assunto finalmente viera à tona, e agora teriam de discuti-lo.

— Eu relatei sua situação de imediato, e eles retornaram a ligação várias horas depois, horas que empregaram numa investigação meticulosa. De acordo com o que conseguiram descobrir, parece que ainda não há ninguém procurando por você. A Embaixada não

conseguiu saber nada sobre uma americana chamada Catherine, e nenhuma outra pessoa sem documentos foi encontrada em outra praia.

— Entendo.

— O barco Garota Luxúria está registrado em nome de um cidadão americano chamado Michael O'Grady — e parou, tentando encontrar uma forma de revelar o que ainda tinha a dizer. — Parece familiar?

— Eu... não sei. Não, acho que não. Não de imediato. Cherish respirou fundo e prosseguiu:

— Ele tem uma ficha criminal quilométrica, e foi preso por roubar e vender antiguidades no mercado negro.

— E eu conheço essa pessoa? — ele exclamou incrédulo.

— Bem, estava usando um salva-vidas proveniente do barco desse homem.

— Esse tal de O'Grady... Acha que podemos entrar em contato com ele e pedir que me identifique?

— Infelizmente, não. Ele fugiu há cerca de três meses e desapareceu.

— Que maravilha! — e ergueu o corpo, como se algo houvesse surgido repentinamente em sua mente vazia. — Espere um pouco! Acha que eu posso ser esse... O'Grady?

— Já pensei nisso, mas ele é loiro e tem olhos azuis.

— Ah... Há mais alguma coisa que queira me dizer?

— Sim, mas não é nada muito melhor do que já ouviu até agora — preveniu-o. — A Embaixada em Belize não quer assumir a responsabilidade sobre um homem sem identificação que não pode sequer provar que é mesmo americano. É claro que, caso não consiga recuperar sua memória em breve, eles recomendam que vá até lá para tirar suas impressões digitais. Você pode ter estado nas Forças Armadas...

— Ou numa prisão federal. Cherish encolheu os ombros:

— De qualquer forma, eles recomendam que espere até estar melhor, e que dê uma chance para que suas lembranças se manifestem.

— Em outras palavras, você vai ter de me aturar em sua casa.

Cherish sentia-se culpada, especialmente porque o comentário refletia exatamente o pensamento que tivera ao sair da Embaixada.

— Bem, aturar é um pouco exagerado...

— Já falou com seu chefe a meu respeito?

— Sim.

— E o que ele disse?

— Ele, num...

Na verdade, Grimly havia dito:

— Você enlouqueceu? Por favor, doutora Love! Nenhuma pessoa decente aparece na praia com ferimentos à faca, coelhos de pelúcia e sem nenhuma identificação ou lembrança! Esse sujeito deve ser um espião, alguém enviado para roubar suas anotações e reclamar a glória da pesquisa para si mesmo! Volte para Vodu Caye e livre-se dele imediatamente!

— Grimly não tinha nenhuma sugestão útil a fazer — ela respondeu.

— Mas acha que deve me mandar embora, certo?

— Ele... Bem, ele está preocupado com os progressos de minha pesquisa.

Grimly dissera:

— Dois dias! Perdeu dois dias de trabalho cuidando de um sujeito sem nome! O que está fazendo em Rum Point, doutora Love? Perdendo mais tempo? Espera que os Garifuna façam a pesquisa por você? Volte ao trabalho!

— Ele acha que eu sou perigoso — Ziggy imaginou, estudando seu rosto vermelho.

— Sim, mas não para mim. Ele acha que você quer roubar minha pesquisa. Grimly é um pouco obsessivo a respeito do trabalho. Se você não faz parte de uma cultura prestes a desaparecer do planeta, então não merece um segundo da atenção dele. É difícil de entender... Mas Grimly Corridor é um dos pesquisadores mais respeitados em todo o mundo. A atitude dele com relação a você, ou qualquer outro ser humano, não é pessoal.

— Eu entendo. Tenho uma irmã que... — e parou, fitando-a com ar espantado. — Minha irmã!

— O que tem ela? Fale! — Cherish pulou da cadeira.

— Eu... eu tenho uma irmã. Ela é... Ela é... Droga, eu não sei! — e bateu com o punho fechado sobre a mesa.

— Muito bem, fique calmo. Não tente forçar a memória, está bem? Deixe-a voltar sozinha, como está acontecendo.

— Falar sobre pesquisas, estudiosos, anotações... Isso me fez pensar em... Tenho certeza quê ela... Como é mesmo seu nome? Como ela é?

Mas as lembranças não vieram, e Cherish percebeu que ele estava sofrendo um novo ataque de dor de cabeça.

— Venha, Ziggy. Deite-se e descanse. Vou limpar seus ferimentos, e depois você vai dormir. Está cansado demais para lembrar mais alguma coisa esta noite.

— O que eu estava fazendo no Garota Luxúria? Onde está o barco? Por que... Ai! — e fechou os olhos para suportar a pontada mais intensa, levando as duas mãos à cabeça. — Oh, meu Deus!

— Venha, deite-se e fique quieto — e levou-o para a rede. Ziggy acomodou-se e fechou os olhos, lutando contra a dor intensa que ameaçava enlouquecê-lo. Enquanto isso, Cherish providenciou água e panos limpos e colocou um deles sobre sua testa, tentando amenizar o sofrimento provocado pela dor. Em seguida usou outro pano embebido em água fria para limpar o ferimento do ombro, afagando os cabelos castanhos para ajudá-lo a vencer os momentos de medo e dor.

Ziggy murmurava coisas incoerentes, e ela temeu que a agitação trouxesse de volta a febre alta da noite anterior.

— Fique quieto. Você precisa descansar.

— Não posso... — e agarrou a mão dela. — Há algo na tempestade... Alguém... Alguém que quer me matar...

— Por quê? — ela sussurrou, removendo o pano que havia colocado sobre seu ombro e estudando o ferimento profundo.

— Não sei. Fique comigo — pediu, apavorado e trêmulo.

— O seu ombro...

— Fique comigo — ele insistiu, puxando-a com força inesperada.

Cherish caiu na rede e, assustada, avisou:

— Vou machucar o seu...

— Não! — e abraçou-a com desespero. — Não precisa ficar a noite toda. Só um pouco... Até eu adormecer.

Apesar da agitação, Ziggy adormeceu minutos mais tarde, apoiando a cabeça sobre a dela e mantendo um braço em torno de seu corpo.

Quem seria esse homem adormecido em seus braços, cuja expressão relaxada lembrava uma criança inocente?

Talvez um bandido. Um cúmplice de Michael O'Grady, ou até o líder de uma quadrilha rival. Quem queria matá-lo? Quem o atirara de um barco no meio de uma noite de tempestade?

Se pelo menos conseguisse maiores informações a respeito de O'Grady e do Garota Luxúria... Ziggy precisava recuperar a memória. O embaixador havia realmente sugerido a prova das impressões digitais,, mas antecipara que os resultados nem sempre são positivos. Além de ser jovem demais para ser um aposentado, seu comportamento rebelde indicava que jamais havia se submetido à disciplina militar. A única possibilidade de identificá-lo através das impressões digitais era por meio de um registro criminal... e isso era o que mais a apavorava.

Mas tinha de saber quem ele era, porque suas palavras a perseguiriam até que solucionassem o mistério que cercava sua presença em Vodu Caye.

Alguém queria matá-lo.

CAPÍTULO V

O cheiro de ovos queimados e café era tão forte, que Ziggy acordou. Deviam ter deixado Clowance na cozinha novamente! Sua irmã jamais aprendera a cozinhar mas, uma manhã por ano, sempre no aniversário de seu pai, todos fingiam que ela era capaz de transformar ovos em algo comestível.

Aniversário de seu pai? Droga! Havia esquecido outra vez! Por que Catherine não o lembrara!

De qualquer forma, ainda era muito cedo para entregar-se à culpa. Por isso, virou a cabeça no travesseiro e... O que um animal de pelúcia estava fazendo em sua cama?

Sonolento, abriu os olhos e deparou-se com um horrível coelho desbotado.

O coelho.

Ziggy sentou-se e a rede oscilou perigosamente, derrubando-o.

— Ziggy?— Cherish chamou, entrando na cozinha como um furacão. — Machucou-se?

— Oh, a realidade — e levou a mão aos olhos, sem saber que parte do corpo doía mais. — O sol já está alto.

— Você está bem? — ela insistiu, ajoelhando-se ao lado do hóspede.

— Sim, eu... — e parou, sentindo as gotas de água fria sobre o peito. — Você está toda molhada!

— Eu estava lavando os cabelos lá fora. Você estava dormindo tão profundamente, que não quis acordá-lo.

Como uma mulher podia parecer tão bonita usando uma camiseta velha, com os cabelos ensaboados e o rosto vermelho? Queria beijá-la, tocá-la e livrá-la daquela camiseta horrorosa.

Queria falar sobre seus sonhos, pesadelos e medos mais sombrios. E foi isso que o fez levantar-se, apesar da dor no corpo.

— Como o coelho foi parar na rede?

— Eu o deixei sozinho duas horas depois de ter adormecido, e fui terminar de limpar a casa e apagar as lanternas. Você ficou agitado, perguntando pelo coelho e resmungando coisas incoerentes, e só ficou mais calmo quando eu coloquei o boneco a seu lado.

Agora lembrava-se de tudo. Havia dormido nos braços dela! Sentindo-se encabulado, perguntou:

— Esse cheiro é do café da manhã?

— Sim, eu... — e correu para o fogão, espalhando água e sabão por todos os lados. — Oh, droga! Esqueci!

— Queimou os ovos?

— Não se preocupe. Vou começar outra vez.

Levando em conta todo o trabalho que já havia dado, não queria provocar ainda mais incômodos.

— Não se preocupe — disse. — Eu como esses.

— Não, Ziggy. Estão queimados.

— E daí? Não vou morrer por causa disso.

— Sinto muito — ela disse, virando a cabeça e respingando xampu sobre os ovos. — Não tenho o hábito de cozinhar.

— Há algo de familiar nisso tudo — ele comentou, sentindo-se desorientado e examinando o conteúdo da panela. — O aroma... Eu estava sonhando. Acho que tenho... ou tive uma família.

— Uma família? Quer dizer esposa e filhos?

— Não. Quero dizer pais e uma irmã. E Catherine — completou com ar preocupado, tentando ordenar os pensamentos confusos. — Sim, há uma Catherine em minha vida!

— Uma esposa? Amante? Uma tia solteirona?

Ele encolheu os ombros e passou a mão pelos cabelos:

— Quem sabe? A esta altura, pode ser até meu cachorro.

— Então deve ter sido muito bem adestrada — Cherish comentou com uma careta, olhando para o relógio de ouro.

— O cão do ex-presidente Bush escreveu um livro, sabe? — e balançou a cabeça. — Por que sou capaz de lembrar coisas absurdas como esta, e não consigo saber meu nome?

— Bem, pelo menos tem uma família que vai ficar preocupada tentará encontrá-lo.

— Talvez. — Nem todas as famílias faziam questão de achar seus membros desaparecidos. — Talvez.

— As coisas voltarão à sua mente aos poucos, Ziggy. São só dois dias desde que tudo começou.

Era tão paciente, tão terna e carinhosa... Uma gota de água correu de seus cabelos e passou pelos seios firmes e rígidos.

— Você não tem a pele bronzeada — Ziggy comentou. Surpresa com a mudança de assunto, Cherish explicou:

— Eu sou ruiva. Nunca saio de casa sem protetor solar e um chapéu. Meia hora de sol intenso é o bastante para me transformar numa lagosta.

— Sua pele é linda. Macia e pálida como as pérolas.

— Oh, muito obrigada — ela riu, tentando esconder o embaraço provocado pelo elogio.

Por que tentava esconder os pensamentos? Não sabia que jamais poderia fugir à própria natureza? Podia até fingir-se racional, intelectual e celibatária, mas seus olhos queimavam com paixão e sensualidade, ternura e compaixão. Como na noite anterior.

Humilhado, lembrou-se de como agitara-se e gemera como uma criança apavorada, e de como havia implorado para que não o abandonasse. Não tentara seduzi-la; apenas havia sentido medo de ficar sozinho na escuridão e, percebendo sua fraqueza, ela ó confortara. Não podia dizer ao certo, mas de repente duvidava de ter de enfrentar uma manhã mais estranha do que aquela. Por que não havia rangido os dentes e mantido seus temores em segredo? Por que não a tomara nos braços e a possuíra, oferecendo alguma coisa em retribuição ao valioso

conforto? Havia algo nas lembranças da noite anterior, algo muito mais íntimo que sexo, pelo menos para ele, e não sentia-se confortável com essa impressão.

Cherish ainda evitava encará-lo, e lutava para remover os ovos queimados da frigideira. Daria qualquer coisa para fingir que a noite anterior jamais existira. Mas era um homem, e sua obrigação era encarar os fatos e deixá-la a vontade, mesmo que nunca mais pudesse ficar a vontade com ele mesmo.

— Cherish... A respeito da noite passada...

— Sim? —'ela encorajou-o sem virar-se, concentrada na tarefa de livrar-se dos ovos incinerados.

— Eu estava... Bem, o que quero dizer é que... — e rangeu os dentes. Que diabos estava acontecendo com ele? Sempre conseguira enfrentar seus problemas sem qualquer tipo de hesitação!

O pensamento o fez parar por alguns instantes, ansioso, mas nenhum outro eco do passado surgiu em sua mente.

— Sim? — Cherish insistiu. — Ia dizer alguma coisa? Então ela virou-se e, atônito, Ziggy viu um sorriso quase divertido em seus lábios rosados e tentadores. Era um sorriso tão doce, que ninguém em sã consciência o tomaria como ofensa. Mas Cherish estava rindo de alguma coisa, e isso o fez esquecer o que pretendia dizer.

— Sente-se melhor agora? — ela perguntou.

— Sim. Só queria dizer que... que sinto muito pela noite passada.

— Não precisa se desculpar. Não foi tão terrível quanto está imaginando.

Encabulado, Ziggy tirou o prato com ovos da mão dela e sugeriu:

— Por que não vai terminar de lavar seus cabelos, enquanto eu... bem...

— Ziggy, acho melhor darmos esses ovos ao cachorro de Peter. Deus sabe que tipo de problema terá depois de comer essa coisa. Além do mais, tenho certeza que vovó Martinez já deve ter preparado alguma coisa para o seu café.

— Vou perguntar a ela — Ziggy indicou apressado, agarrando a oportunidade de escapar.

— Ah, não vai não! Esqueceu o tornozelo? — e empurrou-o para uma cadeira. — Sei que toda essa inatividade está dificultando as

coisas, e já percebi que não está habituado a passar os dias sentado — e passou os olhos pelos músculos delineados de seu peito. — Mas, só vai prejudicar sua memória se tentar fazer as coisas antes do tempo. Assim que seu tornozelo estiver recuperado, poderá andar pela ilha e conhecê-la como desejar.

— Certo — ele concordou apressado, ansioso para ficar sozinho.

Cherish desconfiou da súbita docilidade. Seria sempre tão contraditório, imprevisível e temperamental? É claro que quase morrera e perdera a memória, mas... Sim, coisas desse tipo deviam alterar o comportamento de um homem.

As imagens vagas que estava começando a recordar o intrigavam. Estava tão determinado a despertar essas lembranças, que nem prestou atenção ao café da manhã que vovó Martinez trouxe e ignorou a dor provocada pelo ato de esterilizar as feridas mais sérias. Sua atenção concentrava-se unicamente na tentativa de despertar recordações agradáveis de épocas anteriores à noite da tempestade, incidentes que não provocassem aquela mistura de aflição e pânico que o incapacitava e torturava.

Aromas haviam provocado as recordações daquela manhã. Algo sobre uma irmã, um pai, acordar num lugar seguro... Uma lembrança ocasional, exatamente o tipo de recordação de que precisava para começar a juntar os pedaços. Havia lido em algum lugar... onde? Não tinha importância, havia lido que as memórias mais fortes estão sempre ligadas ao sentido do olfato, e isso o fez traçar um plano.

Cherish saiu para fazer uma pesquisa de campo e o deixou sozinho no chalé durante a maior parte do dia. Ziggy passou o tempo experimentando cada odor da casa, abrindo mão de todas as censuras e fazendo uma série de associações. Conforme ela havia sugerido, era difícil separar as lembranças da fantasia, especialmente quando o aroma a ser associado era seu perfume ou o creme hidratante que usava no corpo, mas as imagens comuns, inofensivas e simples passaram a surgir com freqüência cada vez maior, o suficiente para convencê-lo de que havia uma possibilidade de reconquistar a memória. Finalmente conseguia acreditar no que ela dissera sobre estar sofrendo de urna desordem dissociativa, e não de uma lesão cerebral irreversível. Até agora, não havia percebido o quanto estava apavorado com a possibilidade de nunca mais saber quem era e de onde viera.

— O que está fazendo? — Cherish perguntou com curiosidade ao

encontrá-lo sentado no chão, cheirando um pote de mel, uma barra de sabão e um pacote de orégano.

— Não se preocupe. Não é nenhuma prática sexual pervertida — ele riu, explicando o que fizera durante todo o dia.

— É uma boa idéia. Já conseguiu despertar lembranças mais concretas?

— Não, mas sei que há algo soterrado em meu subconsciente — e fechou os olhos, tentando concentrar-se. Queria abraçá-la e merecer um abraço. Queria perguntar o que fizera o dia todo e quais haviam sido os resultados de sua pesquisa mas, em vez disso, murmurou: — O tapete do lado de fora da porta tem cheiro de cavalos. E eu cavalgava. Acho que tenho, ou tive um árabe puro sangue negro e muito temperamental...

— Tem certeza? Um animal desses custa uma fortuna!

— Eu sei — e encolheu os ombros, deixando-a pensar o que quisesse. — E também me lembrei de uma mulher.

— Naturalmente.

— Acho que era aquela primeira mulher.

— E que aroma o fez lembrar dela?

— Não foi um aroma. Foi o seu cabelo. Ela era ruiva, como você, porém mais velha.

— E quantos anos você tinha?

— Não sei, mas era jovem.

— E ela era mais velha que eu?

— Não faça essa cara de chocada. Afinal, quem você pensa que ensina um rapaz a fazer amor? Mulheres jovens e inexperientes?

— Esse assunto é realmente interessante. Em algumas sociedades...

Reconhecendo o tom de discurso acadêmico, ele a interrompeu:

— De qualquer forma, ainda não consegui lembrar nada que possa nos ajudar a descobrir quem sou.

Depois de uma breve pausa, Cherish suspirou e disse:

— Escute, vovó Martinez teve uma idéia que talvez...

— Essa idéia envolve jibóias?

— Não sei, mas acho que não.

— Continue.

— Ela quer realizar um dugu.

— É claro. Deixe-a fazer o que quiser. Quem sou eu para julgar?

— Ziggy, isso não é brincadeira.

— Desculpe.

— Vejo que já está bem melhor.

— Descobrir que não sofri uma lesão cerebral sempre me deixa bastante animado.

Cherish suspirou, mas era óbvio que estava tentando conter o riso.

— O dugu é a cerimônia mais importante da religião Garifuna.

— Pensei que essas pessoas fossem católicas.

— Aqui o catolicismo e o dugu coexistem.

— A cerimônia?

— A religião. A palavra serve para definir muitas coisas. As crenças dugu combinam os rituais católicos, africanos e caribenhos. Usam fetiches, amuletos e símbolos, como muitas outras religiões. Se estiver interessado, posso recomendar diversos...

— Por que vovó Martinez pensa que essa cerimônia pode me ajudar?

— Porque esse ritual serve para livrar a comunidade dos espíritos maléficos.

— Então ela ainda acredita que os maus espíritos são a causa da minha amnésia? — Antes que Cherish pudesse responder, continuou: — Vovó é uma mulher maravilhosa, e eu não me atreveria a ridicularizar suas crenças religiosas. Mas, por favor, diga que não teremos de levar isso a sério.

— Ziggy, acho que não entendeu bem o que eu disse — ela insistiu, começando a sentir-se culpada.

— Então explique melhor. Fale mais sobre essa cerimônia dugu.

— É uma festa de reconciliação, e envolve rituais espirituais, música, dança, sacrifícios animais...

— Ei! Ninguém vai sacrificar um bode por minha causa!

— Eu não sei se é um bode...

— Quantos rituais desses já presenciou?

— Hum...Quer o número exato?

— Sim.

— Bem... nenhum — admitiu, descobrindo algo muito interessante nas paredes.

— Por quê? Os estranhos não são convidados a participar?

Droga! Ele estava certo!

Cherish limpou a garganta e concordou com a cabeça, em silêncio.

— Não posso acreditar! — Ziggy exclamou. — Está querendo me usar como instrumento de suas pesquisas!

— Não seja exagerado!

— Se perder essa oportunidade, talvez nunca mais consiga testemunhar um ritual dugu. Aposto que passou o dia todo agradecendo sua sorte por eu ter caído de um barco, batido a cabeça e perdido a memória!

— Ziggy, duvido que algum dia eu agradeça por tê-lo encentrado numa praia de Vodu Caye. De qualquer forma, já que está aqui, e já que estas pessoas bondosas querem ajudá-lo, e como uma publicação sobre o ritual dugu certamente me garantiria mais alguns milhares de dólares como fundo de pesquisa, por que não podemos unir o útil ao agradável?

— Sabe que fica linda quando está furiosa?

— Ah, por favor! — ela irritou-se, afastando-se alguns passos.

— Estou falando sério.

Mas ela o ignorou. Seguiu ignorando o hóspede durante todo o jantar, e deixou-o sozinho na cabana para ir caminhar pela praia ao pôr-do-sol. Ziggy ficou furioso, praguejando, dizendo a si mesmo que devia ter uma esposa em algum lugar e que não precisava de uma antropóloga maluca para absolutamente nada. Só queria descobrir onde estava essa vida que sabia ter, e quem fazia parte dela.

Quando Cherish voltou ao chalé e dirigiu-se à mesa, ele sentiu vontade de estrangulá-la. Depois de passar quase meia hora vendo-a fazer anotações num bloco e mover a lanterna de gás para iluminar as páginas, não pôde mais conter-se e disparou:

— Se acha que greve de silêncio vai me fazer mudar de idéia, esqueça, Cherish!

— Eu jamais faria algo tão... manipulador.

— Ah, não? Então, por que está escrevendo a mesma frase há quase meia hora, senão para manter-se em silêncio e de costas para mim?

Cherish fechou o bloco de anotações com um movimento brusco e levantou-se, fitando-o com expressão ameaçadora. Como se estivesse à beira da loucura, encarou-o durante alguns segundos e explodiu em gargalhadas.

— Tudo bem — disse. — Você está certo. Estou me comportando como uma criança mimada.

— Concordo. O dugu é tão importante assim?

— Sim, muito.

— Então, por que não disse antes?

— Eu disse!

— Não, não disse! Resmungou alguma coisa sobre um fundo de pesquisa, e depois ficou muda.

— Desculpe.

— Dizem que é mais fácil pegar moscar com açúcar do que com vinagre. E eu sou parcialmente sensível ao mel — ele riu, estudando seu corpo com ar malicioso.

— Pare com isso! Eu já pedi desculpas.

— Sinto muito, mas não posso me conter. Instintos básicos...

— Absurdo. Isso é uma questão de socialização.

— Se eu soubesse onde fui socializado, poderíamos até discutir o assunto — e parou, esperando algum comentário sobre sua amnésia. Como ela permanecia em silêncio, prosseguiu: — Podia ter dito que queria me levar ao dugu porque jamais teria outra chance de presenciar a cerimônia. Não sabe pedir favores?

— Um favor pessoal? Estou trabalhando, entendeu? Não quero comprometer...

— Por que não? Tudo no mundo é comprometido com alguma coisa. Comprometa-se, Cherish. Seja mais flexível.

— Não sabia que era filósofo.

— Você não perguntou. Estou desenvolvendo uma espécie de sensibilidade aos seus pedidos, doutora. Por que não experimenta? Peça um favor pessoal. Estamos sozinhos, homem e mulher...

— Eu jamais uso esse tipo de arma para pedir um favor!

— Não sabe o que está perdendo. Sua vida poderia ser bem mais divertida.

— Pelo contrário. Esse tipo de comportamento não só é anti-profissional...

— Não estamos vivendo uma situação profissional.

— Mas negociar o meu... a minha...

— Sua beleza? Seu charme?

— Negociar o meu gênero só serviria para encorajar os homens a pensarem que podem... que podem... Como se pode colocar uma coisa dessas de maneira delicada, sem vulgaridades?

— Que podem possuí-la só porque lhe prestaram um favor? — ele completou.

— Você tem um jeito de colocar as palavras...

— Por quê? A idéia geral não é essa?

— Sim, é essa.

— Por isso não pode me pedir um favor com gentileza? Por que acha que eu me julgaria no direito de apalpá-la?

— Precisa ser tão coloquial?

— Escute aqui, Cherish, juro pela vida de minha mãe, quem quer que ela seja, que se você e eu... se nós... Como se pode colocar, isso com delicadeza?

— Não se aborreça com tentativas que certamente terminarão em fracasso.

— De qualquer forma, não será porque eu penso que me deve uma recompensa. Será porque nós dois queremos a mesma coisa. E você já sabe que eu quero.

— Você é tão difícil!

— Acho que sou até muito fácil. O problema é que sou fortemente atraído por antropólogas ruivas.

— Ziggy, você está fazendo minha cabeça doer! Afinal, por que tinha de ser tão negativo a respeito do dugu! Reagiu como se eu estivesse sugerindo algo terrível!

— Sacrifício de animais? Fetiches, amuletos e danças? E ainda nem falou sobre o programa musical. E se for punk rock, ou ópera?

— Acho que estamos nos afastando do assunto. A questão é que estou aqui para pesquisar essas pessoas, e não há nada errado em querer usar essa oportunidade para estudá-los em seu mais importante ritual comunitário. Está falando como se eu quisesse usá-lo para algo

desonesto e imoral!

— Se pelo menos fosse isso... — e ergueu as duas mãos, notando que ela o fitava com um brilho assassino nos olhos.

— Tudo bem, tudo bem... Desculpe. Vou tentar falar sério.

— Concorda em conversar com vovó sobre a cerimônia dugu! Só conversar... Estou pedindo um favor.

Ele afirmou com a cabeça e sorriu:

— E claro que sim, Cherish. Com o maior prazer. — Incapaz de resistir, acrescentou: — Sabe, é sempre bom quando podemos conversar como adultos.

CAPÍTULO VI

A noite foi longa para Cherish, especialmente quando lembrou-se da anterior e de como abraçara seu hóspede irritante, imprevisível e enervante. Ele a fizera lembrar que o olfato era o mais poderoso dos sentidos. Agora, sempre que fechava os olhos lembrava-se do cheiro de sua pele, da fragrância floral que desprendia-se de seus cabelos castanhos e do rum, que conferia a seu hálito um aroma masculino e provocante.

Proibira-se de pensar nessas coisas durante todo o dia, como também não permitira-se importuná-lo com comentários sobre os perigos que corria. E, mais que tudo, não pensara na ternura que havia experimentado no momento em que, tendo aquele coelho horrível,nos braços, ele adormecera novamente, tranqüilo como um criança.

Não devia sentir-se tão curiosa a respeito dele, embora começasse a perceber que a frivolidade escondia uma natureza mais intensa do que imaginara a princípio. Ele havia tentado dizer algo sobre si mesmo naquela noite, mas não conseguira. Começara a falar diversas vezes, sempre de maneira evasiva e confusa, mas desistira de tentar invocar a lembrança que, segundo suas palavras, estava na ponta da língua.

E também dissera coisas estranhas, como... Tudo nesse mundo é comprometido.

Sabia que estava falando de riscos, de deixar-se levar pela roda da vida. Mas não era uma jogadora, e nem deixava-se guiar por instintos; era uma pesquisadora, uma intelectual com métodos definidos e claros. E esta era a escolha que havia feito.

O grito rouco de uma ave noturna invadiu seus pensamentos e

Cherish virou-se para melhor aspirar todos os perfumes trazidos pela brisa. Era estranho, mas jamais percebera o quanto as flores noturnas eram perfumadas, provocantes e sugestivas a respeito de coisas como fertilidade e sensualidade. Inquieta, abraçou o travesseiro.

Devia dar uma olhada em Ziggy, só para ter certeza de que ele respirava sem problemas e dormia tranqüilo. Estava a caminho da porta, quando parou e reconheceu a desculpa patética que encontrara para justificar-se. Procurava problemas, e justamente com um homem que parecia atraí-los como um imã atrai pregos.

Em vez de passar pela porta, virou-se e caminhou até a janela, onde apoiou-se no parapeito e admirou a beleza prateada da lua, uma espécie de jóia mágica contra o manto de veludo negro do céu de Vodu Caye.

— Uma lua minguante. Parece até que podemos estender a mão e tocá-la, não é? — Ziggy disse às suas costas.

Tensa, respondeu sem virar-se:

— Pensei que estivesse dormindo.

— Eu não conseguia dormir. Estava na varanda, sentindo uma enorme vontade de caminhar pela praia. Então ouvi seus passos e vim ver se estava bem.

— Estou bem — ela respondeu, virando-se para a silhueta recortada contra a porta. Não podia ver a expressão de rosto, mas a tensão era evidente na postura dos ombros largos.

— Eu sei que está bem — ele admitiu. — Foi só um pretexto para vir até aqui.

Por quê? Era evidente que não queria seduzi-la, apesar da beleza perfumada da noite.

— Está... querendo conversar?

— Não. Só queria companhia. Não me sinto muito bem sozinho.

— As noites têm sido difíceis para você, não é?

— Sinto-me como uma criança assustada, morrendo de medo dos monstros que sairão do armário a qualquer instante.

— Por que não vai se deitar novamente? Posso ficar sentada ao seu lado, conversando.

— Quem poderia imaginar? — ele riu com sarcasmo. — Era exatamente o que gostaria de ter numa ilha paradisíaca, numa noite tropical e com uma mulher bonita.

— Eu já havia percebido que você é totalmente imprevisível. Embora não pudesse ver seu rosto, sabia que sua resposta era um sorriso.

Na manhã seguinte, vovó Martinez levou o café da manhã e explicou a cerimônia do dugu a Ziggy. Ele parecia cheio de dúvidas, mas vovó não se importava. Cherish só notou como o hóspede estava desalinhado quando ficaram sozinhos novamente. Não podia fazer nada a respeito das roupas, mais um par de short que havia lhe emprestado e uma camisa colorida que Peter Sacqui cedera, mas podia resolver o problema da barba que cobria seu rosto e o abatia.

— O que acha de barbear-se? — sugeriu.

— Boa idéia — Ziggy concordou, passando a mão pelo rosto. — Sinto-me como um carpete. Por acaso tem uma lâmina, ou uma navalha?

— Comprei lâminas suficientes para os próximos dois anos. Para as minhas pernas.

Curioso, Ziggy examinou o instrumento cor de rosa que ela apanhou alguns instantes depois.

— Acho que não é do tipo que eu costumo usar, Cherish.

— Uma lâmina é sempre uma lâmina. E se essa pode dar conta de duas pernas inteiras, é claro que também pode resolver o problema da sua barba. E eu tenho até creme de barbear!

— Eu sei. Aroma de limão — e começou a levantar-se. Rápida, Cherish o empurrou de volta.

— Fique quieto, está bem? Prometo que não vai doer nada.

— Eu sou capaz de fazer a barba sozinho!

— Com os pulsos feridos, as mãos arranhadas e esse corte profundo no ombro?

— Não sou um inválido.

— Vamos lá, Ziggy. Era eu quem fazia a barba do meu avô.

Ele parecia hesitante, mas resignou-se. Até que ela começou a espalhar o creme de barbear em seu rosto.

— Não ponha essa coisa em meu rosto! Não, não! Ai, Cherish!

— Costuma fazer todo esse escândalo no barbeiro?

— Não sei. Não consigo me lembrar.

Depois de um pouco mais de insistência, Ziggy ficou quieto na cadeira.

— Não precisa fazer essa cara de mártir — Cherish provocou.

A expressão de sofrimento foi substituída por um ar de irritação:

— Não está satisfeita? Já permiti que me transformasse numa torta de limão e passasse essa coisa cor de rosa no meu rosto. Mas fingir que estou gostando da experiência já é demais!

Na verdade, Cherish não sabia por que insistira tanto em barbeá-lo. Agora que ele melhorava a cada dia e tornava-se mais forte, talvez precisasse de uma boa desculpa para tocá-lo. Apesar de seus inúmeros defeitos de caráter, Ziggy era um homem atraente.

— Seu olho já está muito melhor — ela comentou. A mancha roxa havia desaparecido, e apenas um tom levemente amarelado ainda lembrava o ferimento anterior. — E aquele remédio de vovó Martinez ajudou a cicatrizar o arranhão no rosto.

— Meu tornozelo também melhorou muito — ele indicou, erguendo a cabeça ao sentir o toque mais forte da mão em seu queixo. — Ai!

— Desculpe. E então? O que achou do que vovó disse sobre o dugu!

Ele encolheu o ombro:

— Estou disposto a ir em frente. Vovó disse que, como tudo está sendo feito às pressas, a cerimônia só terá a duração de um dia e uma noite, em vez de arrastar-se por uma semana, como é comum.

— Oh! — ela exclamou, tentando esconder a decepção.

Mas Ziggy notou o desapontamento em seu rosto e beliscou-a com força, fazendo-a gaguejar alguma coisa com ar indignado.

— Você não disse que queria me levar a uma cerimônia que durava uma semana, doutora.

— Bem...

— Veja pelo lado bom. Se não fosse por mim, isso tudo nem estaria acontecendo. Certo?

Ela encolheu os ombros e foi para o outro lado. Curioso, Ziggy insistiu:

— Todos as pessoas daqui falam inglês à maneira cantada do povo caribenho, mas não consegui reconhecer o idioma que usam entre eles. A propósito, quem são essas pessoas?

— Os Garifuna? São descendentes de africanos fugitivos de um navio negreiro que naufragou perto de uma pequena ilha na região de

St. Vincent, no século dezessete. Eles instalaram-se por lá, casaram-se com os indígenas caribenhos e deram início a uma cultura única.

— St. Vincent? Mas isso fica muito longe! Como vieram parar aqui?

— Eles resistiram à colonização inglesa até o final do século dezoito, quando seu líder foi morto e a rebelião foi sufocada. Então foram deportados para Honduras, que naquela época fazia parte do império Britânico. No século dezenove, os Garifuna começaram a locomover-se para o norte, ao longo da costa da América Central.

— Então existem colônias Garifuna em toda a América Central?

— Sim, mas Belize é a área de maior concentração. Além de todas as comunidades nas ilhas, existem diversas cidades no continente habitadas basicamente por Garifunas — e colocou-se entre suas pernas para que pudesse barbear o queixo.

— Eles têm um enorme orgulho de sua origem, e registraram todos os dados de sua história e cultura. Mas comunidades isoladas e tradicionais como a de Vodu Caye estão se tornando cada vez mais raras. Erga a cabeça.

— Como veio parar aqui? — Ziggy perguntou, ajustando sua posição às necessidades da barbeira. — Quero dizer, nem todas as garotas começam sua educação universitária pensando em exercer a profissão numa ilha isolada, sem telefone, restaurantes e outros confortos, estudando um grupo de pessoas das quais a maior parte dos americanos nunca ouviu falar.

Cherish sorriu e admitiu:

— Quando Grimly me contratou, minha mãe levou uma semana para encontrar uma mapa onde existisse Vodu Caye. E meu pai teve tanta dificuldade para lembrar quem eu estava estudando, que finalmente decidiu manter a palavra Garifuna escrita em um pedaço de papel que levava na carteira.

Ziggy sorriu com cuidado, uma vez que ela ainda não havia terminado seu trabalho.

— Como conseguiu esse trabalho?

— Eu sou bastante qualificada — e ergueu o queixo num gesto de orgulho. — Sou doutora em antropologia, fui a primeira aluna da minha turma durante todo o curso, minha tese de graduação foi um estudo do deslocamento cultural resultante do comércio de escravos africanos e...

— Vá com calma, doutora — ele pediu, unindo os joelhos em torno

de suas pernas e puxando-a para a frente. — Eu não estava questionando suas credenciais. Só queria saber por que veio para cá, em vez de escolher qualquer outra região de interesse antropológico.

— Ah, entendo.

Ziggy colocou as duas mãos em sua cintura e riu:

— A proximidade nos toma um pouco confusos, não acha?

— Com licença. Você já está barbeado e com uma aparência aceitável.

— Aceitável? Muito obrigado! Não consigo imaginar quantas mulheres teriam sido capaz de um elogio tão... tocante. Vou tentar evitar que a vaidade me suba à cabeça. Cherish não pôde deixar de sorrir.

— Está bem, melhor do que aceitável — admitiu. — Sem aquela barba e com os ferimentos cicatrizados, você está bem bonito. Deve ser um galã em seu círculo de relações.

— Onde quer que ele fique...

— Sim.

— Por que é sempre tão defensiva a respeito de suas qualificações?

Cherish suspirou:

— Qual é a utilidade de recitar minhas qualificações? Você é um homem.

— Tem razão — e puxou-a com força. Desequilibrada, Cherish praticamente deitou-se sobre ele, derrubando o barbeador. — E se ainda tem alguma dúvida, podemos saná-las imediatamente. Nada me daria maior prazer.

— Quis dizer que uma mulher entenderia minha escolha profissional, mas você deve ser geneticamente incapacitado para esse tipo de compreensão.

— Por que não tenta? — e abraçou-a com mais força, percebendo que ela tentava afastar-se.

Cherish apoiou as mãos em seus ombros para ganhar mais força, mas desistiu ao perceber a expressão de dor em seu rosto. E mesmo assim, Ziggy não desistiu de mantê-la presa entre os braços. Percebendo que era inútil debater-se, ela virou o corpo e sentou-se em seu colo.

Consciente do corpo musculoso sob o seu, do braço pressionando Imãs costas e da mão que repousava em sua cintura, Cherish fitou

aqueles olhos cinzentos e teve a impressão de estar diante de um príncipe encantado, de um aristocrata dos romances clássicos ou de um herói de suas fantasias adolescentes. Mas Ziggy era menos romântico e muito mais erótico que os parceiros ideais que havia criado em seus sonhos de garota. Inquieta, afastou a mão que havia deixado sua cintura para acariciar a região do ventre e do estômago.

— Isso é exatamente o que me torna tão defensiva — disse.

— Está dizendo que não gosta de ser tocada? — ele surpreendeu-se, subitamente sério e rígido.

— Não gosto de ser provocada, perseguida, apalpada e tratada como um objeto.

Ziggy fitou-a em silêncio por alguns instantes e, com uma expressão cuidadosamente neutra, empurrou-a e levantou-se. Atravessou a cozinha e fingiu estudar o próprio rosto no pequeno espelho sobre a pia, o único existente na modesta cabana.

— Todos os homens provocam essa mesma reação em você, ou o problema é pessoal?

— Isso faria alguma diferença? — ela perguntou com desdém, deixando-se cair na cadeira de onde ele acabara de levantar-se.

— Faria.

— Por quê? Em que sentido? — e balançou a cabeça, sem esperar pela resposta. — Os homens só querem uma coisa, Ziggy. Eu descobri isso quando tinha quatorze anos de idade. Todos os garotos da escola queriam sair comigo, e não por causa da minha inteligência ou...

— Não sei como lhe dizer isso, doutora, mas nenhum adolescente quer sair com urna garota por causa de sua inteligência.

— Não estavam interessados em minha personalidade — ela prosseguiu —, e nem pensavam que eu podia ser uma companhia divertida e agradável: Não sabiam sobre minhas excelentes notas de geometria e nem desconfiavam que eu era uma boa ouvinte. Não. Os garotos queriam sair comigo porque eu era uma ruiva cheia de curvas com peitos enormes!

Ziggy fitou-a e apertou os lábios, contendo o desejo de rir.

— Entendo seu desconforto e antipatia que adquiriu,pelo sexo oposto. Mas aquilo era o ginásio, Cherish, e desde então...

— E agora, quem está sendo ingênuo aqui? — ela o interrompeu. —

As coisas ficaram ainda piores na universidade, com todos aqueles rapazes cheios de hormônios e livres da supervisão dos pais pela primeira vez na vida. E todos tinham certeza de que uma garota com um nome como Cherish Love não ofereceria resistência.

— A propósito, come conseguiu esse nome?

— A culpa é de minha mãe. E alguém chamado Ziggy não está em posição de fazer críticas.

— Não — ele concordou. Testando o tornozelo, andou pelo chalé lentamente e continuou: — Acho que nunca pensei em tudo isso do seu... do ponto de vista de uma mulher. Não posso afirmar com certeza, porque não me lembro de como era aos dezenove ou vinte anos, mas é bem provável que eu quisesse sair com você pelos mesmos motivos. Só espero ser mais delicado, o suficiente para não elogiar o tamanho dos peitos de uma mulher.

— Aposto que teria sido mais delicado — ela indicou com sarcasmo, conseguindo fazê-lo abaixar a cabeça com embaraço.

Tentando amenizar a atmosfera, Ziggy olhou-se novamente no espelho e disse:

— É engraçado... Eu gosto de ser bonito e irresistível.

— É claro que sim! Você pode passar diante de uma obra sem ter de ouvir coisas horríveis — e suspirou. — Por que todos os homens acham que as mulheres gostam de receber propostas indecorosas, especialmente de estranhos?

— Bem, colocado desse jeito... — e sentou-se na cadeira diante dela, adotando uma rara expressão de seriedade. — Acha que devo me desculpar por alguma coisa, Cherish?

— Você não é responsável por todos os homens que beliscaram meu traseiro ou descreveram o tamanho dos meus...

— Eu sei que não. Estava pensando em desculpar-me por mim mesmo.

— Ah — ela piscou, sem saber o que responder. Atônita, percebeu que não queria ouvi-lo desculpar-se pelas insistentes tentativas de sedução, pelos beijos quentes, perguntas pessoais e sugestões indecentes.

Não fazia sentido. Não havia enquadrado Ziggy na mesma categoria de todos os outros homens que, algum dia, tentaram conquistá-la sem serem encorajados? E no entanto, agora que ele oferecia um pedido de

desculpas, percebia que não sentia o menor ressentimento por ter sido tratada com desejo desde sua chegada.

Estranhando o silêncio prolongado, Ziggy perguntou:

— É isso que a torna tão determinada em obter reconhecimento profissional?

— Todos acham que uma mulher com a minha aparência não pode ter um QI maior do que o de uma lagosta.

Ele começou a rir, mas logo percebeu que Cherish falava sério.

— Ah, vamos lá. Acha mesmo que alguém pode pensar esse tipo de coisa depois de conversar com você? Quero dizer, é evidente que é...

— Evidente para quem?

— Para mim.

— Que bom. Gostaria que fosse substituir alguns colegas do departamento de antropologia. — E de repente abriu seu coração, dizendo coisas que não estava habituada a dividir com mais ninguém. Escutara seus murmúrios desesperados e incoerentes, assistira a seus pesadelos aflitos e impressionantes, e isso havia criado um laço entre eles. Ou, talvez, houvesse errado ao julgá-lo, porque agora Ziggy a ouvia com atenção e simpatia, coisas que não esperava receber há dois dias.

— Eles não lhe deram a bolsa de estudos por causa de sua aparência? — perguntou incrédulo. — Que absurdo!

— Eu nunca fui capaz de provar a discriminação. Só tomei conhecimento dos motivos para a recusa através de fofocas, e eles acabaram concedendo a mesma bolsa a outra mulher. Mas as perguntas que me fizeram na entrevista final!

— Que perguntas?

— Por exemplo, se eu sabia que a pesquisa seria realizada num lugar isolado, sem nenhum conforto aos quais eu estava acostumada. Se eu sabia que minha vida social seria brutalmente interrompida. É claro que eu sabia todas essas coisas! Mais tarde, descobri que um dos membros do comitê havia dito que duvidava da minha capacidade de viver longe de um salão de beleza, e que sabia o que aconteceria se algo desse errado com minha prótese de seios! Acredita nisso? Quando me conheceu, achou que eu tinha seios falsos?

— Não sou nenhum especialista no assunto, mas nunca pensei que não fossem verdadeiros.

— E o restante do comitê concordou com esse absurdo! Afirmaram que minha aparência teria uma forte interferência sobre minha capacidade de realizar a pesquisa.

— Em outras palavras, você é bonita demais para ser uma pesquisadora competente?

— Sim. E não sobreviveria há um ano inteiro sem sexo!

— Fico imaginando se eu sobreviveria.

— Não sou o tipo de mulher que não sabe viver sem homem. É claro que posso viver um ano sem sexo. Já passei mais tempo em abstinência.

— Fico imaginando se eu também... — e encolheu os ombros, voltando ao assunto em questão. — Esqueça essas pessoas, Cherish. As mulheres estavam morrendo de inveja, e os homens sentiam despeito. Sabiam que jamais poderiam tê-la como desejavam.

— Desejo? Despeito? Deve ser por isso que alguns homens casados, com idade suficiente para ser meu pai, pensam que os aceitarei em minha cama com alegria. No ano seguinte eu fui indicada para uma posição na Universidade de Barrington, onde...

— Espere um minuto! Barrington? Isso é familiar.

— É mesmo? — perguntou, esquecendo o desabafo. — Reconhece o nome? Acha que esteve lá?

Pensando em suas maneiras elegantes e no vocabulário correto, Cherish concluiu que, talvez, os lampejos de memória não fossem tão improváveis. Ziggy podia realmente ser um homem rico, com uma educação privilegiada e requintada.

Depois de um momento de silêncio, ele balançou a cabeça:

— Não sei. Droga! Não consigo lembrar — e suspirou resignado.— E então? Conseguiu o emprego em Barrington?

— Não. O chefe do departamento marcou uma entrevista em seu escritório, e aproveitou o momento para dizer o que pensava sobre meus seios enormes. Fiquei tão ofendida, que joguei o emprego para o alto e disse o que pensava a respeito de um velho assanhado e sem senso de ridículo.

— Posso imaginar como tudo isso arruinou suas chances de conseguir a vaga. Não tomou nenhuma atitude? Uma reclamação à reitoria, por exemplo.

— Sim, enviei uma carta ao reitor, mas sem muitas esperanças. Era a palavra dele contra a minha. O chefe do departamento, um homem respeitado com trabalhos importantes publicados em diversos idiomas, versus uma garota curvilínea e insinuante que acabara de ser rejeitada para uma posição ria universidade. Essa é uma das maiores dificuldades com relação às queixas de constrangimento sexual. É difícil provar.

— Mas você riu por último. Conseguiu este emprego e, sou forçado a admitir, Vodu Caye não é um lugar tão terrível, embora eu esteja morto de vontade de ver um jogo dos Lakers. Ei! Em que época do ano estamos?

— Fevereiro. É torcedor do Lakers?

— E claro que sim! Na verdade, tenho ingressos para o... — e parou.

— O que ia dizer?

Ele a encarava com ar perplexo:

— Não sei. As coisas começaram a fluir, mas no instante em que tomei consciência do que estava dizendo... — e fez um gesto com as mãos. — Elas se foram.

— Que pena! Mas elas voltarão.

— E horrível — e bateu com o punho cerrado na mesa, demonstrando o quanto estava irritado.

Cheia de gratidão por ter sido ouvida com tanta atenção e compreensão, Cherish pousou a mão sobre a dele. Ziggy respirou fundo, livrando-se da tensão até abrir a mão e entrelaçar os dedos nos dela.

— Sente-se melhor? — ela perguntou.

— Sim — e fitou as mãos unidas por alguns segundos, antes de perguntar: — Quando vai telefonar para a Embaixada outra vez?

— No dia seguinte ao dugu.

— Devo estar recuperado em breve, e então poderei ir pessoalmente.

— Sim — ela concordou, apesar da contração no estômago.

— Se eles fizeram o teste das impressões digitais... Fico imaginando o que encontrarão — refletiu, olhando para a própria mão calejada.

— Talvez nada.

— Talvez eu tenha uma ficha criminal.

Não podia negar a possibilidade e, preocupada, sussurrou:

— Talvez tenha uma esposa chamada Catherine.

— Talvez. Mas, nesse caso, não acha que eu deveria estar usando uma aliança?

— Muitos homens casados não usam alianças. Ele encolheu os ombros:

— Gostaria de saber o que Catherine pensa a respeito de ser esquecida.

Devagar, Cherish afastou a mão da dele.

— Eu... tenho trabalho a fazer. Quero observar as preparações de vovó para o dugu. É uma oportunidade maravilhosa.

— Sim, deve ser.

— Acha que pode ficar sozinho?

— Sim, com toda a certeza. Acho até que vou andar um pouco e respirar ar fresco. Talvez um passeio pela praia...

— É uma boa idéia.

Cherish levantou-se e, na porta, parou para observá-lo. Ziggy estava inclinando sobre a pia, lavando a região barbeada. Deixá-lo sozinho era muito mais difícil do que gostaria de admitir.

CAPÍTULO VII

— O que está fazendo? — Cherish perguntou a Luke numa tarde da semana seguinte, interrompendo seu jogo com uma dúzia de crianças da ilha.

— Jogando basquete — ele respondeu entusiasmado. — Ziggy nos ensinou as regras e é o nosso treinador.

— Não acredito!

Agora que readquirira a mobilidade e recuperara-se dos ferimentos, Ziggy passara a ter uma influência considerável sobre os locais. Já era hora de terem uma boa conversa sobre o assunto. Devia ter estabelecido algumas regras básicas desde o início, quando descobrira que ele estava ensinando uma infinidade de gírias americanas às mulheres.

— Sabe onde ele está? — perguntou.

— Disse que ia nadar em índigo Beach — Luke informou. — Quer ver como enterro uma bola?

— Agora não, Luke. Mais tarde, está bem?

— Como quiser.

Irritada, Cherish afastou-se dos garotos e dirigiu-se à praia onde havia encontrado Ziggy quase morto.

Ele estava na beira da água, usando apenas o short que havia lhe dado há alguns dias. Pela centésima vez, decidiu que mergulharia na próxima onda e, pela centésima vez, não foi capaz de cumprir sua resolução. O terror o impedia. Dividido entre os poucos dotes culinários de Cherish e a desconfiança de cada prato que vovó Martinez colocava à sua frente, perdera alguns quilos.

— Na próxima onda — prometeu.

Tinha certeza de que sabia nadar. O fato de ter sobrevivido à tempestade confirmava essa certeza, e tinha até a impressão de que, antes daquela noite horrível, havia até gostado de praticar esportes aquáticos. Mas agora, a cada nova onda que aproximava-se da praia, sentia o terror crescer de maneira assustadora.

A dor. O sangue. O tubarão. Outra golfada de água salgada. Soterrado sob toneladas de água novamente, agarrado ao coelho. Quase perdendo o salva-vidas.

Fechou os olhos e estremeceu, tentando respirar apesar da garganta contraída. Droga! Talvez devesse simplesmente desistir e voltar para o chalé.

Não! Cherish podia estar lá. Estava tentando deixá-la mais tempo sozinha desde a manhã em que ela havia explicado seus motivos para desprezar os homens, especialmente os que não conseguiam manter as mãos longe de seu corpo. Sabia que não havia sido uma acusação pessoal, porque ela sequer aproveitara a oportunidade para fazê-lo pedir desculpas.

Não tinha intenção de insultá-la, impor sua presença ou embaraçá-la como tantos outros haviam feito, mas julgava-se incapaz de manter as mãos longe daquele corpo por muito mais tempo. Viver com Cherish era testar os limites de seu auto-controle.

Todas as manhãs ela dirigia-se à cozinha vestindo alguma coisa larga é sem forma, normalmente camisetas de algodão. Isso o aturdia, contraindo seu ventre e provocando reações que temia não ser capaz de controlar. Quando os raios de sol entravam pela janela e acentuavam o brilho de seus cabelos vermelhos, dos olhos verdes e sonolentos e da pele alva, também invadia a camisola improvisada e a tornava

transparente, revelando os quadris arredondados e o V tentador da região onde suas pernas se uniam. Saberia que ele havia perdido o sono várias vezes, entregando-se a fantasias ardentes sobre aquelas curvas perfeitas? Imaginava que havia saído antes dela acordar porque, na manhã anterior, quase não conseguira esconder a resposta física que ela provocara? Este era um sinal de sua recuperação que certamente não a agradaria.

Mais uma onda aproximou-se da praia, e nesta ele pretendia mergulhar. Precisava da água fria para aplacar a febre súbita que o dominara.

Morte. Água. Sangue.

Imóvel, viu a onda arrebentar na praia.

As noites eram uma verdadeira tortura. Suportava a intimidade de vê-la limpar a cabana enquanto preparava a cama, e a via retornar dos fundos da casa depois de tomar banho e pentear os cabelos. Passava horas ouvindo os movimentos de seu corpo entre os lençóis, balançando-se na rede e aspirando todos os perfumes que a brisa trazia.

Mas o pior eram suas visitas inesperadas no meio da noite. Cherish sabia o quanto a escuridão o apavorava, e isso o embaraçava. Mas era inútil fingir-se de forte; ela o amparava nos braços para protegê-lo de seus demônios interiores, e sentava-se a seu lado para manter seus monstros afastados. Mas sua presença gentil, as visitas silenciosas e preocupadas só tornavam mais difícil suportar o resto da noite sem ela. A necessidade que sentia já havia ultrapassado o desejo de conforto e companhia, de um amigo num universo desconhecido.

Queria Cherish como mulher, como amante. Queria sentir sua pele macia sob os dedos e colar o corpo ao dela. Queria ouvir os sons eróticos de seu prazer, os suspiros doces de satisfação e os gemidos aflitos de necessidade crescente.

E ela só queria estar sozinha. E verdade que reconhecia um brilho de desejo em seus olhos quando, acidentalmente, encontravam-se na pequena cabana. Mas as demonstrações de emoção desapareciam depressa, seguidas por um controle rápido e impressionante. Cherish queria suprimir a própria natureza, e não poderia fazê-la mudar de idéia comportando-se como todos os outros homens que haviam tentado conquistá-la, homens que ela não encorajara.

Além do mais, já tinha problemas demais com que preocupar-se.

Apesar dos breves lampejos de memória, ainda não sabia nada sobre si mesmo, nada além do que sabia quando, alguns dias antes, despertara num lugar chamado Vodu Caye e descobrira que não lembrava sequer seu nome.

Só havia uma coisa da qual tinha certeza absoluta. Alguém queria matá-lo.

Cherish o encontrou na beira da água, olhando para o oceano como se todas as respostas pudessem ser encontradas no horizonte. Usava apenas o short de náilon, e a camisa estava jogada na areia, presa sob o coelho de pelúcia. Raramente deixava aquela coisa fora de seu campo de visão, embora ainda não houvesse conseguido descobrir o seu significado.

Passara os últimos dias silencioso, oferecendo apenas alguns comentários ocasionais de cortesia, coisas impessoais que só serviam para romper os longos períodos de silêncio. Não que o visse muito. Agora que voltara a caminhar sozinho, Ziggy raramente ficava mais de cinco minutos no mesmo lugar. Passava mais tempo com os habitantes de Vodu Caye do que havia passado com ela desde a manhã em que o encontrara.

Talvez não gostasse da companhia de uma mulher habituada a reclamar. Não devia ter aberto seu coração. Ziggy podia ter restringido seus comentários por causa das coisas que havia revelado, e devia estar satisfeita com a mudança de atitude. Na verdade, quando dissera todas aquelas coisas sobre os problemas que enfrentara com o sexo oposto, esse devia ter sido seu objetivo. E no entanto, agora que ele comportava-se de maneira mais adequada, queria sacudi-lo até obrigá-lo a deixar de ser tão polido e educado. Ziggy podia ser um modelo de etiqueta e gentileza quando queria, mas o comportamento contido não combinava com ele.

Polido ou não, não havia nenhum motivo para que a evitasse como se fosse uma praga! Na noite anterior, ele só havia voltado da casa de Peter Sacqui tarde, e naquela manhã saíra antes do alvorecer. Seria tão aborrecida e intolerável a ponto de não poderem dividir um bule de café pela manhã? Chegara a acreditar que haviam ao menos aprendido a gostar um do outro. Na verdade, estava preparada até para admitir uma certa atração por aquele homem.

Mas agora que havia rotulado o sexo como algo fora dos limites, ele mostrava-se quente como um iceberg.

Homens!

A medida em que caminhava pela praia, Cherish sentia a irritação crescer rapidamente.

— Preciso falar com você — anunciou ao alcançá-lo.

— Droga, Cherish! O que pretende? Provocar um ataque cardíaco? Por que estava me espionando desse jeito?

— Espionando? Não seja ridículo!! Você não ouviu meus passos porque estava olhando para a água como se estivesse em transe.

— Estou... me preparando para nadar um pouco.

— Ah! Desculpe interromper seu lazer, mas o assunto é muito importante.

— Estou percebendo um toque de sarcasmo em sua voz, doutora Love?

— Mais do que isso. Estou furiosa!

— Qual é o problema agora?

— Quero que pare de interferir nos hábitos dos Garifunas.

— Interferir? Do que está falando?

— Está contaminando a cultura desse povo — ela o acusou, dominada pela irritação. — Está envenenando a linguagem dos nativos com gírias americanas, ensinando esportes e jogos de cartas que são estranhos às suas tradições, e hoje ouvi dizer que andou encorajando alguns deles a desenvolver o turismo em Vodu Caye! Como teve coragem?

— Está querendo encrenca, não é? Mal pode esperar para ter uma boa briga!

— Não mude de assunto!

— Quer saber como tive coragem de ser simpático e agradável com todas essas pessoas que foram simplesmente adoráveis comigo. É isso?

— Ser simpático e agradável é bem diferente de interferir na cultura e nas tradições desse povo!

— Agora entendo. Adoraria poder congelar esse povo para sempre. Seria maravilhoso. Sem nenhuma mudança, não é, doutora? Poderia passar o resto da vida desfrutando de sua fama, colhendo os louros de um trabalho rico e detalhado, publicando um livro por ano sobre os costumes dos Garifunas.

— Isso não tem nada...

— Isso tem tudo a ver com o assunto! Não está preocupada com o que é melhor para eles. Só pensa no que é melhor para você!

— Não me venha com hipocrisias...

— Veja só quem está falando!

— Você está aborrecido, fazendo travessuras para passar o tempo.

— E você está cega para a realidade! Passou muito tempo trancada nessa torre de cristal, doutora. As vezes me faz lembrar C... Cl... — e parou, o rosto contorcido numa máscara de choque e frustração. Estava perseguindo uma lembrança, uma imagem que, tendo passado rapidamente por sua mente, fugia novamente.

— Quem? — Cherish perguntou depressa. — Catherine?

— Não. Não é nada disso. É Cio...

— Chloe? Claire? Clyde? — tentou, ansiosa para ajudá-lo. Ziggy fechou os olhos e cerrou os punhos:'

— Algumas vezes sinto vontade de estrangulá-la, mas sei que a amo.

— Sua esposa? Irmã? Namorada? Sem abrir os olhos, ele murmurou:

— Irmã? Sim, acho que é minha irmã. Talvez. — Depois de alguns segundos, abriu os olhos e suspirou desanimado. — Acabou. A imagem se foi.

— Não faz mal. Já é um grande progresso. É a segunda vez que uma discussão o ajuda a lembrar alguma coisa — Cherish comentou, abandonando a discussão.

Ele parecia deprimido, e talvez já houvesse conseguido provar seu ponto de vista. De qualquer maneira, não tinha coragem de criticá-lo, quando era óbvio que perdera todo o interesse em defender-se.

— Bem, vou deixá-lo em paz com seus mergulhos. A menos que prefira que eu fique na praia para...

— Não, obrigado. Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesmo.

— Está pronto para o dugu de amanhã?

— Sim, absolutamente pronto.

Apesar da preocupação, Cherish virou-se e partiu. Olhou para trás apenas uma vez, quando estava entrando na trilha que partia da praia rumo ao vilarejo. Ziggy permanecia no mesmo lugar, o olhar perdido no

oceano.

Naquela noite Cherish passou muito tempo acordada, furiosa por ele ter voltado tarde e preocupada com seu estado mental. Ziggy estava em Vodu Caye há uma semana, e já começava. a suspeitar de que sua memória não voltaria sem algum estímulo familiar.

Mas o que poderia lhe ser familiar? Duvidara do que ele havia dito há alguns dias sobre ter a impressão de dirigir um Porsche vermelho. Também não havia acreditado naqueles comentários sobre jantares no Maxim's e estadias no Ritz.

De qualquer forma, havia chegado ao ponto em que testar essas teorias parecia melhor que nada. Mas como? Ziggy chegara à praia sem um centavo nos bolsos, e ela não podia pagar uma viagem a Paris ou Londres para ver se alguém o reconhecia no Maxim's ou no Ritz. Além do mais, ele não iria a parte alguma sem um passaporte.

Desanimada, suspirou e virou-se no colchão. Pretendia telefonar novamente para a Embaixada americana em dois dias. Talvez eles tivessem algo a dizer. Caso contrário, conversaria com Ziggy e veria se, agora que estava bem, não podiam agir juntos e traçar um plano de ação mais agressivo para descobrir sua identidade. Quanto mais cedo ele estivesse fora de Vodu Caye e longe dos Garifuna, melhor.

Era estranho, mas o simples fato de pensar na partida de Ziggy a deixava de mau humor. Irritada, enterrou o rosto no travesseiro e decidiu que, naquela noite, não iria ver se ele dormia bem.

No final da tarde seguinte, Ziggy estava até feliz por ter concordado com o dugu. Todos estavam tendo muito trabalho, especialmente vovó Martinez, e Cherish não parava de fazer anotações. Vovó proibira fotografias durante a cerimônia, o que a obrigava a descrever todos os detalhes do ritual e da dança, das roupas, dos amuletos e da comida oferecida aos espíritos e convidados. O simples fato de observá-la era. o bastante para deixar Ziggy cansado.

Cansado, e aflito. Sentira vontade de pedir que não fosse mais visitá-lo no meio da noite mas, agora que ela o deixara sozinho durante uma noite inteira, tinha a horrível impressão de ter sido abandonado. O que só provava que o velho ditado estava certo: quando os deuses decidem nos punir, escutam nossas preces. Sabia que sua reação não era racional, mas Cherish tinha o dom de fazê-lo comportar-se de maneira totalmente ilógica.

E a noite anterior havia sido definitivamente terrível. Não devia ter passado tanto tempo olhando para o oceano. Seus sonhos haviam sido uma verdadeira câmara de tortura e horror, uma teia de pavores que o mantiveram imobilizado. Ansiara pelo toque das mãos dela em sua testa, por sua presença re-confortante e pelo murmúrio suave de sua voz. Droga! Com toda a honestidade, tinha de admitir que ansiara por agarrar-se a ela e perder-se naqueles braços.

— Beba, Ziggy! — Peter Sacqui avisou, batendo em suas costas.

Ziggy obedeceu, esvaziando sua xícara de chá entorpecente que, naquela noite, era servido a todos com liberdade e abundância. Com a cabeça girando, inclinou-se para afagar a cabeça do cachorro de Peter que, nervoso, rosnava e latia para os tambores ensurdecedores que embalavam as danças dos habitantes da ilha.

— Um dugu é certamente barulhento — ele comentou.

— Sim, ou os espíritos não poderão nos ouvir — Peter explicou com expressão entusiasmada.

— Acha que estou possuído por maus espíritos?

— Não sei, Ziggy. Talvez sua memória só esteja precisando ser chamada de volta ao corpo. Talvez ela tenha se afastado em busca de alguma coisa...

— O que ela poderia ter ido procurar?

— Uma vida passada, um velho inimigo, um amigo — e encolheu os ombros. — Talvez ela tenha ido procurar uma companhia para você.

— E talvez esteja fugindo de uma que eu já tenha em algum lugar.

Peter riu:

— Sua memória pode ter partido para salvar sua vida.

— Como assim?

— Quem quer que o tenha perseguido, não poderá encontrá-lo em Vodu Caye. Ninguém sabe que está aqui, e mesmo que alguém conseguisse descobrir seu paradeiro, nós não permitiríamos que um estranho entrasse na ilha para atacá-lo. Mas, se soubesse de onde veio, estaria lá, expondo-se ao perigo de ser encontrado por seus perseguidores.

— Não havia pensado nisso — Ziggy admitiu, aceitando mais uma xícara de chá que a esposa de Daniel Nicholas servia a todos. — No entanto, mais cedo ou mais tarde, terei de deixar Vodu Caye. E se eu

não souber quem é meu inimigo, não poderei me defender.

— E por que tem de partir? Tem tudo de que precisa aqui. Tem amigos, idéias, projetos... Já falou em construir um pequeno hotel e trazer turistas, lembra-se? E como se não bastasse, também tem uma mulher adorável.

— É mesmo? Pois ontem essa mulher queria arrancar minha alma pelos olhos.

— É assim que se descobre quando estão apaixonadas. Elas nunca ficam furiosas com homens que não têm nenhuma importância em suas vidas, sabe?

Ziggy não acreditava muito na teoria de Peter, e também não achava que a raiva de Cherish houvesse sido inspirada por razões pessoais. Afinal, passará dias fugindo dos lugares onde podia encontrá-la, tomando cuidado para não aborrecê-la, ficaria tão furiosa com todas as pessoas que interferiam na vida dos Garifuna? E se...

— Talvez a doutora esteja cansada de ser paciente. Cansada de ir para a cama sozinha enquanto você joga baralho comigo e ajuda vovó Martinez a secar suas ervas — Peter sugeriu.

— Duvido! Na verdade, acho que a doutora me morderia se eu tentasse tocá-la.

— É mesmo? E acha que isso seria ruim?

Ziggy riu da piada. Então vovó aproximou-se e levou-o para longe, pondo um ponto final na conversa. Agora que a noite caíra, estavam aproximando-se do clímax do dugu, onde ele seria o astro convidado.

Vovó o fez beber uma xícara de um líquido quente e amargo. Não disse do que era feita a infusão, mas quando ela interagiu com o álcool que já havia ingerido, o efeito imediato o fez parar de preocupar-se com detalhes, embora soubesse que havia acabado de introduzir em seu organismo algum tipo de alucinógeno.

Alguém fez uma fogueira e acendeu diversas tochas. Pelo menos uma dúzia delas era usada na dança violenta e frenética que acompanhava o ritmo dos tambores. Cantando, vovó tomou sua mãcre o levou para o círculo formado pelos dançarinos. Ziggy balançou a cabeça, tentando clarear as idéias, mas isso só fez o mundo girar ainda mais depressa.

Vovó parou de cantar e começou a falar, mas sua mente estava confusa demais para que pudesse acompanhar todas as palavras. Que

diabos havia bebido? De qualquer forma, Ziggy conseguiu captar a idéia geral. Agora todos os espíritos estavam em torno deles, atentos, ouvindo e falando. Vovó o ajudaria a livrar-se de seus demônios e recuperar seu espírito. Concentrada, perguntou se ele estava pronto.

Ziggy afirmou com a cabeça, encontrando dificuldades em fazer o corpo responder.

Vovó começou a cantar novamente, puxando um coro de cinqüenta ou sessenta cantores, todos atentos ao convidado principal. Ziggy gostaria de poder entender o que diziam, porque parecia ser algo muito importante. Sonolento, piscou várias vezes para manter os olhos abertos. Agora o círculo era formado por uma dúzia de bestas coloridas, como os espíritos que vovó Martinez descrevera e que esperava receber naquela noite. Tentou fazer perguntas, mas a língua estava entorpecida.

Jamais entenderia como alguém podia viciar-se em drogas! Não era sequer divertido! Não. Diversão era cavalgar um puro sangue ou dirigir um automóvel esporte, flertar com uma mulher bonita e fazer amor, entrar nos negócios da família e surpreender a todos com sua habilidade. Divertido era aborrecer Catherine e tentar despentear seus cabelos. Divertido era acompanhar vovô em uma de suas aventuras e depois tentar surpreendê-lo... como se fosse possível. Divertido era... Cherish. Qualquer coisa relacionada a Cherish.

Mas onde ela estava? Por que o deixava sozinho no meio daqueles demônios barulhentos e agitados, entregue às visões que o confundiam? Normalmente o protegia. Limpava seus ferimentos, o obrigava a comer, ia visitá-lo no meio da noite para certificar-se de que dormia tranqüilo... Mas na última noite o abandonara à própria sorte. E havia precisado tanto dela!

Onde está você? Venha me ajudar!

— Cherish! — alguém chamou. — Cherish!

E então ela estava lá, embora não pudesse dizer se havia surgido de repente ou se sempre estivera a seu lado. Uma nuvem de cabelos vermelhos e brilhantes, implorando por uma carícia... Olhos verdes como o jade que havia comprado em Hong Kong. Pele macia como sua melhor camisa de seda, aquela que havia perdido num jogo de pôquer com um senador gordo do sul que jamais pudera usá-la. Cherish, Cherish,

— Aqui, Ziggy. Você está bem?

Sentiu a mão dela sobre a sua e apertou-a, provocando um gemido

assustado. Por quê? Talvez estivesse com medo de alguma coisa. Estaria vendo os demônios? Tentou acalmá-la, garantir que a protegeria das bestas dançarinas.

Vovó falou novamente, interrompendo seus pensamentos e fazendo perguntas. A mulher era poderosa. Não havia como ignorá-la ou escapar de suas exigências. Ela o levou por um caminho longo e escuro até uma caverna, um túnel sob o mar e além do lado escuro da lua. Levou-o ao lugar que ele mais desejava evitar, aos recantos sombrios de sua própria mente.

Chuva. Estava chovendo? Sentia o rosto molhado. Frio. Estava com frio. E o chão passara de um balanço agradável e suave a um movimento violento e apavorante. Ziggy apertou a mão que segurava a sua.

— Eles vão me matar — disse.

— Quem?

Ouvi alguém dizer que decidiram me matar imediatamente. Tenho de escapar.

— Quem quer matar você?

— Vovó, não o faça lembrar disso.

Uma voz feminina. E parecia amedrontada! Mas estava sozinho. Ninguém sabia que estava ali, prestes a ser assassinado. Ninguém jamais saberia onde procurar seu corpo.

— Onde você está? — uma mulher perguntou. Uma voz diferente. A mesma que o levara até ali, para uma cena que jamais gostaria de rever.

— No barco — ele respondeu.

— Quem...?

— Shhh! Eles estão voltando.

Conseguira livrar um dos pulsos das cordas, mas o outro ainda estava preso. Por que tinham de voltar tão depressa? Não pretendiam comer, dormir, ou fazer qualquer coisa antes de matá-lo? Humphrey Bogart e Errol Flynn nunca eram as assassinos tão depressa.

— Eles não podem ouvi-lo — a mulher avisou, — Não pode me dizer o que está acontecendo?

— Arghhhh!

— Ziggy!

Havia sangue. Uma faca. Seu ombro. Oh, Deus, que dor terrível!

Precisava usar o braço livre para estancar o sangue.

— Ziggy, pare.

O brilho da lâmina, um movimento rápido ao lado de seu rosto. Um salto. Conseguira tomar a faca e cortar a corda que mantinha preso seu outro pulso, ignorando os ferimentos provocados pelos movimentos bruscos que fazia. Passos. Alguém segurou, seu braço e seu coração disparou. Estava acabado.

Cherish banhou o peito suado de Ziggy com uma toalha molhada. Ele movia-se inquieto, resmungando e tentando alcançar alguma coisa. Tentou acalmá-lo e depois virou o rosto para enxugar as lágrimas.

O privilégio de observar um ritual tão exclusivo perdera todo o encanto para ela quando Ziggy começara a suar e tremer violentamente, apavorado, prisioneiro de um emaranhado de perigos e ameaças que só ele podia ver. Era querido por todos os habitantes da ilha, mas nenhum deles reagira como Cherish durante o dugu. Havia ficado tão aterrorizada, que interferira na cerimônia e fizera alguns dos participantes carregá-lo para longe do círculo de dançarinos, onde não pudesse ouvir os cânticos e o rufar dos tambores.

Agora percebia por que os Garifuna não permitiam observadores estranhos no dugu. Acreditavam realmente no poder da mágica do obeah, como acreditavam em vovó Martinez, sua buye. Não tinham a menor dúvida de que ela ajudava Ziggy, e de que ele podia melhorar depois da experiência. Cherish os chocara tanto quanto teria chocado qualquer congregação de católicos ao forçar o padre a parar no meio da eucaristia.

Uma observação acadêmica e imparcial havia sido tudo o que pretendia,- até que sua fé na cerimônia fora testada. Jamais imaginara que o dugu pudesse ser tão desgastante para Ziggy. E também não pensara que vê-lo sofrer seria tão doloroso. A garganta doía, o peito estava em fogo e sentia-se aturdida. Como pudera expô-lo ao dugu, sabendo como sua mente rejeitava desesperadamente tudo o que lhe acontecera na noite da tempestade?

Em sua arrogância intelectual; não havia acreditado na eficiência dos rituais religiosos daquele povo. Havia encarado os ritos como uma fascinante tradição cultural, e ignorara o fato de que, se uma mulher como vovó acreditava na cerimônia, então ela devia ser poderosa.

— Oh, Ziggy — murmurou, afastando os cabelos de sua testa

úmida. Vivia uma enorme tensão emocional desde sua chegada, e naquela noite fora forçada a ver coisas terríveis a respeito de si mesma. Naquela noite havia falhado com todas as pessoas importantes em sua vida. Vovó Martinez, os Garifuna, Grimly e Ziggy. E, acima de tudo, fracassara consigo mesma. Gastara tanta energia mantendo-se distante, concentrando-se em aspectos intelectuais e desdenhando os elementos mais básicos da natureza humana, que acabara tornando-se cética e arrogante.

— Doutora, como está seu rosto? — vovó perguntou. Haviam levado Ziggy para sua cabana até que ele recuperasse a consciência

Cherish tocou o ferimento na face, imaginando qual seria sua aparência. Durante a mais intensa descarga emocional, quando ele havia se debatido e sofrido convulsões, Ziggy acertara seu rosto com força demolidora, e chegara a jogá-la no chão.

— Acho que está melhor — disse.

— Talvez seja bom colocarmos algo frio nesse hematoma — vovó sugeriu, segurando seu queixo para examinar melhor a área atingida.

— Sinto muito por ter interrompido a cerimônia, vovó. Sei que errei, e estou morta de vergonha. Mas ele estava tão... Não sabia que ele sofreria tanto. Não podia... Não sabia...

— Acho que já sei o que quer dizer, doutora. Não sabia o que aconteceria.

— Não. E ele... Eu...

— Sim, já entendi.

— Sinto muito — Cherish repetiu, sentindo-se ridícula e miserável.

— Não se preocupe, doutora. Todos sabem que só estava tentando protegê-lo. É uma pena, porque ele estava muito perto dos espíritos.

— Acha que Ziggy recuperou a memória? Vovó encolheu os ombros:

— Só saberemos quando ele acordar — e segurou-a pelo braço, notando que tentava aproximar-se do paciente que, inquieto, movia-se na cama. — Venha aqui fora um instante, por favor. Os rapazes querem saber como ele está.

— Não posso...

— Quanto mais cedo encarar todos eles, mais cedo poderá superar tudo o que aconteceu esta noite.

Percebendo que ela estava certa, Cherish concordou.

— Mas acha que ele vai ficar bem sozinho?

— É claro que sim. Só nos afastaremos por alguns minutos. No final, Cherish sentiu-se feliz por ter concordado com a sugestão de vovó Martinez. O dugu prosseguia sem a presença de Ziggy, mas os habitantes que haviam se afastado da cerimônia para saber sobre seu estado não demonstravam nenhum sinal de hostilidade por ter interrompido um ritual importante. Pelo contrário, pareciam mais preocupados com ela do que com Ziggy. Já esperavam que ele não suportasse o desafio de enfrentar os espíritos, mas não imaginavam que Cherish fosse entrar em pânico. Era gratificante saber que os Garifuna já haviam perdoado seu erro.

Sentindo-se indigna, mas grata pela tolerância, voltou sozinha para a cabana de vovó Martinez. O bater dos tambores e os cânticos rituais prosseguiam. Arrepiada, abriu a porta do quarto de Ziggy.

O aposento estava vazio. Ele havia sumido.

CAPÍTULO VIII

Canções sinistras e tambores lúgubres o despertaram de um sono profundo. Ziggy abriu os olhos e descobriu-se sozinho num quarto escuro e estranho. Onde estava Cherish? O que estava fazendo ali? Que barulho era aquele?

Lembranças vivas do dugu invadiram sua mente a medida em que o cântico tomou-se mais alto, enchendo seus ouvidos. Levantou-se da cama e levou as mãos à cabeça, sentindo uma dor intensa que latejava no ritmo dos tambores. O aroma dos fogos cerimoniais, os gritos de êxtase dos participantes que entravam em contato com o mundo dos espíritos e as sombras que dançavam à sua volta o arrastaram do quarto, para fora da cabana e para longe do vilarejo.

Sentia uma força sobrenatural nas pernas e andava pela selva sem parar, ignorando a vegetação que enroscava-se em seus pés descalços e os galhos que o atingiam no rosto. Mas, do que quer que estivesse fugindo, era algo tão rápido quanto ele, e permanecia às suas costas, dentro e em torno dele. A porção racional de sua mente queria parar para respirar, interromper a incursão insana pela selva repleta de mistérios e perigos. Mas, algo mais forte e primitivo o impulsionava adiante, para o coração da noite.

Luke Martinez estava certo; o ar em Vodu Caye estava cheio de espíritos. O garoto havia dito tudo sobre as criaturas que habitavam esta

costa mágica. A qualquer momento, esperava encontrar um Sisimito, a besta gigante e peluda que rasgava os homens em pedaços e roubava suas mulheres. Tinha certeza de ter ouvido a conversa dos duendes, aqueles estranhos anões de quatro dedos que haviam sido descritos pelos maias em suas cavernas pintadas, mais de mil anos atrás. Os habitantes diziam que o cão de Peter Sácqui possuía três pernas porque uma delas fora devorada por duendes, e que Peter vira as pegadas perto de sua cabana na manhã em que encontrara o animal aleijado e quase morto.

Desorientado e tonto, Ziggy penetrou num corredor formado por palmeiras e, para sua surpresa, saiu em índigo Beach. Parecia destinado a retornar sempre ao mesmo lugar, até que conseguisse recordar como chegara ali pela primeira vez.

Finalmente parou de correr e, respirando com dificuldade, encostou-se num tronco de árvore e fechou os olhos.

Devia estar enlouquecendo.

Respirando fundo e tentando acalmar-se, movimentou o ombro ferido. Vovó havia removido as suturas e garantira que a cicatrização era perfeita, mas era óbvio que ainda não estava forte o bastante para uma corrida como aquela. Abriu os olhos e balançou a cabeça. Duendes? Que diabos estava acontecendo com sua sanidade mental?

Esperava estar sofrendo apenas os efeitos da droga que vovó Martinez o fizera ingerir.

Exausto e confuso, sentou-se com as costas apoiadas numa árvore, olhando através da faixa de areia branca para o oceano infinito. O ritmo das ondas era manso e regular, diferente da outra noite, cujos detalhes permaneciam fora do alcance de sua consciência.

O céu era um espetáculo de beleza. A lua brilhava intensamente contra o manto negro, intensa como se pulsasse com vida própria, e as estrelas cintilavam em resposta ao seu flerte. Todos os corpos celestes pareciam vivos nessa noite, como as nuvens fofas que flutuavam preguiçosas, acariciadas pelo luar prateado.

A visão daquele céu esplêndido provocou algo intenso em seu interior. O ritmo constante das ondas sugeria um contraste delicioso com a explosão de energia que o enviara através da selva. Assim que o pensamento invadiu sua mente, ouviu aquela voz chamá-lo no meio da noite.

— Onde você está? — ela gritava através da vegetação densa.

Por um momento insano, pensou que fosse Ixtabay, a fada da selva de Belize que normalmente ficava escovando os longos cabelos sentada no galho de uma árvore. Quando descia e punha os pés no chão, podia hipnotizar um homem e levá-lo para o interior da selva. Ninguém sabia o que fazia com seus amantes, porque todos enlouqueciam e morriam assim que voltavam.

— Por favor, não se esconda — ela pediu com a voz mais envolvente que já ouvira.

Tremendo, Ziggy levantou-se e sentiu a brisa do mar agitar seus cabelos. Qualquer que fosse o preço, iria até ela. Tinha certeza de que já havia perdido boa parte da razão, e não tinha nenhum motivo para temer aquele encontro. Sabia o que desejava e, naquela noite de luar e loucura, sem nada às suas costas exceto o mar que o levara até aquele lugar, respondeu ao chamado.

Imaginando que Ziggy havia ido para índigo Beach, o lugar que tanto o atraía, Cherish seguiu suas pegadas desde o vilarejo. Ouviu os pássaros e os macacos em sua algazarra pela seiva e compreendeu que algo os perturbara. E se Ziggy houvesse se afastado do caminho e estivesse perdido na floresta? Cada vez mais preocupada, começou a chamá-lo em voz alta.

Finalmente, quando já começava a temer que a droga do dugu ainda estivesse exercendo seu poder, ele respondeu.

— Cherish?

— Ziggy! — gritou, correndo em direção ao túnel de palmeiras à sua direita. Estava tão perto da praia que podia ouvir o barulho das ondas. Passou por um tapete de grama e flores coloridas, e finalmente o viu no extremo oposto do corredor de vegetação.

A princípio sentiu-se dominada por um estranho pavor, porque á luz da lua às suas costas o fazia parecer ameaçador e poderoso, excessivamente alto, os cabelos castanhos brilhando como se possuíssem um halo celestial e o rosto mergulhado nas sombras. Ziggy aproximou-se com passos largos e firmes, e ela lembrou-se dos avisos de vovó Martinez sobre as criaturas que habitavam a floresta.

Mas quando seus braços a enlaçaram, urgentes e poderosos, teve certeza de que era Ziggy. Os lábios tocaram os seus e espalharam o sabor familiar em sua boca. O cheiro de seu corpo penetrava em seus

sentidos como uma droga inebriante. O beijo foi rude e violento, sem a delicadeza habitual. Cherish agitou-se entre os braços fortes e agarrou-se à camiseta velha que alguém lhe emprestara. Sentia-se tonta, e tinha quase certeza de que desmaiaria antes que ele se afastasse.

Quando Ziggy finalmente ergueu a cabeça para fitá-la, ela respirava ofegante e o encarava com olhos arregalados e atônitos. Em nenhum momento pensara em protestar ou resistir. Havia finalmente penetrado na selva misteriosa, como ele sempre quisera, e agora não havia volta.

— Não vou machucá-la — ele sussurrou. — Não posso prometer nada além disso, mas não vou magoá-la.

— Ziggy — tocou-o no rosto, puxando-o para mais um beijo. Ele estava vivo, e ela estava farta de tentar ser racional a respeito das coisas que sentia por ele. Só sabia que o queria.

Ziggy a fez deitar-se sobre a relva macia, e tudo parecia tão natural que, depois de uma vida de bom senso e vigilância contínua, ela decidiu abandonar-se e entregar-se a um homem sem nome, sem passado ou possibilidade de futuro. Queria entregar-se como os animais, na selva, sem palavras ou promessas, sem pensar nas conseqüências ou no amanhã. Dentre todos os homens que havia conhecido, apenas um a fizera sentir coisas tão intensas e poderosas. Apenas um poderia lhe dar a magia daquela noite, e seria uma idiota se o deixasse ir embora.

As bocas encontravam-se e exploravam-se com angustia, buscando algo que nenhum dos dois Caberia definir. Cherish lutava com a camiseta de Ziggy, tentando tirá-la apesar de estarem colados, e a respiração ofegante tornava a tarefa ainda mais difícil. Finalmente conseguiu despi-lo e, vendo-o atirar a peça para o lado, duvidou que pudessem encontrá-la na escuridão.

Ziggy beijou-a mais uma vez, acariciando-a e provocando respostas intensas e instintivas. Sua pele era macia, quente e suave, e o movimento dos músculos contra seu corpo era simplesmente enlouquecedor. Jamais experimentara tanto prazer ao tocar o corpo de um homem. Nunca julgara possível conhecer tamanho desejo diante da beleza física de um corpo masculino. Queria tocar cada porção de pele, ver tudo o que a penumbra da noite permitisse e, desesperada, tentou livrá-lo do short que impedia um contato completo.

Ao mesmo tempo, Ziggy despiu sua blusa com violência, ignorando os botões e rasgando-a com um puxão violento. Cherish assustou-se,

mas em seguida ergueu as costas para que ele pudesse remover o tecido que ainda cobria seus ombros e braços.

Ziggy apoiou-se sobre os joelhos e a fez acompanhá-lo. Beijou-a novamente, saboreando o gosto de seus lábios e excitando-se com suas reações. Ela o enfeitiçara, e agora queria apenas aproveitar toda a magia do momento. Podia mantê-lo prisioneiro naquela selva eternamente, desde que o tocasse sempre da mesma forma. Se pudesse tê-la sempre que quisesse, nunca mais sentiria falta da civilização e do mundo real.

— Cherish — murmurou, depositando beijos provocantes ao longo de seu pescoço. Sua pele era clara e perfeita como a mais fina porcelana, colorida em algumas partes por minúsculas sardas graciosas. Deslizou as mãos ao longo dos braços delicados, traçando o contorno dos pulsos e das mãos pequenas e finas. Beijou-a novamente, e aproveitou o abraço para abrir o fecho do sutiã.

Com um sorriso sonhador, Cherish livrou-se da peça íntima e esperou paciente, notando que ele admirava seus seios fartos antes de tocá-los.

Quando as mãos finalmente repousaram sobre a região arredondada e suave, ela fechou os olhos e inclinou as costas, oferecendo-se à carícia erótica. As mãos permaneciam sobre os ombros musculosos, deliciando-se com os movimentos firmes e sugestivos. Lentamente, Ziggy a tocava com a ponta dos dedos, provocando arrepios que a faziam estremecer.

Os lábios quentes e úmidos deslizavam por seu pescoço, e alcançaram os seios com gentileza espantosa. Mas quando ele abriu a boca para provar o sabor da pele delicada e sugou com avidez, Cherish inclinou-se e cravou as unhas em seus ombros, provocando uma reação ainda mais intensa. Excitado, Ziggy mordiscou a região sensível, tornando-se mais selvagem a medida em que ouvia seus gritos aflitos de prazer. Sabia que sentiria dores no dia seguinte, mas nada tinha importância. Queria que ele a devorasse, que a consumisse e a fizesse esquecer seu nome, como ele havia esquecido o dele. Queria aquele prazer quase doloroso, intenso a ponto de fazê-la soluçar descontrolada. Ansiara por um homem capaz de fazê-la reagir de forma tão livre e desinibida, e sabia que Ziggy era este homem.

De alguma forma, conseguiram despir-se totalmente e, nus, rolaram sobre a grama macia, os corpos enrascados. Cherish gemeu ao Sentir o

metal frio de seu relógio tocar a pele quente de seu ventre mas, em vez de tirá-lo, Ziggy o aqueceu entre suas coxas, enquanto os dedos exploravam a região úmida e secreta onde residia o maior de todos os prazeres.

O corpo dele era um território de descobertas surpreendentes e excitantes. Embora o houvesse banhado e tratado de seus ferimentos, jamais acariciara a curva firme de seus quadris, ou provado o sabor salgado da pele de seu ventre plano. Apesar de tê-lo visto nu e totalmente excitado antes, jamais aproveitara para admirá-lo como fazia agora.

Sua masculinidade, embora aveludada, era intimidante e sensível, e respondia de imediato ao mais leve dos toques, até mesmo a um olhar mais intenso. Ziggy deitou-se de costas e deixou-a olhar estocar, afagando seus cabelos enquanto ela o explorava com mãos trêmulas, e aproveitando os momentos de descuido para deslizar os dedos por entre suas pernas, deliciando-se com a reação que estampava-se em seu rosto suado. Cherish jamais havia conhecido alguém tão confortável com o próprio corpo, com sua masculinidade, tão disposto a permitir que os momentos se sucedessem naturalmente, sem pressa.

Amava o modo como ele suspirava ao ser tocado, e excitava-se com os gemidos que ele emitia ao ser acariciado com maior erotismo. E, acima de tudo, adorava a maneira como ele a olhava. Dominada por uma intensa ternura, deitou-se sobre ele e, guiada por suas mãos, ajeitou-se para que ele a penetrasse, sentindo o prazer intenso que ele provocava a cada movimento.

Ziggy a viu erguer-se sobre ele como uma deusa, coroada pela lua brilhante e indiscreta que os espionava. Ela murmurava sem parar, mas suas palavras perdiam-se ao som das ondas do mar que quebravam na praia. Ziggy sentiu o calor do interior de seu corpo e conteve o impulso de penetrá-la com mais avidez. Não queria que o sonho terminasse tão depressa. Havia esquecido tudo, mas ainda sabia como dar prazer a uma mulher. Com as mãos em suas coxas, começou uma dança lenta e provocante, incentivando-a a empurrá-lo até seu limite.

A selva respirava em torno deles, mas agora deixara de ser um lugar sinistro, cheio de demônios e perigos. Agora a natureza observava o encontro entre eles e os protegia do mundo real, afastando-os das preocupações que haviam empurrado o casal para o abraço tenebroso da floresta.

Cherish o cavalgava com movimentos sinuosos, provocando sensações maravilhosas que o faziam gemer de prazer. O ritmo foi se tornando mais acelerado, mais intenso, até que os corpos mergulharam numa dança frenética.

Mas ainda era cedo. Disposto a prolongar o prazer ao máximo, Ziggy interrompeu os movimentos e a fez deitar-se de costas sobre a grama macia, deitando-se sobre ela. Seus cabelos vermelhos espalhados sobre a vegetação o faziam pensar numa ninfa da floresta, um ser misterioso que ele seduzira. No entanto, quando ela ergueu a cabeça e beijou seus lábios com ardor, ele já não soube dizer quem seduzia quem. Cherish enlaçou-o com as pernas, realizando seus sonhos e fantasias, envolvendo-o num abraço que gostaria que fosse eterno.

Com os braços apoiados ao lado de sua cabeça, as mãos em seus cabelos, Ziggy penetrou-a profundamente e excitou-se com seu gemido, com o movimento de seus quadris e a pressão das mãos em suas costas. Os lábios encontraram-se novamente, acompanhando os movimentos dos corpos suados e febris. De repente Cherish experimentou uma sensação mais intensa, algo que brotava do fundo de seu ventre e espalhava-se em todas as direções. Descontrolada, moveu-se mais depressa e gritou, entregando-se ao clímax mais delicioso que já experimentara em toda sua vida. Incapaz de conter-se diante das sensações e do espetáculo que presenciava, Ziggy acompanhou-a no mergulho alucinado e, juntos, alcançaram as estrelas.

Apesar da mente vazia e do passado esquecido, de uma coisa tinha certeza. Jamais estivera apaixonado.

Ziggy abriu os olhos, surpreso, e a viu sentada a seu lado, ainda nua."

— Como a lua conseguiu chegar ali? — perguntou sonolento, estendendo a mão para tocá-la.

— Você dormiu — ela riu, deitando a cabeça sobre seu peito.

— Há quanto tempo?

— Hum... Duas horas, acho.

— Desculpe. Minhas maneiras não tem sido das melhores.

— Você teve um dia duro — e acariciou seu estômago. — O dugu o fez lembrar alguma coisa?

Ziggy suspirou:

— Algumas — admitiu. — Mas não sei o que significam.

— Importaria-se de falar sobre isso?

— Quer saber se lembrar o ritual vai me fazer sair correndo pela floresta outra vez, como um lunático?

— Não. Quero saber se isso não vai provocar mais uma daquelas terríveis dores de cabeça ou... estragar seu humor.

Ziggy beijou sua testa e, preguiçoso, afastou os cabelos que caíam sobre seu rosto corado.

— Talvez estrague o clima — disse. — Nunca me senti tão bem em toda minha vida. Isto é... de acordo com o que posso lembrar.

— Então não vamos falar sobre o dugu. Está com frio?

— Um pouco. Por quê? Quer ir para casa?

— Para casa? — ela repetiu, gostando da maneira natural como ele referia-se à cabana que dividiam há uma semana. — Sim, quero.

Levantaram-se devagar e procuraram as peças de roupa que haviam jogado sobre a relva. Encontraram o suficiente para manter a decência e evitar escândalos, mas o sutiã de Cherish e a camiseta de Ziggy haviam desaparecido.

— Não procure sob os arbustos desse jeito, Ziggy — ela avisou, amarrando as pontas da blusa rasgada. — Pode haver uma cobra venenosa, ou algo pior.

— Devia ter pensado nisso antes de me seduzir no meio da floresta — ele respondeu, afastando-se de um som estranho proveniente do arbusto mais próximo.

— Tem razão. Acha que pode perdoar minha ousadia? — ela riu.

— Com uma condição.

— Qual?

— Prometa que isso vai acontecer novamente muitas vezes — e segurou sua mão, guiando-a pelo caminho de volta ao vilarejo. Só depois de alguns minutos de caminhada, quando virou-se para encará-la, notou a mancha escura em seu rosto. — O que foi isso?

— O quê? Ah, meu rosto — e tocou a região dolorida. — Você me bateu.

— Eu... o quê?

— Não teve intenção, mas me bateu.

Ziggy tentou lembrar tudo o que haviam feito juntos naquela noite. Havia batido em Cherish? — Quando foi que...?

— Durante o dugu.

— Durante o... Eu bati em você?

— Estava numa espécie de transe. Acho que nem me viu.

— Está doendo?

— Um pouco.

— Meu Deus... Eu sinto muito.

— Não. Eu sinto muito por ter metido você naquela situação. Não devia ter insistido.

— Você não sabia.

— Não, mas isso não justifica.

— Esqueça, Cherish. Essas coisas acontecem quando se vive numa cultura diferente. Precisa aprender a aceitar as coisas como elas são.

— Não sei, Ziggy. Gostaria que...

— Escute aqui você me envolveu naquele ritual, e eu provoquei esse hematoma no seu rosto. Você sobreviveu, e eu também. Estamos quites, certo?

— Certo — ela riu.

Continuaram caminhando em silêncio, pois não precisavam das palavras"; Bastava estarem lado a lado, desfrutando da companhia do outro. O vilarejo finalmente mergulhara no silêncio, e a maioria das pessoas havia adormecido sob o efeito de enormes quantidades de bebida e comida, sem mencionar a dança ininterrupta e desgastante. Alguns mais resistentes continuavam a festa, mas o dugu havia terminado.

Quando entraram na cabana e Cherish dirigiu-se ao quarto, Ziggy a segurou pela mão e avisou:

— Não nesta cama. De jeito nenhum. A menos que esteja planejando dormir sozinha.

— Não, mas... Prefere a rede?

— E por que não? É melhor que aquela cama.

Levaram algum tempo para encontrar uma posição confortável, mas Ziggy conseguiu provar que estava certo. Dormiram abraçados, embalados pelo balanço suave da velha rede de pescar.

Ziggy acordou sozinho, banhado pela luz do sol. Olhou para o relógio da cozinha e descobriu que era quase meio-dia. Não sabia o que havia bebido no dugu, mas estava com uma ressaca infernal. Não. Não era exatamente ressaca. Era algo mais parecido com um problema de percepção profunda combinado a respostas mentais lentas. Por isso havia demorado mais de cinco minutos para notar o que Cherish deixara sobre a mesa.

— Não quis acordá-lo. Péter Sacqui passou por aqui bem cedo para me levar a Rum Point, e vovó o convidou para almoçar com ela. Nos vemos mais tarde.

Ziggy sorriu e releu o bilhete, como se fosse uma carta de amor. Bem, vindo dela, praticamente era. A doutora não era exatamente o tipo de mulher sentimental e derretida.

Quase sentiu vontade de tê-la acompanhado ao continente. Não que ela pudesse esquecer algum detalhe importante ao falar com a Embaixada, mas já estava ficando farto de tanta inatividade. Além do mais, sentia a falta dela, e só a veria depois do anoitecer.

No entanto, as aventuras da noite anterior o deixaram com o ombro doendo e a cabeça latejando, e seria terrível enfrentar uma longa viagem no pequeno barco de Peter. Na verdade, pensar em estar na água novamente era o bastante para deixá-lo doente.

Apesar dos males físicos e mentais, tinha consciência de uma sensação doce e agradável que espalhava-se por todo seu corpo, algo que não tinha nada a ver com a cerimônia religiosa, mas que estava intimamente relacionado com a mulher que havia dormido em seus braços. Ainda podia sentir o formato de corpo curvilíneo contra o seu, os corpos encaixados com perfeição surpreendente, os seios macios pressionados contra seu peito e a coxa rouca entre as suas. Lembrava-se de como ela aninhara a cabeça em seu ombro, e de como passara um braço em torno de sua cintura. Pela primeira vez desde a noite da tempestade, Ziggy tivera sonhos doces.

E no entanto, apesar do calor interno que compensava a dor no ombro e na cabeça, sabia que teriam de discutir várias coisas importantes quando ela voltasse.

A primeira delas: não haviam usado um preservativo na noite anterior. Durante os dez ou doze dias que passara a seu lado, jamais notara uma caixa de pílulas anticoncepcionais em algum lugar do chalé.

E na noite anterior, ambos haviam perdido a cabeça. Especialmente ele.

Além da questão da gravidez, tinha consciência de que seu passado sexual era um mistério, e isso provocava um grande desconforto. Não sabia onde havia estado ou se tomara precauções com as parceiras anteriores, mas esperava que sim. Caso contrário...

— Droga!

Além de tudo isso, tinha de descobrir se existia alguma mulher especial em sua vida. Depois da última noite, Cherish merecia saber, e não suportava mais a idéia de ser incapaz de afirmar que ela era sua única amante. Mas se houvesse alguém...

Quem era ele? Teria alguma coisa a oferecer a Cherish? Um emprego, um nome, uma reputação? Ou seria um criminoso desprezível, como o proprietário do Garota Luxúria? Como era mesmo o nome do sujeito?

— O'Grady? Isso mesmo! Míchael O'Grady — e repetiu o nome algumas vezes, tentando encontrar algo de familiar nele. — O que eu estava fazendo no barco? Seria um passageiro, ou um prisioneiro? Por que alguém me amarraria e tentaria me assassinar com uma facada?

Inquieto, fechou os olhos e invocou as imagens do dugu. Por que alguém teria interesse em matá-lo? Qual o significado do coelho? Lembrava-se vagamente de tê-lo levado em sua fuga desesperada do barco.

Levantou-se e foi buscar o boneco na mesa, onde o deixara antes do início do ritual. No entanto, por mais que se concentrasse, não conseguia encontrar respostas para todas aquelas perguntas.

Mas... o brinquedo o fazia lembrar mais alguma coisa. Ziggy respirou fundo, relaxou e deixou-se envolver pelas recordações.

Era agradável. Estava em companhia de um homem mais velho, um sujeito gordo e baixo que lembrava Ernest Hemingway. Os dois apreciavam brinquedos de pelúcia.

Ziggy respirou fundo mais uma vez e concentrou-se.

O homem o levara a FAO Schwartz, um lugar parecido com a Terra Prometida. Era seu aniversário de seis anos, e estavam brincando com alguma coisa dentro da loja.

— Vovô? — chamou em voz alta, ofegante.

O velho tinha o hábito de enchê-lo de doces e guloseimas, e

oferecia todos os jogos disponíveis na vitrina. Fazia ruídos estranhos e engraçados, como se tentasse dar vida aos animais de borracha e pelúcia.

— Grrr! — rosnava, segurando um grande urso marrom e empurrando-o na direção de Ziggy, fingindo uma ferocidade ameaçadora.

O garoto desmanchava-se em risos e gritos excitados, correndo como se quisesse fugir do velho e do animal.

— Vovô!

Ziggy abriu os olhos. Respirava com dificuldade, dividido entre o entusiasmo de ter lembrado algo com tanta nitidez e o desespero de não conseguir recordar o nome do homem, e de não saber sequer se ainda estava vivo.

— Ziggy!

Assustado, virou-se e viu Luke parado na porta.

— Ziggy! Não vem almoçar?

— O quê? Oh, sim — e levantou-se da cadeira onde sentara-se pouco antes, olhando em volta com ar distraído. Num gesto instintivo, apanhou o coelho e colocou-o sob o braço.

Possuía uma família era algum lugar. Estariam preocupados com seu desaparecimento? Estariam procurando por ele? Tinha de saber, especialmente agora que as coisas haviam mudado entre ele e Cherish. Não podia ficar em Vodu Caye para sempre, esperando que a memória retornasse. Isso podia levar anos, e podia não acontecer jamais, uma vez que estava cercado por pessoas e lugares desconhecidos.

Mas... Onde encontraria algo conhecido? Nova York? Paris? Londres? Sim, Londres. Lembrava-se do papel de parede de um quarto do Ritz. Infelizmente, não sabia se estivera no hotel como hóspede, empregado ou ladrão.

— Ziggy, você vem, ou não? —- Luke insistiu com impaciência.

Com o coelho sob o braço, Ziggy aproximou-se da porta e seguiu o garoto. A caminho da casa de vovó Martinez, foi cumprimentado por diversos de seus novos amigos.

Na verdade, aprendera a gostar do lugar. A idéia de esquecer definitivamente o passado era tentadora. Podia desistir de lembrar-se e ficar ali para sempre, ao lado de Cherish Love e dos Garifuna,

construindo uma nova vida em Vodu Caye. Mas sabia que a tentação não era apenas pela agradável companhia de Cherish, pela amizade com que era tratado por todas e pela beleza da ilha. Não. Tinha medo do que poderia descobrir a respeito de si mesmo quando partisse. As possibilidades eram muitas... e assustadoras.

Além do mais, não podia correr o risco de magoar Cherish. E se fosse um criminosos procurado pela polícia? Deus! E se seus inimigos chegassem até Vodu Caye? Sua presença colocaria em risco a segurança dela e de todos os amigos Garifuna!

Sentindo dores na cabeça e no ventre, tentou descobrir o que devia fazer. Não podia continuar como estava por muito mais tempo. Tinha de descobrir quem era!

O sol já começava a desaparecer no horizonte quando Peter Sacqui pisou no píer. Cherish mal respondeu aos cumprimentos de todos os pescadores quando, cansada, desembarcou e dirigiu-se ao vilarejo, buscando uma forma de contar as novidades a Ziggy.

— Olá, Doutora! — disse Alexa Nicholas, esposa de Daniel.

— Olá.

— Estávamos falando sobre o restaurante que abriremos quando os turistas começarem a chegar em Vodu Caye.

Cherish parou, surpresa e irritada:

— Isso foi sugestão de Ziggy, não?

— Isso mesmo — Alexa admitiu, notando as marcas que Ziggy deixara na pele sensível de Cherish.

Consciente do olhar atento e curioso, Cherish puxou a gola da blusa para esconder o pescoço.

— Onde ele está? — perguntou, vermelha ao notar um sorriso compreensivo nos lábios de Alexa.

— Ziggy foi até índigo Beach. Acho que devíamos construir um cais naquela região, perto dos recifes. Para os mergulhadores, sabe?

— Sei — ela respondeu, mais irritada que nunca. Pensando bem, revelar as novidades podia ser até agradável.

Ziggy estava começando a ter uma péssima influência sobre os habitantes da ilha, e agora os Garifuna queriam transformar Vodu Caye numa cópia de Miami Beach. Além do mais, fizera amor com um estranho sem usar nenhuma proteção. Perdera a cabeça, o juízo, a

responsabilidade... e a culpa era toda de Ziggy..

Sim. Dizer tudo o que descobrira podia ser até agradável. Naquela manha, despertara em seus braços sentindo-se renovada, como se a vida estivesse apenas começando. Mas agora, depois do telefonema para a embaixada americana, gostaria de jamais ter visto aquele homem.

Devia ter imaginado. Devia ter interpretado os indícios e sinais. Mas não! Preferira ignorá-los e seguir em frente, e agora teria de pagar por isso.

Cherish encontrou-o na praia, conforme esperava, sentado perto da água com ar preocupado.

— Ziggy.

Ele virou-se, levantou-se e correu em sua direção, disposto a beijá-la.

— Finalmente voltou!

Mas Cherish retrocedeu, assumindo uma expressão fria.

— O que houve? Falou com a embaixada? O que conseguiu descobrir?

— Sua esposa está esperando por você na embaixada americana em Belize City.

CAPÍTULO IX

Na manhã seguinte, Peter Sacqui levou-os em seu barco até Rum Point, onde pegariam um ônibus. Apesar do mar calmo e do dia claro, a viagem deixara Ziggy com uma leve tontura e uma estranha sensação no estômago. Estar novamente num barco havia sido como ser aprisionado em seus piores pesadelos, e precisara de muito controle para não fugir como uma criança aterrorizada.

O esforço o deixara exausto e irritado. Cherish, que mal falara com ele desde a tarde anterior, quando anunciara a novidade em índigo Beach, o irritava com atitudes estranhas e sem propósito, como agora, quando examinava o ônibus que os levaria até Belize City como se pretendesse comprá-lo.

— Não podemos entrar nessa coisa e procurar um lugar para sentar? — ele perguntou.

— Preciso ter certeza de que é seguro — ela insistiu, inclinando-se para verificar os pneus. — Já viajei pela América Central, e nunca se

sabe se... Bem, se os pneus não estiverem em bom estado de conservação, corremos o risco de parar na estrada, e o caminho é muito longo.

— Entendo. Mas, agora que já verificou os pneus, podemos entrar de uma vez?

— Ainda não terminei. Não sabe como as estradas do interior são perigosas e precárias.

— Não vamos para o interior — ele respondeu, sentindo-se prestes a explodir. — Belize City é uma cidade litorânea.

— Não há nenhuma estrada direta ligando Rum Point a Belize City. Teremos de seguir pela Hummingbird até as montanhas, e depois iremos pela Western Highway, que volta até o...

— Meu Deus — Ziggy gemeu, abaixando a cabeça e respirando fundo para conter o desespero. — Estou vendo que teremos um longo dia.

— Motorista — Cherish chamou, dirigindo-se ao homem uniformizado que entrava no ônibus. — Pode verificar os breques antes de partirmos?

— Por quê? — ele estranhou.

— Para ter certeza de que funcionam, é claro!

— Escute aqui, mocinha. O ônibus está parado, não está? Portanto, é evidente que os breques funcionam.

— Mas eu...

— Cherish, pare com isso. Vamos viver perigosamente, está bem? — Ziggy sugeriu, cansado e aborrecido.

— Já vivi perigosamente há duas noites, e onde isso me levou?

Como não tinha resposta para a questão, Ziggy esperou em silêncio até que ela terminasse sua meticulosa inspeção: Finalmente embarcaram e juntaram-se a três dúzias de passageiros impacientes, um leitão e quatro galinhas.

Depois da partida, quando o ônibus seguia pela estrada poeirenta que levava ao norte, Ziggy reuniu coragem e perguntou:

— Quando acha que chegaremos a Belize City?

— Tarde — ela encolheu os ombros. — Provavelmente depois das oito da noite.

— Uma viagem de doze horas, então. Bem, acho que ela vai nos

esperar — comentou distraído, pensando na desconhecida que encontraria ao final da jornada. — Cherish... Não acha que devemos conversar?

— Conversar?

— Sim. Precisamos falar sobre isso.

— Sobre o quê?

— Não me aborreça — ele resmungou com ar furioso. — Não estou com disposição para jogos de palavras e conversas femininas.

— Conversas femininas? De que diabos está falando?

— Você sabe. As mulheres possuem um jeito especial de discutir.

— Que jeito?

— Eu pergunto qual é o problema. Você diz que não há problema algum. Mas, notando seu tom furioso e suas maneiras frias, decido perguntar novamente. Você responde da mesma forma. Em seguida olha para mim como se quisesse me matar, e eu repito a pergunta. Então você diz que eu não quero saber qual é o problema, e eu digo que sim, que realmente gostaria de saber. E o que você faz? Sorri e diz que é inútil, que eu não entenderia!

— Eu nunca fiz isso! Nunca me comportei desse jeito!

— Então não comece agora! Precisamos falar sobre nossa situação, Cherish!

— Que situação? — ela insistiu com tom frio. Ziggy encarou-a como se quisesse estrangulá-la:

— Dormimos juntos há duas noites, e não usamos nenhum tipo de proteção.

— Fale baixo!

— E agora você quer me empurrar para os braços de uma esposa de quem não consigo me lembrar!

— Muito bem, já discutimos nossa situação. Está satisfeito? — Não, não estou! E você? Está feliz? Era isso que esperava quando deitou-se comigo naquela rede?

— Por que não fala um pouco mais alto? Acho que o motorista não consegue ouvi-lo.

— O que vamos fazer? É se estiver grávida? E se eu lhe dei... alguma coisa além de um bebê?

— Que sugestão encantadora.

— Droga, estou tentando encarar a situação de maneira adulta e consciente. Não esperava que chegasse na ilha e dissesse que sou casado com alguém de quem não me lembro!

— Alguém cujo nome está escrito na pulseira de seu relógio de doze mil dólares. Alguém cujo nome sussurrou em seus delírios febris. Alguém que certamente o procuraria! Eu devia ter imaginado...

— Cherish, é inútil censurar-se pelo que houve. Acho que...

— Não estou me censurando — e bateu o dedo em seu peito como se o gesto pudesse matá-lo. — Estou furiosa com você! Por que não podia ser feio, aborrecido, fedorento e... e... Droga! Estamos nos afastando da questão principal.

— Estamos? — ele sorriu, segurando a mão dela. Cherish afastou-se como se houvesse sido picada por uma serpente. — E então? O que vamos fazer?

— É simples. Vou deixá-lo com sua esposa, com quem deve ter passado todas aquelas noites maravilhosas no Ritz e no Maxim's, e ela vai ajudá-lo a recuperar a memória.

— E você? Vai voltar para Vodu Caye?

— Sim, depois de conversar com Grimly.

— Não, Cherish! Eu não vou deixar!

— Ah, não? E o que acha que sua esposa dirá a respeito disso?

— Eu não tenho uma esposa! — e parou, atônito. Depois de alguns instantes de silêncio perplexo e surpreso, ele comentou: — E então, o que acha disso? Consegui me lembrar de alguma coisa.

Cherish suspirou:

— Você está apenas desejando, Ziggy. O sr. Waterson, da embaixada americana, afirmou que uma mulher chamada Catherine estava procurando por um homem de cabelos castanhos, de trinta e dois anos de idade, que havia desaparecido de um barco. Quando o funcionário da embaixada perguntou sobre o relógio de ouro, ela disse que o homem que procurava devia estar usando um bastante valioso, e que seu apelido era Ziggy. É pouco provável que duas pessoas tão parecidas tenham desaparecido na costa de Belize neste último mês.

— Não importa. Eu saberia, se tivesse uma esposa.

— Você não sabe nem o seu nome!

— Mas não me esqueceria de uma esposa — insistiu. — Naquela

noite na floresta, eu soube que nunca... nunca... — e desistiu. Podia dizer mais coisas, revelar o que ela o fizera sentir, mas a expressão de Cherish era tão amistosa quanto a de um urso faminto. De qualquer maneira, mesmo que existisse realmente uma esposa, sabia que havia se casado sem amor. Sentindo-se totalmente sem esperanças, Ziggy respirou fundo e virou-se para a janela.

Era uma viagem longa e inconfortável através de estradas poeirentas e esburacadas. Os animais negavam-se a comportar-se de acordo com a situação, e o odor que impregnava o ônibus o fez sentir vontade de percorrer a distância restante a pé e descalço. Só não sugeriu que descessem ali mesmo, porque não queria ser o primeiro a falar e romper o silêncio gelado entre ele e Cherish. Não tinha culpa de ter perdido a memória, e recusava-se a ser condenado por uma esposa que sequer sabia possuir. Portanto, permaneceu em silêncio, com o coelho no colo, vendo as selvas e vilarejos através da janela empoeirada.

Na metade do caminho, o ônibus parou num restaurante isolado de beira de estrada. Uma criança tentou apanhar o coelho de Ziggy, mas ele tomou-o de volta e, vendo o pequeno chorar, virou-se para Cherish e pediu:

— Pode dar algumas moedas ao garoto e fazê-lo calar a boca, por favor?

— O quê? De jeito nenhum! Não posso alterar a perspectiva cultural dessa criança! Quer que ele passe o resto da vida pedindo dinheiro aos turistas?

— Cherish, está vendo aquele sujeito com a espingarda na mão, do outro lado da estrada? É o pai do garoto. Se não o fizer calar a boca, terá de explicar à minha esposa por que não sobrevivi à viagem.

Irritada, Cherish resmungou alguma coisa e fez como ele dizia. Mais tarde, quando o ônibus retomou a viagem, ela perguntou:

— Por que sempre arruma encrencas? Quando deixar este lugar, todos os habitantes estarão contaminados por suas idéias.

— Acho que há um pequeno...

— De onde tirou a idéia de encorajar Alexa Nicholas a abrir um restaurante para os turistas?

— Ah, vamos discutir novamente minha influência negativa sobre a sociedade Garifuna, não é?

— Não seja cínico!

— Então não seja teimosa, prepotente e esnobe! — e respirou fundo, tentando manter a calma. Notando que ela o fitava com ar surpreso e ofendido, desculpou-se: — Tudo bem, acho que exagerei um pouco. Mas você é tão radical, que às vezes sinto vontade de sacudi-la.

— Radical? Li tudo o que há para ser lido sobre a cultura Garifuna. Estudei seus hábitos e costumes e vivo entre eles há seis meses. Ninguém...

— O que acha de tratá-los como pessoas normais, como gente que luta pela sobrevivência e vive no século vinte, como todos nós?

— As tradições desse povo estão ameaçadas...

— Ah, pelo amor de Deus! Acha mesmo que eles podem viver fora do mundo? As pessoas não mudam só porque suas tradições estão ameaçadas. Elas mudam porque essa é a seqüência natural!da vida. Por isso nossos ancestrais deixaram as cavernas, construíram casas e inventaram a mobília.

— O povo Garifuna tem o direito de mudar, desde que seja em resposta a um movimento natural e interno do grupo. A interferência do homem branco, ou do mundo civilizado, ou de qualquer- outra coisa que seja alheia à cultura do povo, jamais beneficiou qualquer grupo étnico com o qual tenhamos entrado em contato. Basta observar a superpopulação africana, a quantidade de doenças contagiosas espalhadas entre a população indígena, as condições de vida dos habitantes da América Central e...

— Certo ou errado, goste você ou não — ele a interrompeu —, a verdade é que a população de Vodu Caye é menor do que era há dez anos. Muitos foram para o continente em busca de empregos, educação ou casamento. Nenhum dos filhos adultos de Daniel e Alexa permaneceram na ilha. Já conversou com essas pessoas sobre alguma coisa além de rituais e costumes antigos?

— É claro que...

— Então já deve ter notado quantos deles contam a mesma história. Seus filhos querem partir, ou já partiram. Se Vodu Caye permanecer como está, logo não haverá um único jovem habitando a ilha. E quando isso ocorrer, quem vai prosseguir com as tradições que tanto deseja preservar? O que vai acontecer com a cultura desse povo, quando suas famílias se espalharem pelo mundo?

Sentindo o peso da culpa, Cherish admitiu que jamais pensara em coisas tão importantes.

— Acha que desenvolver o turismo na ilha pode encorajar os Garifuna a permanecer em seu território?

— Sim, é exatamente o que penso. É óbvio que eles amam Vodu Caye e seus familiares, mas sabem que não há futuro na ilha. Não importa se devem ou não sentir vontade de partir, e se devem ou não viver como viveram seus ancestrais, A verdade é que já decidiram que não querem mais essa vida, e se um rapaz não quer ser pescador, então não há nada para ele em Vodu Caye.

— Acho... que tem razão, Ziggy.

— Sei que existem inúmeros aspectos negativos em abrir uma comunidade pequena à influência externa. Já ouvi falar sobre antigas sociedades pacíficas ao longo desta costa que agora têm problemas de violência, criminalidade, drogas e mendicância. Não quero ver isso acontecer em Vodu Caye, mas o isolamento e a obscuridade também não são soluções. Se, o desenvolvimento for planejado com cuidado, tendo em vista apenas o benefício da comunidade, tudo pode ser,muito melhor do que é agora.

— Era isso que queria dizer quando afirmou que eu só queria o que era melhor para mim, e que não estava pensando no povo — e encarou-d. — Não era? Acho que estava tão envolvida em... — e parou, encolhendo os ombros e respirando fundo, sentindo-se profundamente envergonhada.

— Sei o que está sentindo, Cherish —e tocou sua mão, notando que desta vez ela aceitava o contato. — Tentar provar coisas a si mesma pode bloquear alguns aspectos da questão, e isso sempre torna uma pessoa, obcecada. Catherine sempre foi desse jeito.

Cherish afastou a mão com um movimento brusco e encarou-o, surpresa com o comentário. Depois de alguns instantes de silêncio, indicou:

— Está vendo? Já começou a lembrar dela!

— Catherine... — Ziggy repetiu, tentando associar alguma emoção ao nome. Por que não sentia saudade, desejo ou ansiedade? Quando repetia seu nome, experimentava apenas um tipo de afeto exasperado, porém profundo e sincero. Por que balançava a cabeça sempre que pensava nela? — Ela é perfeita...

— O que disse?

— Quando penso em Catherine... — e franziu a testa, tentando encontrar as palavras certas. — Gosto dela, mas não é um sentimento ardente. Ela... É sempre tão perfeita, tão segura de tudo! Faz tudo certo, conhece todas as respostas, é confiável, razoável, inteligente, eficiente e... Ei! Acho que as coisas estão começando a voltar!

— Isso é bom, Ziggy. E sinto muito por não sentir coisas mais intensas por sua esposa. De qualquer forma, acho que não devia me dizer mais nada.

— Mas eu...

— Por favor, não diga mais nada! — e virou-se, tentando esconder as lágrimas que brotavam em seus olhos.

Finalmente concluíram a terrível viagem. Cherish fez sinal para um táxi e pediu ao motorista que os levasse à embaixada americana, um prédio elegante protegido por portões de ferro que o isolavam da estrada movimentada.

Enquanto ela fornecia seus nomes aos seguranças, Ziggy agarrou o coelho e olhou para o prédio imponente. Quando alguém finalmente abriu a porta, uma estranha onda de pânico o invadiu.

— Cherish, acho que não...

— Vamos lá, Ziggy. Ela está esperando por você desde ontem — e empurrou-o com delicadeza. Não podia ceder às lágrimas. Apesar de tudo, Ziggy precisava de seu apoio, e isso era a única coisa que realmente importava. Mais tarde, teria todo o tempo do mundo para o pranto e as lamentações. Noites intermináveis, quando saberia que ele dormia nos braços de outra mulher. Sentindo um nó na garganta, empurrou-o novamente e sussurrou: — Está tudo bem. Vamos lá.

Ziggy segurou sua mão e pediu:

— Fique perto de mim, está bem? Isso é realmente...

— Acalme-se. É provável que sua memória retorne assim que puser os olhos nela.

E então vai esquecer tudo o que houve entre nós, tudo o que dividimos sob a lua de Vodu Caye.

Subiram os degraus de mármore que levavam à porta principal e foram recebidos por outra segurança, um homem sério e educado que usou um interfone para comunicar-se com o sr. Waterson. Momentos

mais tarde, ele os encontrava na recepção.

— Doutora Love! Já estávamos começando a nos preocupar! — exclamou, apertando sua mão com vigor. — Os transportes desse país são tão precários, tão imprevisíveis, tão...

— Sim, é verdade — ela o interrompeu com ansiedade. — Sr. Waterson, este é Ziggy — apresentou, notando o olhar curioso do americano para o coelho desbotado e desfigurado. A expressão que viu em seu rosto a fez sentir vontade de rir! Ziggy segurava o pescoço do boneco com força desnecessária, o que a fez concluir que não devia prolongar o suspense. — Se não se importa, acho que Ziggy está ansioso para encontrar...

Nesse momento, uma mulher pequena e ruiva aproximou-se com cautela. Usava um vestido de seda que devia ter custado metade do que Cherish ganhava em um ano, mas que era exagerado demais para uma ocasião tão simples. A cor não combinava com seu tom de pele, e o comprimento enfatizava a estatura reduzida. Se essa era a idéia que Ziggy fazia de uma mulher perfeita, então devia estar cego de amor. No instante seguinte, Catherine provou ser tão dramática quanto o traje que usava. Depois de sussurrar o nome de Ziggy com alívio e sentimento, correu e atirou-se em seus braços com violência, mas a performance foi prejudicada pela hesitação momentânea provocada pelo coelho de pelúcia,

Ziggy olhava para Cherish com ar assustado, como se pedisse ajuda. Um olhar que a fez lembrar da primeira noite em que o vira, quando o levara para sua cabana e cuidara de seus ferimentos. Ferido, inconsciente e ardendo em febre, ainda tivera de suportar o choque de descobrir que havia perdido a memória. Aquela expressão tinha o poder de partir seu coração, especialmente porque sabia que era a única a quem ele revelava os verdadeiros sentimentos.

Cherish teve de fazer um grande esforço para não segurar aquela mulher horrível pelo pescoço e arrastá-la para longe de Ziggy.

— Querido! Diga alguma coisa! — Catherine exclamou com tom autoritário.

— Eu... Bem... Como vai?

— Ziggy, querido! Não me reconhece? Sou Catherine, sua esposa.

— Nós... somos casados? — ele perguntou com voz fraca.

— É claro que somos casados!

— Tem-certeza?

— Oh, Deus! Então não se lembra...

— Desculpe, mas... Acho que... Cherish? Será que podemos conversar por alguns... — e parou, respirando com dificuldade e fechando os olhos, como costumava fazer quando sofria aquelas violentas dores de cabeça.

Catherine virou-se para Cherish. Não parecia sequer desanimada diante da ruiva alta, imponente e curvilínea com quem seu marido havia passado quase duas semanas. Esperava que a esposa de Ziggy demonstrasse alguma preocupação a respeito do relacionamento entre eles... talvez até alguma hostilidade! E no entanto, ela cumprimentou-a com cortesia, e agradeceu por ter salvo a vida de Ziggy. Cherish notou que ela usava um anel imenso na mão esquerda, mas não conseguiu imaginar Ziggy comprando um presente tão vulgar e espalhafatoso.

— E agora — Catherine anunciou —, gostaria de ficar sozinha com meu marido. Temos muito o que conversar.

— É claro — o sr. Waterson concordou. — Nós compreendemos.

— Se não se importa, tenho algumas perguntas a fazer — Cherish indicou, surpreendendo a todos.

— Perguntas? — insistiu o sr. Waterson.

Era óbvio que estava impaciente. Passava das nove da noite, e ele devia estar ansioso para ir para casa reunir-se à família. Compreendia sua pressa, mas o assunto era importante.

— Passei as últimas duas semanas ao lado de Ziggy, e nos tornamos amigos. Por isso, existem algumas coisas que eu realmente gostaria de saber.

Catherine não se deixou perturbar:

— É claro.

— Coisas simples, como seu nome verdadeiro, por exemplo. O que estava fazendo no Garota Luxúria, como conseguiu aqueles ferimentos todos, a facada, as cordas nos pulsos, e onde...

— É compreensível — o sr. Waterson interrompeu. — Mas não acha que todas essas perguntas podem esperar até amanhã? Foi um longo dia para todos nós. Ziggy parece exausto, e você também está bastante abatida. E, francamente, estou violando diversas regras deixando-os permanecer no prédio da embaixada a esta hora da noite. Além do mais,

minha esposa está me esperando para o jantar e...

— Sim, mas...

— Está tudo bem, Cherish — Ziggy afirmou, os olhos fixos em Catherine. — Podemos esclarecer todas as dúvidas amanhã.

Surpresa com a súbita mudança de disposição, ela permaneceu em silêncio, fitando-o com ar atônito, até que Catherine perguntou:

— Tem um lugar para passar a noite, doutora Love?

— O quê? Oh, sim. Vou me hospedar no Instituto Corridor de Estudos Antropológicos.

— Tem certeza? — o sr. Waterson estranhou. — O doutor Corridor tem uma reputação...

— Nunca tive problemas com ele — Cherish cortou com tom seco, antes de encarar Ziggy novamente. Ele ainda examinava a esposa, e sua expressão a fez sentir uma pontada de dor. Conforme havia previsto, estava começando a recuperar a memória. Era vergonhoso, mas não conseguia sentir-se feliz por ele. Com voz rouca, perguntou: — A que horas quer que eu esteja aqui amanhã, Ziggy?

— Por volta das dez, está bem?

— Perfeito. Você está bem?

Ele virou-se para fitá-la e Cherish teve certeza de que jamais havia visto aqueles olhos cinzentos tão apagados.

— Sim, acho que sim — e encolheu os ombros. — Obrigado por tudo, doutora.

— Por nada.

Não podia chorar. Não podia chorar! Tinha de sair dali.

— Cherish?

— Sim? — ela virou-se.

Por favor, me dê um sinal. Qualquer um. Ele estendeu a mão e ofereceu o coelho.

— Não é muito, mas é a única coisa que tenho. Quero que fique com ele.

— Oh, francamente, querido — Catherine interferiu. — Não seja tolo. Depois de tudo que a doutora Love fez por você, acho que devia pensar numa recompensa mais apropriada, algo como...

— Não — Cherish interrompeu. — Isso é tudo o que eu quero. O

coelho me faz lembrar... — e respirou fundo, lutando para conter as lágrimas que brotavam em seus olhos. Sabendo o quanto devia ter lhe custado separar-se do boneco desbotado e misterioso, segurou-o pela orelha e disse: — Obrigada, Ziggy. Vou cuidar dele com carinho.

Em seguida virou-se e partiu, deixando-o com a esposa.

CAPÍTULO X

Dentre todas as coisas boas sobre Grimly Corridor, a melhor era que Cherish nunca sentia-se obrigada a ser polida com ele. Chegou a sua casa sem aviso prévio às dez da noite, e simplesmente anunciou que ficaria por um ou dois dias. Explicou a situação rapidamente, ignorando os comentários sobre as horas de trabalho que estava perdendo por causa de Ziggy, e depois trancou-se no quarto para ficar sozinha.

Uma hora mais tarde, Juan, o criado de Grimly, bateu em sua porta para levar o lanche que havia preparado. Era a única pessoa que conseguia conviver com as manias de Grimly, talvez por ser tão seco e austero quanto o patrão. Cherish temia confessar ao sujeito que não pudera engolir uma única migalha do lanche que ele havia preparado e, por isso, atirou boa parte dele pela janela.

O Instituto Corridor era uma vila em estilo colonial nos limites de Belize City. Como Grimly já havia contratado e perdido todos os jardineiros da cidade, o jardim diante da sacada do quarto era quase uma selva, absolutamente tomado pelo mato.

Exausta e deprimida, Cherish decidiu tomar um banho quente e relaxante. Depois de quinze minutos, usando apenas a camisola sem mangas que levara para a viagem, agarrou o coelho desbotado pelas orelhas e foi para a sacada. Os macacos faziam uma grande algazarra na floresta, e o grito distante de uma arara fazia coro ao barulho infernal das irrequietas criaturas.

A lua estava cheia, como naquela noite mágica em Vodu Caye, e ela ergueu os olhos para o firmamento e entregou-se às recordações. O ar estava carregado com o aroma das orquídeas e jasmins, e apesar de não poder ouvir o oceano, pressentia sua presença no odor característico trazido pela brisa.

Jamais pensara na possibilidade de Catherine ser ruiva. Ziggy lembrava-se de uma ruiva em seu passado, mas jamais associara a lembrança a Catherine. O que ele havia dito? Ah, sim... A ruiva havia sido sua primeira amante. Cherish estremeceu e virou o rosto para a

brisa, deixando-a afastar os cabelos de seu rosto. Ziggy devia ter se referido a Catherine, sem saber.

Mas... Não, não podia ser!

Ziggy certamente perdera a virgindade há muitos anos, e a mulher que descrevera como sua iniciante era mais velha naquela época do que a própria Cherish agora! E Catherine não podia ter mais de vinte e cinco anos.

Era estranho...

O fato de ser ruiva o fizera lembrar uma mulher que conhecera há anos, mas não havia invocado a imagem de sua esposa, também ruiva.

Sua esposa...

As palavras bailavam em sua mente e a feriam mais do que julgara ser possível. No dia anterior, ficara tão chocada ao descobrir que ele tinha uma esposa, que a raiva havia sido sua única defesa. Mas agora, passado o impacto inicial, tinha de admitir que Ziggy não tinha culpa do que acontecera. Não podia ser culpado por uma esposa da qual sequer conseguia lembrar-se; havia feito amor com ela sem saber que já assumira um compromisso com outra mulher. Se alguém tinha culpa por aquela noite de magia e sedução, esse alguém era ela. Insistira em levá-lo ao dugu, e desencadeara uma série de eventos e reações que culminaram no encontro na floresta.

Então havia tirado vantagem das necessidades dele para suprir seus próprios anseios.

E no entanto, não conseguia associar aqueles momentos que passara com Ziggy com coisas negativas, especialmente culpa e arrependimento. As recordações eram tudo o que tinha, tudo o que teria dele, pois agora ele havia voltado para os braços da esposa.

Uma lágrima rolou por seu rosto.

Cherish secou-a com o dorso da mão e rangeu os dentes, furiosa com a onde de sentimentalismo. Depois de como comportara-se, Ziggy devia estar feliz por ter se livrado de sua companhia. Só esperava ter uma oportunidade para dizer o quanto sentia por tê-lo julgado de maneira errada. Seu ar divertido e despreocupado escondia uma natureza séria e compenetrada; à sua maneira, Ziggy tentara ajudar o povo Garifuna durante o pouco tempo que passara em Vodu Caye. Sabia que todos sentiriam sua falta. Quem ensinaria gíria às mulheres, basquete às crianças e jogos de cartas aos homens adultos? Quem

ajudaria os ilhéus em seus sonhos de abrir a ilha ao turismo, prosperar e trazer de volta os filhos que haviam perdido para o continente?

— Oh, Ziggy — suspirou, invadida pelo arrependimento.

Quem a abraçaria durante as noites longas e solitárias? Haveria outro homem capaz de fazê-la esquecer todas as inibições e comportar-se com a liberdade que conhecera ao lado dele? Nunca mais poderia contentar-se com o tipo de relacionamento morno que conhecera antes dele, e temia jamais encontrar outro homem persistente, inteligente, encantador e sensível o suficiente para vencer as barreiras que construíra em torno de seu coração partido.

Temia nunca mais ser capaz de permitir que outro homem se aproximasse.

— Eu gostaria...

Por que estava desejando o impossível? Perdera sua oportunidade, e agora sabia que Ziggy pertencia a outra mulher.

Invadida pela tristeza, apertou o coelho junto ao peito e deixou que as lágrimas corressem por seu rosto.

Abraçar o coelho- não era como abraçar Ziggy. Não era sequer um substituto, um conforto. Na verdade, aquela coisa não era nada do que imaginara. Não era macia como os animais de pelúcia de sua infância, mas duro e sem elasticidade, como se fosse recheado com pedras ou areia.

O coelho! Por que Ziggy sempre se preocupara tanto com aquele boneco? Por que havia tomado tanto cuidado em mantê-lo seguro e ao alcance das mãos? E por que decidira deixá-lo com ela?

Contendo os soluços, obrigou-se a refletir racionalmente sobre o momento em que ele lhe dera o coelho. Teria sido apenas um gesto de gratidão e amizade, ou apenas mais um movimento instintivo, uma tentativa de proteger um objeto importante? Sua expressão era a mesma de quando sofria aquelas terríveis dores de cabeça. O que...?

Um som na escuridão a fez virar-se, o coração tomado pelo medo. Alguém estava escalando a trepadeira que cobria a parede da vila, levando à sacada de seu quarto! Estava quase gritando, quando uma cabeça de cabelos castanhos e espessos surgiu à sua frente e um par de olhos cinzentos brilhou na escuridão.

— Graças a Deus! Estou quase chegando! Errol Flynn fazia isso parecer tão fácil...

— Ziggy! — ela exclamou, largando o coelho para ajudá-lo a subir.

As lágrimas não a deixavam vê-lo com nitidez e, aflita, piscou várias vezes para afastá-las.

Jogando o corpo sobre a grade do balcão, Ziggy parou e respirou fundo, lutando contra a dor no ombro ferido. Com o rosto contraído, fitou-a e disse:

— Oh, não se preocupe com bobagens como me ajudar a passar por essa maldita grade!

— Ziggy! — e agarrou-o pelos braços, ajudando-o a chegar à sacada.

No momento em que pôs os pés no chão e sentiu-se seguro, ele a abraçou e beijou com desespero.

Sem pensar no que fazia, Cherish retribuiu com ardor, abraçando-o e colando o corpo ao dele. Respirando com dificuldade, ele finalmente ergueu a cabeça e deslizou um dedo por seu rosto molhado de lágrimas.

— Estava chorando...

— O que está fazendo aqui?

— Beije-me — ele ordenou, apossando-se de seus lábios sem esperar pela resposta,

— Mas... Ziggy... — ela sussurrou, desistindo dos protestos ao sentir os beijos suaves e provocantes que ele depositava em seu rosto, sobre as pálpebras e o nariz.

As mãos dele estavam em todos os lugares, acariciando suas costas, afagando os cabelos, tocando o rosto, puxando-a para mais perto e provocando-a de maneira sensual. Os cabelos ainda guardavam a fragrância floral do xampu que havia lhe emprestado, e a pele quente e macia a fazia lembrar uma noite mágica e cheia de erotismo. Sua respiração ofegante e seus sussurros incoerentes eram como uma sinfonia de sedução, e cada lampejo daqueles olhos cinzentos tinha o poder de acelerar ainda mais as batidas de seu coração..

— Mas... onde está Catherine?

— Aquela mulher horrível? — ele murmurou. — Não quero falar sobre ela.

— Mas Ziggy...

— Beije-me novamente.

Perdida no calor daqueles lábios, só sentiu que ele a erguia nos

braços quando já estavam no interior do quarto, junto à cama.

— Não! Não podemos!

Mas ele a colocou sobre a cama com delicadeza, deitando-se a seu lado e aprisionando-a entre os braços.

— É claro que podemos — murmurou, erguendo sua camisola até revelar as pernas longas e bem torneadas.

Cherish tentou empurrar as mãos que a acariciavam, mas foi envolvida por uma onda de calor ao sentir os dedos em contato com a região sensível de suas coxas.

— Não! Você devia estar com...

O beijo a silenciou, e a mão deslizou sob a camisola até alcançar seu ventre plano, provocando sensações intensas e incontroláveis.

— Toque-me — Ziggy sussurrou.

Incapaz de resistir ao apelo erótico em sua voz rouca, Cherish acariciou o rosto adorado e correspondeu aos beijos ardentes. Excitado, ele ergueu sua camisola ainda mais.

— Por favor — ela implorou. — Não podemos simplesmente... Oh! Ohhhhh...

Estava perdida, dominada pelas sensações provocadas por aqueles dedos e pelo aroma de seu desejo. Nada, nenhuma quantidade de força de vontade ou integridade poderia opor-se à força do que existia entre eles, do fogo que os consumia sempre que tocavam-se. Preferia morrer a ter de parar agora.

— Tive medo de nunca mais voltar a vê-la — Ziggy confessou, pressionando o rosto quente contra a área macia e sensível de seu abdômen, movendo as mãos por suas coxas lentamente.

— Eu disse que voltaria à embaixada amanhã — Cherish respondeu, afagando os cabelos castanhos e sedosos.

— Não. Estava falando sobre vê-la assim, a sós — e puxou a camisola acima do estômago deslizando os lábios sobre a pele suave e quente.

Cherish suspirou e moveu as pernas, usando-as para acariciá-lo. Ao sentir o contato áspero do tecido do short, murmurou:

— Tire suas roupas.

Ziggy aceitou a sugestão sem um segundo sequer de hesitação. Nu, abraçou-a com força e pressionou o corpo contra o dela, demonstrando

o quanto eram perfeitos juntos. Entrelaçando os dedos nos dela, beijou-a novamente e deixou que os lábios dissessem o quanto a queria.

Rolaram juntos sobre o colchão, espalhando os travesseiros macios e os lençóis de algodão. Ziggy enterrava o rosto em seus cabelos vermelhos e respirava fundo, inebriando-se com seu perfume. Tomada por uma mistura de desejo e ternura, ela beijava cada centímetro de pele ao alcance de seus lábios, desde os lábios quentes até os braços fortes e musculosos, passando pelo pescoço e pelos ombros. Beijou seus pulsos, onde as marcas finalmente haviam desaparecido, e a face marcada pelo corte profundo, onde certamente existiria uma cicatriz.

O calor daqueles lábios parecia queimá-la através do tecido fino da camisola, até que finalmente encontraram a pele nua de seu ventre e coxas. Ziggy acompanhou a curva de seus quadris com mãos firmes, apertando-a com força e erguendo-a até colocá-la numa posição favorável para o beijo íntimo e úmido que a fez gemer. Usando uma das mãos para agarrar-se à cabeceira da cama, Cherish enterrou a outra em seus cabelos e permitiu que ele mergulhasse em sua intimidade, usando os lábios e a língua para explorar a parte mais sensível de seu corpo.

Sentia a barba roçando na parte interna das coxas e os dedos apertando a carne macia da curva dos quadris. Os movimentos suaves e eróticos daqueles lábios a faziam gemer e soluçar de prazer, e as coisas que ele murmurava à deixavam ainda mais excitada.

— Agora, por favor — gemeu. — Quero você agora. Não posso mais... Oh, Ziggy!.

Submetendo-se às exigências, ele ergueu o corpo e conduziu a mão dela ao centro de seu corpo, fazendo-a tocá-lo de forma íntima.

— Mostre-me o que quer de mim — sussurrou.

Cherish não hesitou. Estava desesperada demais para permitir que coisas como inibições e pudor a impedissem de satisfazer a necessidade urgente que ameaçava enlouquecê-la. Decidida, guiou-a com delicadeza e gritou ao sentir que ele a penetrava.

— Sim... — murmurou, erguendo os quadris para acompanhá-lo.

Ziggy penetrou-a mais profundamente, movendo-se de maneira rítmica e intensa, suspirando e gemendo como se estivesse prestes a explodir de prazer e desejo.

— Não quero que seja gentil — ela sussurrou. — Quero senti-lo amanhã como se ainda estivesse dentro de mim. Amanhã, a semana

toda... O resto de minha vida.

Ziggy diminuiu o ritmo dos movimentos e penetrou-a lentamente, os olhos fixos em seu rosto.

— Diga que me ama.

— Eu amo você.

Mesmo que quisesse, sabia que não teria sido capaz de conter as palavras.

— Diga outra vez — ele pediu, deslizando a língua por seus lábios e movendo-se devagar e penetrando-a profundamente, garantindo que ela o sentiria durante vários dias.

— Eu amo você. Oh, Ziggy, amo você!

Sempre soubera que ele não jogava justo. Por que tentar resistir?

O furacão aproximava-se depressa, carregando-os em seu rodamoinho e arrancando gritos e gemidos de suas gargantas, fazendo-os estremecer nos braços um do outro, perdidos na tempestade de sensações, abraçaram-se e entregaram-se ao prazer impressionante que dividiam.

Depois ficaram em silêncio, deitados lado a lado, os corpos tocando-se e aos dedos entrelaçados. A medida em que sua respiração voltou ao normal e o coração readquiriu o ritmo compassado, Cherish tomou consciência de centenas de perguntas que devia formular, mas não queria pôr um fim naquele momento perfeito de paz e satisfação.

Ziggy virou a cabeça lentamente e enterrou o rosto em seus cabelos, respirando fundo para sentir o aroma delicado.

Finalmente ele murmurou:

— Não vai perguntar nada sobre minha esposa?

— Só você poderia dizer algo tão inadequado num momento como este.

— Você parecia muito interessada no assunto quando eu cheguei.

— Muito bem, comece a falar— ela suspirou, resignada. Ziggy ergueu o corpo e apoiou-se sobre o cotovelo para fitá-la.

— Eu estava certo — disse com ar solene. — Ela não é minha esposa. Devia me ouvir com mais freqüência e atenção.

— Ziggy, ela...

— Não! Escute o que estou dizendo, Cherish. Quem quer que seja Catherine, ela tem cabelos escuros e olhos azuis. Aquela mulher é ruiva

e tem olhos castanhos.

Cherish sentou-se, subitamente interessada.

— Está começando a lembrar mais coisas, não é?

— Sim. Acho que logo conseguirei lembrar meu nome. Posso quase senti-lo na ponta da língua.

— Mas... onde está Catherine agora? Sua esposa...? Quero dizer, aquela mulher ruiva...? O que aconteceu?

— Assim que você partiu, ela me levou para o hotel onde estava hospedada. Não queria ficar sozinho com ela, e então sugeri que fossemos tomar uma xícara de café. Quando percebi que, quem quer que fosse, certamente não era minha esposa, disse que precisava usar o banheiro e fugi do hotel. Depois peguei um táxi, disse que vir ao Instituto e...

— Um táxi? Como pagou a corrida? Você não tem dinheiro!

— Eu... roubei a carteira dela.

— Ziggy!

— O que mais eu podia fazer para escapar? Além do mais, queria saber quem ela realmente era. Mas quando cheguei aqui, ninguém foi abrir a porta.

— Não. Juan tem ordem de jamais atender à porta. Se quiser ver Grimly, tem de simplesmente entrar e procurá-lo.

— Quem é Juan?

— Ah, esqueça. Não tem importância.

— Bem... Tive sorte de encontrá-la na sacada do quarto, ou acabaria invadindo o quarto do seu chefe. Sempre tive vontade de escalar o castelo até os aposentos de uma dama.

— Ziggy, você é maluco, Afinal, quem é aquela mulher?

— Boa pergunta. De acordo com os documentos que encontrei em sua carteira, o nome dela é Heáther Jones. E esse nome não significa nada para mim.

— E estranho. Por que alguém fingiria ser Catherine? — e arregalou os olhos, invadida por uma compreensão súbita. — Oh, meu Deus!

— Isso mesmo. Para pôr as mãos...

— No coelho!

— Bem, sim... Talvez... No coelho também, mas eu ia dizer... Bem,

para pôr as mãos em mim.

Cherish saltou da cama e foi buscar o coelho que deixara na sacada.

— Um pouco antes de você chegar, notou que esse boneco tem algo de estranho. Antes, só havia tocado suas orelhas, e por isso não percebi...

— E eu estava tão acostumado a segurá-lo, que nunca...

— Deve haver alguma coisa dentro do coelho!

— Meu Deus, essa sua camisola é o máximo, Cherish! Não sabe as coisas que ela me faz sentir.

Vermelha, ela conteve o desejo de dizer o quanto apreciava sua nudez. Outro hora... Agora não era o momento para entregar-se à luxúria, por mais que fosse o desejo. Tinham de descobrir o segredo d coelho.

— Mantenha-se atento ao assunto — censurou-o. Usando a faca que Juan trouxera com o lanche, abriu a barriga do boneco de pelúcia antes que Ziggy pudesse impedi-la. Rápido, ele pulou da cama e foi juntar-se a ela.

— Meu Deus!

Um pó branco e fino espalhou-se sobre as mãos de Cherish, brotando da barriga do coelho como uma cascata. A faca havia cortado não só o tecido rosado, mas uma fina embalagem plástica que envolvia o pó.

— Droga! Alguém estava tentando traficar droga dentro deste coelho! — ela exclamou.

— Deve haver no mínimo meio quilo — Ziggy murmurou, vendo o pó branco espalhar-se pelo chão. De repente uma cena surgiu em sua mente e ele exclamou: — Ei, espere um minuto!

— O que foi? Lembrou-se de alguma coisa?

— Sim... Milhares de coelhos... Estavam em caixas de madeira, e faziam parte de um carregamento que estava sendo levado para os Estados Unidos.

— Meu Deus! Ziggy você deve ter descoberto uma quadrilha de traficantes!

— Ou... Talvez eu faça parte da quadrilha.

— Que absurdo! Apesar de suas diversas falhas de caráter, é óbvio

que não é um criminoso.

— Como pode ter tanta certeza?

— Eu sei — ela insistiu, movendo-se em busca das roupas. Intrigado, Ziggy segurou-a pelo braço e obrigou-a a fitá-lo:

— Doutora Love, tenho a impressão de que está sendo afoita.

— Vista-se!

Ele ignorou a ordem e puxou-a de encontro ao corpo nu.

— Tem certeza? — sussurrou.

— Sim, tenho! Deus me ajude, mas tenho certeza absoluta! O beijo foi tão doce e terno, que Cherish quase esqueceu o que haviam descoberto segundos antes.

— Sabe que não podemos levar isso à embaixada, não é? — Ziggy comentou, soltando-a para vestir o short.

— Por quê? Acha que Waterson está envolvido?

— Não notou como ele estava ansioso para livrar-se de você? Não viu como ele ficou pálido quando eu disse que devia ficar com o coelho?

— Não, eu...

— Waterson foi a primeira pessoa com quem falou na embaixada?

— Não. Há dois dias, quando telefonei para a embaixada, a pessoa que me atendeu disse que o sr. Waterson era uma espécie de consultor especial, e que decidira cuidar do caso pessoalmente.

— Por que um consultor especial iria se preocupar com um caso de desaparecimento?

Enquanto abotoava a blusa, Cherish disse:

— Se Waterson está envolvido, tudo o que ele tem a fazer é repetir as informações que eu forneci desde o primeiro telefonema. E eu acreditei nele!

— Você não podia saber...

— Deus, acabei jogando você nas garras do lobo! Se ele e aquela mulher sabiam que você estava perdido no mar, então deviam imaginar que estava morto. Jamais teriam descoberto que conseguira escapar se eu não houvesse telefonado para a embaixada. Falei tudo o que sabia a seu respeito!

— Pare com isso — ele ordenou com tom duro. — Qualquer pessoa teria feito o mesmo em seu lugar.

— Como soube que havia algo errado? Por que me deu o coelho?

— Foi um pressentimento. Minha cabeça começou a doer, e isso sempre acontece quando lembro alguma coisa sobre aquela noite de tempestade. Senti que tinha de tirá-la dali o mais depressa possível e, quando percebi que estava saindo, decidi mandar o coelho com você — e suspirou, antes de sentar-se na cama. Agora estava novamente vestido. — Para dizer a verdade, estava apavorado com a possibilidade daquela mulher horrível ser realmente minha esposa.

— Eu... também tive medo — Cherish admitiu.

— Cherish... O que quer que aconteça, eu...

— Ziggy, quem quer que seja — ela o interrompeu, abaixando-se para calçar os sapatos —, é evidente que está metido numa encrenca das grandes. Não sabemos nem quem são seus inimigos.

Compreendendo que os problemas pessoais teriam de ficar para mais tarde, ele respondeu:

— Quem que sejam os inimigos, estão tratando de negócios. Acho que não devemos aparecer na reunião que Waterson marcou para amanhã cedo. Tenho a impressão de que Heather Jones tinha a missão de me levar para um lugar seguro e descobrir até onde eu conseguia me lembrar, para depois livrar-se de mim.

— E é claro que não poderiam dar cabo de alguém na embaixada.

— Não sei. Talvez haja mais algum envolvido na própria embaixada.

— Meu Deus... Vamos ter de falar com Grimly. Talvez ele tenha alguma idéia do que fazer. Venha comigo.

No momento em que abriram a porta do quarto, ambos ouviram um som estrondoso no andar inferior. Sem sequer parar para pensar no que estava fazendo, Cherish correu para o escritório de Grimly.

Ziggy seguiu-a de perto, alcançando-a e jogando-a no chão antes que ela pudesse chegar ao escritório.

Deitado sobre ela como se quisesse protegê-la de balas, murmurou:

— Fique quieta.

— Mas...

— Quieta! Fique aqui — e levantou-se, aproximando-se da porta entreaberta para espreitar.

— Isso é uma arma? — Grimly estava perguntado no interior do escritório. — Está apontando uma arma para mim? Por quê? Que tipo de

pessoa é você?

Cherish fechou os olhos, mais nervosa que nunca. Só Grimly Corridor teria a idéia estúpida de discutir com um invasor armado! Sentada no chão, viu Ziggy junto à porta e rezou para que ele tivesse um plano de ação, porque ela estava absolutamente em pânico.

— Onde está Ziggy Masterson? Era a voz de Waterson.

Então o nome dele era Masterson!

— Quem? — Grimly perguntou.

— Ziggy. O sujeito que veio, a Belize City com a doutora Love.

— Ah, aquele maluco desmemoriado que a fez perder quase seis dias de trabalho nas últimas duas semanas? E como posso saber onde ele está? Acho que Cherish o deixou na embaixada, com uma ruiva ridícula e mal vestida — e parou, notando a presença da ruiva. — Desculpe, madame.

A mulher resmungou um protesto indignado. Então Heather Jones também estava no Instituto! Dois homens riam, e Waterson ordenou que se calassem. Afinal, quantos homens haviam invadido o escritório de Grimly Corridor?

— Vamos tentar novamente — Waterson avisou. — Ziggy entregou algo que nos pertence a doutora Love. Se nos disser onde ela está de forma que possamos recuperar o...

— Não tenho a menor idéia de onde ela está.

— Não me venha com piadas, doutor Corridor! Ela disse que viria para cá!

— E veio. No entanto, não tolerava mais sua incompetência e sua irresponsabilidade. Eu a demiti.

— Você o quê?

— Ah, vamos lá! —Grimly exclamou. — Vocês conheceram Cherish Love. Acham que ela realmente parece uma antropóloga?

Então ele também havia notado sua aparência! Era surpreendente.

Grimly estava mentindo para salvar seu pescoço, mas... E se, para isso, tivesse de pagar com a própria vida?

— Para onde foi a doutora Love? — Waterson perguntou com tom cético.

— Não sei, e não é da minha conta. Mas acho que ela tem jeito de quem se hospeda no Bay Club.

— No Bay Club? — Heather repetiu. — Eu conheço aquele lugar.

— Eu já imaginava — Grimly comentou.

— Escute aqui, seu...

— Pare com isso, Heather — Waterson ordenou. — Doutor Corridor, acho que está mentindo para salvar a pele da doutora Love.

— Tem o direito de pensar o que quiser, sempre que for possível e que seu cérebro reduzido permitir. De qualquer maneira, está proibido de revistar o Instituto. Já interrompeu meu trabalho, e não posso mais negligenciar minha pesquisa sobre o povo Garifuna do século dezenove, especialmente por questões que não me dizem respeito. Sendo assim, faça o favor de sair imediatamente! E devo preveni-lo de que posso usar a força física, caso seja necessário.

— Eu tenho uma arma — Waterson exclamou incrédulo. — Estou impressionado com seus argumentos bárbaros. Cherish olhou para Ziggy e notou que ele lutava para conter o riso. Estava prestes a censurá-lo, quando uma figura enorme saiu das sombras e ergueu um pedaço de pau para golpeá-lo pelas costas.

Assustada, gritou a tempo de salvá-lo do pior, mas o porrete o atingiu de raspão e a força do impacto o atirou além da porta entreaberta. Assustado com o movimento súbito, alguém atirou e a bala o atingiu no ombro, jogando-o na direção oposta. Desesperada, Cherish parou na porta a tempo de ser alcançada por Ziggy que, desequilibrado, jogou-a no chão.

Heather gritou e apontou para Cherish. Juan, ainda armado com o porrete, aproximou-se de Waterson. Aproveitando o momento de confusão, Grimly atacou um dos capangas de Waterson, que atirou duas vezes na direção de Juan. Felizmente errou o alvo e, furioso, Juan ergueu o porrete e desferiu um só golpe, certeiro e violento. Waterson caiu, inconsciente, e o leal empregado virou-se para seus dois capangas.

— Ziggy! Ziggy! — Cherish gritava, rasgando a blusa para estancar o sangue que corria do ferimento.

Quando viu os três companheiros estendidos no chão, Heather rendeu-se

— Sensível — Grimly disse. — Vou chamar a polícia.

— Chame uma ambulância! — Cherish pediu.

— Ele está vivo?

— É claro que sim! Mas está perdendo muito sangue.

— Tente mantê-lo consciente. Juan vá procurar alguma coisa para estancar o sangue do ferimento... e traga outra blusa para a doutora Love.

— Oh, meu Deus — Cherish gemeu, incapaz de conter as lágrimas. — Ziggy, pode me ouvir?

— Sim, eu... Ai! Está doendo... Por que as pessoas estão sempre me acertando?

— Fique quieto...

— Não posso. Prefiro dar os dados sobre meu convênio médico antes de desmaiar. Sabe como são os hospitais... Oh, Cherish! Eu consegui! Lembrei!

— Lembrou o quê?

— Meu nome! Meu nome, o número do convênio, a cor do meu carro e a data do nascimento de meu pai! Lembrei!

— Ótimo, Ziggy, mas fique quieto! Não pode...

— Diga ao médico, ao embaixador, diga a todo mundo...

— Sim, Ziggy.

— Eu sou Comelius Ziegfeld Masterson III. E avise aquele desgraçado do Waterson que vou processá-lo!

CAPÍTULO XI

Havia muito a ser feito. Levaram Ziggy ao hospital e esperaram o relatório médico após a cirurgia. Depois prestaram depoimento e entregaram o coelho à polícia. Antes de perder a consciência, Ziggy havia dado um número de telefone na Flórida a Cherish e pedira que entrasse em contato com Clowance Masterson O'Grady, a irmã cujo nome e rosto haviam rondado sua memória tantas vezes. Embora a gravidez adiantada a impedisse de viajar. Clowance garantiu a Cherish que alguém da família Masterson, cuja maior parte encontrava-se em Nova York, partiria para Belize imediatamente. Para desgosto de Cherish, a família de Ziggy não parecia ter a menor idéia de seu desaparecimento.

Cherish só registrou o nome completo de Clowance depois de desligar o telefone. O'Grady. Qual seria a ligação entre Ziggy, Michael O'Grady e o Garota luxúria? E se seu cunhado fosse um traficante foragido?

Queria sentar-se ao lado dele e vigiar seu sono, mas Grimly insistiu em fazê-la voltar ao Instituto para uma refeição decente e algum descanso.

— O médico disse que ele vai se recuperar — lembrou ao ouvi-la protestar. — E também garantiu que ele terá alta em alguns dias.

No final, Cherish fez como Grimly havia dito. E estava mesmo precisando de algum descanso, porque dormiu até às quatro da tarde seguinte. Então ele a acompanhou de volta ao hospital, sempre reclamando por ter sido interrompido em sua importante pesquisa.

— Então seu desmemoriado misterioso é um Masterson! — exclamou, quando aproximaram-se do quarto de Ziggy. — Sabia que ele tinha algo de familiar, mas é difícil reconhecer alguém inconsciente, ferido e perdendo sangue. Primeiro imaginei que houvesse visto seu rosto num cartaz da polícia. Afinal, que tipo de pessoa mistura-se com traficantes de drogas violentos e perigosos? Mas devo ter percebido a imensa semelhança com seu pai.

— Você conhece a família Masterson? — Cherish perguntou incrédula, parando antes de alcançar a porta.

— Certamente! Eles financiaram duas de minhas expedições à selva Amazônica.

— É mesmo?

Então Ziggy estava certo. Havia muito dinheiro em sua vida.

— Sim. Mas então permiti que o avô do garoto me acompanhasse na expedição seguinte, e o sr. Masterson ficou absolutamente furioso. Ziggy devia ter dezoito ou dezenove anos. Sim, agora me lembro! Ele foi expulso da universidade de Barrington naquele mesmo ano! Algo relacionado a uma história absurda sobre uma travessura qualquer. Um cavalo na biblioteca, se não estou enganado.

— Posso imaginar — ela respondeu. — Mas quem são os Masterson? Você fala como se eles tivessem urna fortuna incalculável!

— E têm. Dinheiro antigo, tradição... Há um senador americano, um deputado e um embaixador entre os membros da família. Reunindo todos as empresas que possuem, a fortuna deve estar em torno de quatrocentos ou quinhentos milhões de dólares. Produtos De Panificação Masterson, Hotéis Masterson a Fundação Masterson...

Sempre em busca de fundos para suas pesquisas, masterson possuía um conhecimento impressionante a respeito das zonas de

concentração das grandes fortunas do mundo.

— Quinhentos milhões de dólares? — Cherish repetiu, chocada. E pensar que havia duvidado das lembranças de Ziggy sobre um Porsche, um cavalo e um jantar no Maxim's!

Uma expressão absolutamente mercenária surgiu no rosto de Grimly.

— Agora que salvamos Ziggy da morte, talvez a família decida nos recompensar com fundos para nossas pesquisas.

— Meu Deus! Acho que não quero ouvir mais nada, Grimly. Pelo menos por enquanto. Importa-se se eu ficar sozinha com ele por alguns instantes?

— De forma nenhuma. Vou inspecionar as possibilidades. Nunca se sabe de onde pode vir o dinheiro para o próximo trabalho.

— Isso mesmo. Vá fazer suas inspeções — ela disse, abrindo a porta do quarto em seguida.

— Finalmente! — Ziggy exclamou. Estava sentado na cama, usando uma camisola do hospital e ostentando uma quantidade absurda de gaze e esparadrapo no ombro ferido.

Apesar do que acabara de saber sobre ele, era como se estivesse diante do mesmo Ziggy de antes; bem humorado, simples e divertido. Apenas a palidez e os movimentos lentos indicavam o quanto havia sofrido nas últimas horas.

— Ziggy... — cumprimentou-o com tom aliviado. Aproximou-se devagar, contendo o desejo de correr e atirar-se em seus braços.

Então notou a mulher que levantava-se de uma cadeira, no canto do quarto, e parou.

Sentindo que não receberia o tão esperado beijo até terminar as apresentações, Ziggy apontou para a desconhecida elegante e altiva e informou:

— Cherish Love, esta é Catherine Masterson, minha irmã.

— Sua... irmã?

— Minha outra irmã. Não é engraçado? O relógio foi um presente dela em meu aniversário de treze anos.

— Sua irmã — ela repetiu, os olhos fixos no rosto de Catherine. Agora que sabia, podia até perceber a semelhança. Os dois possuíam o mesmo ar aristocrático, a mesma estrutura forte e os mesmos lábios

carnudos, sempre contraídos numa demonstração inconsciente de autoridade e poder.

Com um sorriso gentil e impessoal, Catherine deu alguns passos e perguntou:

— Como tem passado?

Agora compreendia onde Ziggy aprendera a ser tão gentil e impecável, mesmo nas situações mais embaraçosas e delicadas. Especialmente naquelas raras ocasiões em que decidira ser gentil!

— Você é irmã dele? — Cherish perguntou, estranhamente irritada. — Que tipo de pessoa é? Que tipo de família é a sua?

— Cherish, o que...? — Ziggy estranhou.

— Como puderam passar todo esse tempo sem sequer saber que ele havia desaparecido? Duas semanas, e ninguém o procurou! Sabe que ele quase morreu? Duas vezes!

— Infelizmente não soubemos que ele havia desaparecido — Catherine respondeu com tom frio, sem perder a pose.

— Ele não tinha a menor idéia de quem era e... O quê? Como assim, não sabiam que ele havia desaparecido?

— Não quer sentar-se, doutora Love?

— Não!

— Cherish, é melhor sentar-se — Ziggy aconselhou. Ela aceitou o conselho e, impaciente, insistiu:

— E então?

— Ziggy tem...?

— É assim que as pessoas o chamam de verdade?

Ziggy resmungou alguma coisa e explicou:

— Com um nome como Cornelius Zigfeld Masterson III, o que esperava que acontecesse? Felizmente encontraram um apelido!

— Tem razão. Entendo o que quer dizer — Cherish respondeu.

— Por que você mesmo não explica? — Catherine sugeriu ao irmão. — Talvez seja melhor.

— Sim, talvez — e começou. — Nossa irmã mais nova, Clowance, casou-se há cerca de um ano com um mergulhador, um caçador de tesouros submarinos. Meu avô e eu nos interessamos pelas operações e decidimos acompanhar as atividades de meu cunhado em Key West,

mergulhando e buscando tesouros.

— Isso explica seu bronzeado, os músculos e as mãos calejadas. Mas o que estava fazendo no garota Luxúria?

— Eu o comprei de meu cunhado...

— Ele não é nosso cunhado — Catherine corrigiu. — Ele é cunhado de Clowance.

— Certo — Ziggy concordou. — O irmão do marido de Clowance era o dono do Garota Luxúria, o sujeito que fugiu de uma penitenciária há alguns meses — e apressou-se a erguer as mãos num gesto defensivo, notando o olhar crítico da irmã mais velha: — Ei, eu não tenho culpa de nada!

— Comprei o barco quando soube que ele precisaria de dinheiro para pagar um bom advogado. Não sabia que ele usaria o dinheiro para desaparecer.

— Vamos torcer para que ele nunca mais apareça — Catherine comentou com desdém. — De qualquer maneira, Ziggy não transferiu o barco para o seu nome. Ele sempre esquece detalhes práticos desse tipo. Por isso não conseguiu descobrir sua identidade, apesar de conhecer o nome da embarcação.

— Oh, Ziggy.

— Por favor, Cherish, não comece você também com críticas e censuras. Passei a última hora ouvindo minha irmã repetir coisas como eu sabia, e eu avisei.

— Mas onde está o barco? Naufragou?

— O pessoal de Waterson tomou o cuidado de afundá-lo em algum lugar da costa mexicana. Imaginaram que, se alguém encontrasse o barco, Ziggy seria dado oficialmente como morto.

— Como soube disso?

— A polícia interrogou Waterson e o oficial me contou — Catherine explicou. — Ele e sua... noiva, digamos, concordaram em cooperar com as investigações e revelar os nomes dos cúmplices.

— Vejo que andou bastante ocupada — Cherish comentou com antipatia, lembrando-se dos comentários de Ziggy sobre a irmã.

Catherine não parecia alguém que havia sido acordada no meio da noite para ser informada sobre um tiro no ombro do irmão do irmão mais novo, voar até Belize e lidar com a polícia local, tudo em menos de doze

horas. Seu vestido de linho não estava sequer amassado!

— Contratei um piloto para tentar localizar o Garota Luxúria através de um helicóptero, Ziggy. Sei que tem uma ligação emocional bastante forte com aquela coisa horrível.

— Espero mesmo encontrá-lo.

— Por que estava navegando pela costa de Belize, e no meio de uma tempestade? — Cherish perguntou.

— Queríamos outro barco para a nossa caçada de tesouros, e sabíamos a respeito de um em excelente estado na Guatemala. Fui até lá para inspecioná-lo, e disse a Clowance e a meu avô que aproveitaria a viagem de volta para tirar umas férias. Queria explorar algumas ilhas menores no mar do Caribe, e por isso nenhum deles sentiu minha falta.

— Mas por que estava metido com uma quadrilha de traficantes?

— Foi um acidente. O dono do barco que eu queria comprar era sócio de Waterson na Guatemala, e participava da operação de tráfico. Eles fabricavam milhares daqueles coelhos horríveis, recheavam os bonecos com cocaína e os enviavam aos Estados Unidos.

— E Waterson estava usando sua posição de diplomata na América Central para facilitar as coisas — Catherine confirmou.

— Casualmente, acabei descobrindo o verdadeiro objetivo daqueles carregamentos — Ziggy prosseguiu. — Roubei um dos coelhos e pensei em entregá-lo às autoridades. Mas então eles perceberam que eu havia descoberto tudo, e fui forçado a seguir direto para a Guatemala.

— Então pegou o coelho e partiu — Cherish imaginou.

— Isso mesmo. Esperava encontrar a Guarda Costeira e entregar a prova do crime o mais depressa possível.

— Mas os bandidos o seguiram. Ziggy afirmou com a cabeça.

— Eles alcançaram o Garota Luxúria na costa de Belize, me amarraram e tentaram usar o rádio para pedir instruções ao chefe da quadrilha. Mas a tempestade desabou e eles não conseguiram contato.

— Lembra-se de todos os detalhes daquela noite? — Cherish quis saber, buscando sinais de dor ou desgosto em seu rosto.

Sua expressão demonstrava que as lembranças eram desagradáveis, mas suportáveis.

— Sim, quase todos. Tudo o que aconteceu depois que escapei do barco é um pouco nebuloso, mas...

—"Você pulou do barco? Numa noite como aquela?

— Não tinha escolha. Eles eram quatro, armados com facas e revólveres, e já haviam decidido que o melhor seria me matar. Não sou covarde, mas...

— Sei que é corajoso.

— mas não podia enfrentar quatro bandidos armados, especialmente depois de ter apanhado e passar doze horas amarrado em uma cadeira inclusive durante a tempestade tropical. Houve um momento em que pensei que todos nós morreríamos.

Ziggy contou sua fuga rapidamente, descrevendo como friccionara um dos pulsos contra a madeira desgastada da cadeira até soltá-lo, a tempo de enfrentar um dos bandidos armado com uma faca. Apesar do ferimento no ombro, havia conseguido apanhar a arma e cortar a corda que prendia sua outra mão. Em seguida pegara o coelho, o salva-vidas, saltara e desaparecera no mar agitado pela tempestade, sem saber sequer a que distância estava da costa.

— Lembro-me de pensar que já havia morrido — murmurou com ar distante. — Mas não consigo recordar como fui parar em índigo Beach.

Esquecendo a presença de Catherine, Cherish aproximou-se dele e segurou sua mão com ternura, afastando os cabelos que caíam sobre sua testa úmida de suor.

— Deve ter sido horrível — disse. — Por isso sua mente bloqueou todos os eventos.

— Foi realmente horrível. Não acha que mereço ao menos um beijo de verdade?

— Bem, hora de partir — Catherine disse. — Tenho certeza de que não precisa mais de mim.

— Adeus, Catherine — Ziggy despediu-se, agarrando o braço de Cherish e tentando puxá-la para a cama.

— Ah, a propósito — Catherine lembrou-se, parando na porta. — Vovô deve chegar ainda hoje. Até logo, doutora Love. Acredito que voltaremos a nos ver em breve.

— Com freqüência — Ziggy garantiu. Catherine saiu, e Cherish perguntou:

— Seu avô é parecido com ela?

— Não. Aposto que vai adorá-lo.

— Eu não disse que não gostava de sua irmã. Mas é que...

— Sei o que quer dizer. Vamos lá, me comportei bem e fui bastante paciente...

— Até agora.

— Então, trate de me dar um beijo. Conhecer sua verdadeira identidade não diminuiu a mágica do beijo. Pelo contrário.

— Outra vez — ele murmurou, tentando abraçá-la.

— Espere um minuto. Ainda há muita coisa que eu gostaria de saber.

— Agora? — e recostou-se sobre os travesseiros, fechando os olhos ao sentir a pontada na cabeça. — Ai! Aquele sujeito me bateu com força. Como está ele?

— Juan? Os médicos extraíram duas balas de seu braço direito. Ele recusou-se a tomar anestesia, analgésicos, e fez questão de permanecer em pé durante e operação. Grimly quis lhe dar alguns dias de folga, mas ele reagiu como se houvesse sido ofendido.

— E Corridor? Sobreviveu ao susto?

— Está furioso com você por ter interrompido seu trabalho, mas parece muito bem. Aposto que Waterson nunca pensou em como um homem tem de ser duro para sobreviver a meia dúzia de viagens pela Amazônia. Uma bobagem como aquela não seria suficiente para abalar o equilíbrio de Grimly.

— Não devia ter lhe dado aquele coelho. Quando penso o que podia ter acontecido...

— Shhh. Você não sabia.

— Isso não é desculpa.

— Você me expôs ao perigo, mas foi baleado para me salvar. Portanto... Estamos empatados.

— Se você acha — ele sorriu. — O que acha de mais um beijo? Talvez algo mais substancial... Esta cama parece forte.

— Ziggy, por acaso percebe quem você é?

— É claro que sim. Já havia dito que era rico, lembra-se? Muito rico! Tenho dinheiro em diversos bancos da Suíça!

— Ainda acho tudo muito estranho.

— Então vamos esclarecer tudo de uma vez por todas. Tenho trinta e dois anos, sou solteiro, tenho um passado memorável, mas nunca fiz

nada de que tivesse me envergonhado. Sou bom com o baralho por que meu pai me ensinou a jogar. Fui expulso de Barrington aos dezenove anos, mas consegui me formar três anos mais tarde. Só insisti nisso porque meu pai não aceitava minha participação nos negócios da família sem um diploma universitário. O que mais posso dizer? O Maxim's, o Ritz, o Porséhe, os cassinos... todas essas lembranças eram reais. Por isso pensei em abrir um pequeno hotel em Vodu Caye. A idéia era familiar, entende? Eu construi, inaugurei e administrei os três hotéis dos Masterson. Cheguei a pensar em abrir mais um deles em Key West, mas agora tudo mudou.

— Mudou?

— Por favor! Não vamos começar mais uma daquelas conversas femininas.

— Do que está falando?

— Vai fingir que não contava com meu retorno a Vodu Caye?

— Eu... eu...

— Vai fingir que não quer se casar comigo? Que não sabe que estou apaixonado a ponto de esquecer todo o resto? Que não ficou infeliz quando pensou que eu já tivesse uma esposa? Que...

— Espere um minuto!

Houve uma batida na porta e Grimly surgiu na soleira.

— Sente-se melhor?

— Vá embora, Grimly — Cherish ordenou. Ziggy está me pedindo em casamento.

— Isso mesmo! Vá embora — Ziggy concordou.

— Casamento? Esplêndido! Não esqueça o acordo pré-nupcial, doutora Love, especificando a quantia anual para o nosso fundo de pesquisa. Incluindo as somas destinadas à ajuda de custo dos pesquisadores, é claro.

— Vá embora, Grimly!

— Estou apenas atendendo ao chamado do dever. Sabia que estava certo ao contratá-la, apesar de sua aparência exuberante. Na primeira vez em que a vi, achei que estava diante de uma daquelas dançarinas de Lãs Vegas — e saiu, fechando a porta a tempo de evitar o travesseiro que Ziggy atirou em sua direção.

— E então? Vai fingir que não sabe que, de agora em diante,

obrigarei todos os homens a tratá-la com respeito?

Emocionada, Cherish deitou-se a seu lado com cuidado, temendo machucar seu ombro ferido, e ofereceu os lábios para um beijo terno e apaixonado.

— Mal posso esperar até que o deixem sair daqui.

— Por que esperar? — ele riu.

— Ah, não! Aqui não, Ziggy!

— Por que não? — e deslizou a mão até sua cintura, puxando lentamente o zíper de sua calça jeans.

— Alguém... Alguém pode entrar...

— São enfermeiras, e sabem o que homens e mulheres fazem quando estão apaixonados — e deslizou os dedos por baixo da renda delicada de sua calcinha.

— Ohhh... — O calor de sua mão, o sabor daqueles lábios... Como poderia resistir? — Mas... Você está ferido...

— Então tome cuidado.

— Ziggy...

— Humm?

— Já sei o que vou lhe dar de presente de casamento, apesar de ter tudo o que quer.

— Sabe?

— Sim. Uma cama decente na cabana de Vodu Caye.

— Boa idéia. Alguma vez eu disse como admiro sua inteligência?

— Uma ou duas vezes... Mas agora prefiro que diga o quanto me ama.

— E eu prefiro demonstrar.

FIM

Projeto pr Revisoras